



# Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 2



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA



# Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 2

Volume II da Seção de Estudos em Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA



1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

**Obra sem financiamento de órgão público ou privado**

**Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.**

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos  
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil  
website: [www.periodicojs.com.br](http://www.periodicojs.com.br)  
instagram: @periodicojs

# Prefácio



A coleção de ebooks intitulada de Humanas em Perspectiva tem como propósito primordial a divulgação e publicação de trabalhos de qualidade nas áreas das ciências humanas que são avaliados no sistema duplo cego.

Foi pensando nisso que a coleção de ebooks destinou uma seção específica para dar ênfase e divulgação a trabalhos de professores, alunos, pesquisadores e estudiosos das áreas das ciências humanas. O objetivo dessa seção é unir o debate interdisciplinar com temas e debates específicos da área mencionada. Desse modo, em tempos que a produção científica requer cada vez mais qualidade e amplitude de abertura para diversos leitores se apropriarem dos estudos acadêmicos, criamos essa seção com o objetivo de metodologicamente democratizar o estudo, pesquisa e ensino na área da ciências humanas.

Esse novo volume reúne diversos artigos rigorosamente avaliados e de extrema credibilidade científica e acadêmica para a sociedade. Desejamos que todos os leitores que façam um excelente proveito para aprofundamento teórico e crescimento pessoal por meio dos estudos publicados.

**Filipe Lins dos Santos**

**Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs**



# Sumário



## Capítulo 1

AS EMOÇÕES ASSOCIADAS AOS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

7

## Capítulo 2

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DO  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA AFROBETIZAÇÃO

19

## Capítulo 3

MELHORIA NA GESTÃO DE PESSOAS SETOR ADMINISTRATIVO

33

## Capítulo 4

TRIBUTAÇÃO INTERNACIONAL E MERCADO DE CAPITAIS

43

## Capítulo 5

ESQUIZOFRENIA E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE: COMO AS DUAS PATO-  
LOGIAS PODEM SE CONFUNDIR

69



*Capítulo 6*

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM CONJUNTO NECESSÁRIO NO PROCESSO  
EDUCATIVO

93

*Capítulo 7*

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

106

*Capítulo 8*

RELIGIOSIDADE E DEPRESSÃO: UMA ANÁLISE EM PASTORES PROTESTANTES

125

*Capítulo 9*

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DA RÁDIO NO PROCESSO DE ENSINO-  
-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CÂMPUS  
-TARAUACÁ/ AC

172

*Capítulo 10*

PEDRA DO FRADE: NARRATIVAS LITERÁRIAS E IDENTIDADE REGIONAL DE  
ITAPAJÉ-CE

188



# Capítulo



## AS EMOÇÕES ASSOCIADAS AOS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

---





# AS EMOÇÕES ASSOCIADAS AOS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

## THE EMOTIONS ASSOCIATED WITH THE ELEMENTS OF COMMUNICATION

Catarina de Freitas Barbosa Assis<sup>1</sup>

Darcy Moraes da Glória<sup>2</sup>

Lívia Moraes Araújo<sup>3</sup>

Roberto Tadeu Pereira Moraes<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo descrever como os elementos da comunicação interagem e como as funções a eles associadas podem influenciar o receptor da mensagem. A metodologia aplicada é revisão de literatura.

**Palavras-chave:** Emoções. Comunicação. Elementos da Comunicação. Funções da Linguagem. Jakobson.

**Abstract:** This article aims to describe how the elements of communication interact and how the functions associated with them can influence the receiver of the message. The methodology applied

---

1 Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal da Bahia/ Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia/ Bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia. Idealizadora, fundadora e gestora do Instituto Educar – Espaço de Leitura, Mediação e Formação de Leitor.

2 Pós Graduada em Psicopedagogia na Teoria Analítica-Jung Faculdade Olga Mettig. Pedagoga pela Faculdade Olga Mettig.

3 Especialista em Novas Tecnologias da Educação pela Universidade Católica de Salvador. Pedagoga pela Universidade Católica de Salvador.

4 Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado da Bahia. Licenciado em Química. Licenciado em Matemática. Técnico em Química pela Escola Técnica Federal da Bahia.



is a literature review.

**Keywords:** Emotions. Communication. Communication Elements. Language Functions. Jakobson.

## INTRODUÇÃO

A comunicação entre humanos, por mais natural e simples que pareça, e mesmo sendo qualidades inatas a gesticulação e a articulação de sons como palavras, foi sistematizada em meados do século XX pelo linguista russo Roman Jakobson (1896-1982), radicado nos EUA desde 1942. Jakobson é cultuado como um dos maiores, senão o maior, linguista de todos os tempos.

Como seu grande mérito, mas não único, Jakobson percebeu que a comunicação necessita de seis elementos para se completar, e que esses seis elementos essenciais estão correlacionados com também seis emoções, sentimentos, funções ou motivações.

Entre muitas e boas definições, comunicação é o processo de emissão, transmissão, recepção e entendimento de uma mensagem. Nessa própria definição já conseguimos extrair os seis elementos listados por Jakobson e imprescindíveis à comunicação: o EMISSOR, responsável pela emissão de uma MENSAGEM, em determinado formato (CÓDIGO), a respeito de ou sobre algo (CONTEXTO), que, sendo transmitida por um meio (CANAL), é recebida por um RECEPTOR e entendida por esse último.

Caso o receptor não receba ou não entenda a mensagem, por qualquer motivo, introduz-se aí o componente RUÍDO, um interferente negativo na qualidade da eficiência de qualquer um dos seis elementos, e que, reduzindo essa eficiência, impede que a comunicação se complete. E ainda, se o receptor sinalizar (estabelecendo mensagem de retorno) que recebeu a mensagem original, ocorreu, então, o FEEDBACK, estando patente aí a reversibilidade dos papéis de emissor e receptor. Não se exige que o feedback utilize o mesmo canal ou código da mensagem original, ou que o receptor a



tenha entendido.

Esses dois últimos componentes, ruído e feedback, não fazem parte dos elementos essenciais da comunicação, do conjunto proposto inicialmente por Jakobson. Foram introduzidos ao longo dos anos por muitos artigos e livros escritos desde o trabalho original de Jakobson, *Linguística e Poética*, publicado em Nova Iorque em 1960. Um trabalho de dois matemáticos, Weaver e Shannon, de 1948, influenciaram Jakobson.

## **O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E SUAS EXIGÊNCIAS**

Veremos, ao longo do texto, que todos os seis elementos estão intimamente ligados. É difícil definir um deles sem que se use termos ou conhecimentos, ainda que parciais, dos outros.

A mensagem é, antes de tudo, a expressão, verbal ou não verbal, de uma ideia. Tendo sido concebida por alguém, é exteriorizada em forma de signos verbais quando o ser humano se expressa por meio de palavras. A expressão não verbal, também possível, se dá quando gestos, imagens e outras linguagens que não palavras, gestos ou imagens são usadas, como por exemplo sons tipo assovios e música, sinais de fumaça, luzes.

Comunicar-se é desejar que esse conjunto de informações, contido na ideia, chegue a alguém. Esse desejo de que a mensagem se exteriorize é que move, que anima o emissor da mensagem a expressar-se.

Ora, diversos seriam os motivos para se ter tal desejo, e independentemente disso, é preciso escolher o canal que servirá de conduto para essa mensagem, ou ideia, ou conjunto de informações.

Essa escolha leva em conta o meio ambiente, a tecnologia de que se dispõe, facilidades e também as características do emissor e do receptor a quem se destina a mensagem.

O canal de comunicação mais comum é a linguagem” (LIMA, 1998). A linguagem deve ser conceituada como um sistema de comunicação. Quando recebemos uma mensagem via computador



ou rádio, que sabemos que foi transportada por meio eletrônico, ou mesmo uma mensagem em código morse, o meio foi a linguagem. A linguagem pode ser separada tecnicamente em três dimensões: forma (compreende a fonologia, morfologia e sintaxe), conteúdo (a semântica) e uso (a pragmática).

O meio ambiente envolve condições climáticas do ambiente e condições físicas do emissor e do receptor, horário da emissão e da recepção da mensagem e localização (distância) entre eles.

Apenas alguns meios de comunicação podem ou devem ser usados em condições climáticas desfavoráveis, pois as novas tecnologias transmitem mensagens principalmente por meio não físico, imaterial, e por isso mesmo sujeito a intempéries.

Nessa mesma lógica, a comunicação visual se torna difícil em certas condições, e mais ainda se levarmos em conta a distância entre emissor e receptor.

Também deve ser levada em conta as aptidões física e intelectual do emissor e do receptor em utilizar o meio escolhido. A falta de habilidades físicas ou culturais podem tornar um meio de comunicação totalmente inútil a alguns indivíduos. Em época recente, a UNESCO considerava analfabeto funcional o indivíduo incapaz de utilizar um telefone público ou de consultar uma lista telefônica, alijado da sociedade tecnológica (RIBEIRO, 1997).

O horário da emissão e da possível recepção da mensagem têm peso pela necessidade de que deve haver recepção e entendimento em tempo hábil, o que em alguns casos pode ser desastroso o atraso.

Enquanto o canal que conduzirá a mensagem tem sua importância no “por onde” a mensagem será transmitida, garantindo a quantidade e a qualidade da informação enviada, outro ponto essencial foca no “como” ou no de “que forma” esse conjunto se apresenta, exigindo capacidade intelectual do receptor para entendimento da mensagem.

A mensagem será enviada, como já foi dito, por sinais verbais ou não verbais. Os signos ou sinais verbais são sons inteligíveis de um idioma com suas variações linguísticas tais como dialetos, gírias, neologismos e corruptelas. Não haverá comunicação se o emissor, e igualmente o receptor, não



dominarem os signos usados no idioma escolhido, mas não necessariamente todo o idioma. Pignatari, diz que: “signo, ou representamen é toda coisa que substitui outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medida (PIGNATARI, 1976).

Os sinais ou signos não verbais (imagens, gestos, sons não fonéticos etc) também devem ser bem conhecidos ou facilmente identificáveis tanto por emissor e receptor, além de serem passíveis de serem transmitidos pelo meio escolhido para conduzir a mensagem, considerando o meio ambiente.

Nesse ponto, a capacidade do receptor em entender a mensagem recebida provocará nele uma reação: fez-se a comunicação. Sendo assim, a linguagem verbal, oral ou escrita, simbolizada por um idioma, não é a única forma de linguagem. Santaella diz:

[...] também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (SANTAELLA, 2003)

Assim, só com o prévio conhecimento dos signos usados na comunicação (capacidade intelectual) e boas condições do meio ambiente (capacidade ambiental) a comunicação se tornará possível. Pierre Lévy, em *As tecnologias da Inteligência*, afirma que o jogo da comunicação consiste em, por meio de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. (LÉVY, 1996).

### **RECONHECENDO OS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO**

É importante saber que todos os seis elementos da comunicação são síncronos, precisam ter

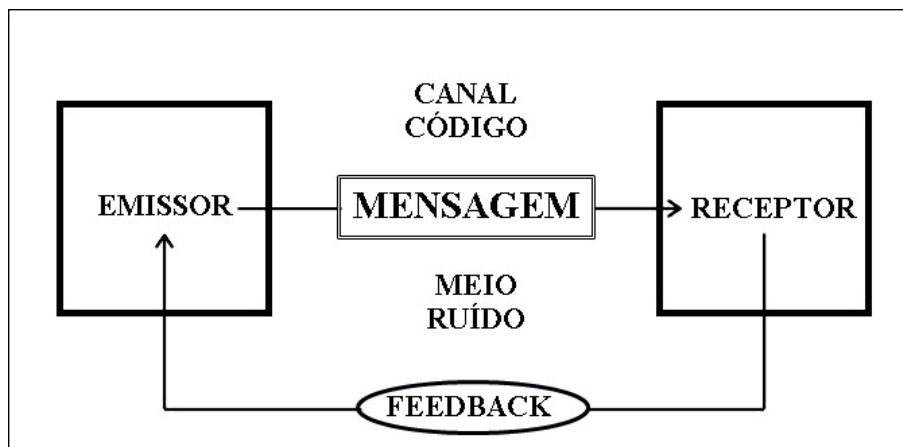


eficiência máxima e são indispensáveis, e por isso mesmo não há hierarquia entre eles.

O quadro 1 mostra a sequência lógica da comunicação. Alguém, um grupo ou uma instituição pretende exteriorizar um conjunto de informações que surgiram a partir de uma ideia. Esse alguém é o EMISSOR, e esse conjunto de informações é a MENSAGEM. A que se refere essa mensagem, o sobre o que se trata, é o CONTEXTO.

Essa mensagem é exteriorizada utilizando-se um CÓDIGO, que pode ser visual, auditivo ou audiovisual. A escolha desse código leva em conta, como já foi dito, fatores tecnológicos disponíveis e fatores ambientais, mas principalmente a capacidade do alvo da mensagem em entendê-la, de decodificá-la. Esse formato de envio é o que se chama de código, código não no sentido de algo obscuro ou que se tenha que desvendar, mas no sentido de formato, de modo.

Quadro 1



Fonte: Dos autores.

O alvo do envio da mensagem, que pode ser alguém, um grupo ou uma instituição, é dito RECEPTOR, sendo sua principal característica a capacidade intelectual de entender a mensagem, capacidade sem a qual nunca a decodificará nem será impactado por ela.

Essa mensagem é enviada ou emitida por um meio viável, envolvida por tecnologia disponível ao emissor e ao receptor, e também pelo meio ambiente. Esse meio de envio, denominado CA-



NAL, pode ser físico ou não, a depender do código usado, como visto, visual, auditivo ou audiovisual, verbal ou não verbal.

A repetição de termos e conceitos na caracterização dos seis elementos não é redundância, mas fruto da interpolação que existe entre eles.

## **FEEDBACK**

O objetivo da emissão da mensagem é que ela impacte o receptor de alguma forma, mas preferencialmente da forma desejada pelo emissor. E, ocorrendo o impacto, que o receptor emita sinais de que a mensagem foi entendida.

Se a mensagem ou fragmentos dela chegarem ao receptor e esse emitir sinais desse recebimento, teremos aí o que se chama de FEEDBACK, ou seja, a resposta à tentativa de comunicação, sendo ela entendida ou não.

Essa resposta, o feedback, pode ser uma resposta completa de retorno (que pode ser inclusive um pedido de repetição ou reenvio), mas se espera uma tomada de atitude positiva por parte do receptor.

Perceba-se que um feedback negativo não prejudica o fluxo da comunicação, cujo objetivo era, desde o início, impactar o receptor.

## **RUÍDO**

Quando há ineficiência de qualquer um desses seis elementos, a comunicação não se completa, ou se faz de maneira corrompida, talvez inútil ou até mesmo perniciososa. Isso se dá pelo fato de que o objetivo do envio da mensagem era estabelecer comunicação clara entre o receptor e o emissor.

A diminuição dessa clareza que resulta em corrupção da mensagem e consequente dificulda-



de para seu entendimento por parte do receptor, é chamada de RUÍDO. O ruído pode agir em qualquer um dos seis elementos.

O ruído pode ser tão intenso ao ponto de comprometer totalmente o entendimento da mensagem a tornando inútil. Pequenas variações da qualidade da mensagem, mas que ainda permita o seu entendimento mesmo que às custas de grande do receptor, podem ser aceitáveis, mas tornam o contexto não confiável, pois “a comunicação é o processo de transmissão plena de uma ideia” (WEAVER, 1948). Vê-se, também, que aceitação do contexto é meramente cultural.

### **AS FUNÇÕES ASSOCIADAS AOS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO**

Pode parecer que cada elemento da comunicação tem sua própria função de linguagem. Não é verdade. A comunicação completa-se usando seus seis elementos simultaneamente, de forma integrada e totalmente eficientes. As funções da linguagem acompanham a comunicação em si, e as funções são também seis, mas cada uma evidencia um desses elementos.

Assim, a função REFERENCIAL (frequentemente relacionada ao CONTEXTO, ao sobre o que se fala), não pertence ao contexto, mas apenas enfatiza o contexto, em detrimento parcial dos outros cinco elementos. Essa função visa a objetividade da mensagem, da sua precisão, do entendimento do que está sendo transmitido. Aparece em mensagens jornalísticas e didáticas. Tenta convencer o receptor pela objetividade e pragmatismo.

Já a função FÁTICA tem como protagonista o CANAL, a via de transmissão. Estabelecer, manter e desfazer o contato são as suas características. Nela, são comuns os vocativos e interjeições. Tenta convencer o receptor pela invocação da sua atenção. Também usada para encerrar a mensagem.

A função METALINGUÍSTICA está relacionada ao CÓDIGO e suas regras, à sua auto explicação, explica o que se disse ou o que vai se dizer. É imperativa. Muito usada em publicidade. Tenta convencer o receptor pelo uso das palavras certas e contundentes.





A estética da mensagem usa como ferramenta a função POÉTICA. Produz mensagens mais rebuscadas, com sentido figurado e subjetivo. Tenta convencer o receptor pela beleza da mensagem.

Quando a mensagem destaca o EMISSOR, é a função EMOTIVA que se sobressai. As emoções, sentidos e desejos do emissor são apresentadas com mais força. Tenta convencer o receptor envolvendo-o com as emoções do emissor.

A função CONATIVA está evidente quando a mensagem se ocupa de influenciar o RECEPTOR, a fim de este a aceite. É imperativa e altamente apelativa. Tenta convencer o receptor colocando-o no centro da mensagem.

## **CONCLUSÃO**

Verifica-se que os elementos da comunicação como sistematizou Roman Jakobson podem ser destacados na mensagem por ênfase em cada um deles, utilizando-se o que se chama de funções da linguagem. O objetivo final será sempre convencer o receptor da mensagem a tomar uma atitude favorável ao pleito do emissor. Cabe ao emissor fortalecer uma dessas funções inteligentemente para alcançar o sucesso de persuadir o receptor, além de agir para que não ocorra corrupção por ruídos. Os elementos da comunicação têm que trabalhar de forma síncrona e com eficiência para que esta se complete de forma satisfatória. Dominar a tecnologia disponível, conhecer os códigos e o meio ambiente e o receptor, são ferramentas que ajudarão o emissor a chegar ao seu objetivo.

## **REFERÊNCIAS**

GOMES, Mayra R. Jornalismo e ciências da linguagem. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000

HOHFELDT, A; FRANÇA, V; MARTINO, L. Teorias da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2001



LÉVY, P. (1996). *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na era da Informática*. (Trad.) Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34

LIMA, José Aloísio Nunes de. *Panorama Crítico e Comparativo das Teorias da Comunicação*. Tese de doutorado pelo Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 1998. (Digitalizado).

LOPES, M.I.V. (org.). 2003. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo, Loyola.

MARIANI, Bethania. Porque ler Roman Jakobson na atualidade?. Cuiabá: Rev. Polifonia, v.22, n.31, p. 407-430, 201cinco

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Digitalizado).

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. Rev. Educação e sociedade, a. XVII, n.6 0, dez 1997

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SOUSA, Jorge P. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia*. São Paulo: Letras Contemporâneas, 2004



VANOYE, Francis. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WEAVER, W.; SHANNON, C. A teoria matemática da comunicação (1948): COHN, G. (org.). Comunicação e indústria da comunicação. 3ed. São Paulo: Nacional, 1977



# Capítulo

# 2

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA AFROBETIZAÇÃO

---



# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA AFROBETIZAÇÃO

## LITERACY AND LITERACY: BIBLIOGRAPHIC REFLECTIONS ON THE PROCESS OF ACQUISITION OF READING AND WRITING IN AFROBETI- ZATION

Patrícia Pereira Paulino<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho discute as temáticas da educação e os processos de ensino-aprendizagem de Jovens e Adultos ao longo da sua vida, tomando como recorte relações raciais, afrobetização e EJA no Brasil, considerando o que determina a Lei 10.639/03. Trata-se de um estudo que contempla a análise de indicadores, a pesquisa bibliográfica e os dados de experiências na EJA pensados à luz de Paulo Freire. Os resultados revelam que o Ensino para os Jovens e Adultos por ser constituído majoritariamente por negras e negros, é basicamente uma política afirmativa, que busca solucionar distorções e injustiças históricas. Para isto, é apontada a união da afrobetização e letramentos de (re) existências.

**Palavras-chave:** Afrobetização, Letramentos, Educação de Jovens e Adultos.

---

<sup>1</sup> Graduada em História Licenciatura pela UFMG, Pós Graduação em Gestão de Instituições Federais de Ensino Superior, Pós Graduação em Gestão Escolar pela IPEMIG



**Abstract:** The present work discusses the themes of education and the teaching-learning processes of Youth and Adults throughout their lives, taking racial relations, Afrobetization and EJA in Brazil as a cut-out, considering what is determined by Law 10.639/03. This is a study that includes the analysis of indicators, bibliographical research and data from experiences in EJA, thought of in the light of Paulo Freire. The results reveal that Education for Young People and Adults, as it is mostly made up of black men and women, is basically an affirmative policy, which seeks to solve historical distortions and injustices. For this, the union of Afrobetization and literacy of (re)existences is pointed out.

**Keywords:** Afrobetização, Literacy, Youth and Adult Education.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende abordar a alfabetização de Jovens e Adultos Negros no universo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as perspectivas de análise de sua existência. Pretende-se discutir o problema da afrobetização nos espaços da EJA; compreender como são formadas as identidades deste público escolar e pensar em que medida o processo de letramento deste público pode implicar na permanência/evasão neste espaço escolar; na mudança de paradigmas para a sua comunidade escolar e estabelecer parâmetros de avaliação das práticas de letramento e a EJA.

O presente artigo pontua que o fenômeno da evasão é social, ético, pessoal e contrapolítico com fatores expressivos no que diz respeito aos aspectos identitários e à construção/ressignificação das práticas de letramento destes alunos. Desse modo, os resultados interpretativos do artigo em questão apontam para o fato de que a desistência é algo social, emocional e politicamente importante



no processo de letramento.

Analisando as dinâmicas de produção da escrita e leitura discente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é perceptível a mudança e um deslocamento de posições sociais, podendo ser seguida de rupturas, com a mudança do contexto cultural, das interações e também das formas de atuação dos alunos em seu contexto social.

A evasão, desafio inerente ao processo de letramento de jovens e adultos negros no Brasil é admitida enquanto um fenômeno presente neste universo escolar da EJA, não podendo prescindir de olhares que apontam apenas a falta de interesse e apatia por parte dos adultos para a sua permanência na esfera educacional. Mais que isso é importante analisar que caminhos disponibilizados são intimamente acompanhados com olhares democráticos pelos educadores presentes na escola.

Quando se fala no presente artigo em educadores nas escolas, compreendemos todo o corpo docente e os demais envolvidos na estrutura educacional do espaço. Tudo é educação. Dentre os diferentes conceitos de identidade que partem de uma perspectiva cultural, neste artigo abordaremos a identidade como o entrelaçamento do eu com sua própria cultura nos processos de negociação de significados e posicionamentos em que o sujeito se assume na sua contextualização (AUER, 1995), os quais são concretizados em interlocuções.

O objetivo do trabalho é discutir e analisar as reflexões existentes acerca dos impactos, mudanças e fatores que implicam a afroretização na EJA e a identidade destes indivíduos refletida através da Educação.

Como objetivo específico podemos pontuar:

—Repensar o papel da Alfabetização e Letramento na EJA diante das transformações geradas por esta modalidade nos paradigmas da sociedade e das comunidades escolares.



—Pontuar os impactos positivos no enfrentamento dos educadores aos desafios de alfabetização do público da EJA.

—Analisar os avanços na sociedade e na Educação pensando a questão da evasão e da construção de uma identidade do público da EJA.

—Pontuar possibilidades e a sua influência para a alfabetização ao se problematizar as questões concernentes ao letramento e a evasão escolar na EJA.

—Colocar a importância da metodologia e mediação do professor para o entendimento e problematização destes fatores.

O público da EJA geralmente são trabalhadores e trabalhadoras em sua maioria negras(os) que, geralmente, precisam conseguir pessoas para cuidar dos filhos e parentes, lidam com ciúmes do companheiro ou companheira e mudam de endereço com frequência.

São, em sua maioria, de outras cidades e conseguem trabalho no horário noturno; chegam aos núcleos cansados, com fome, são tímidos, muitos sem pais, ou a família está separada.

Os seus pais muitas vezes não chegam a ter ensino fundamental completo, têm muitas dificuldades de falar em público, baixa autoestima quando percebem que o curso é distante do que esperavam, pensam em desistir constantemente e vivem muito próximos da violência urbana, do tráfico de drogas etc. (PMF; SME; DEC, 2008, p. 7).

Entender este público partindo de uma problematização das questões que envolvem a evasão escolar e as possibilidades de formação de suas identidades através da EJA é essencial para compreendermos as particularidades destes alunos. Todos os núcleos têm de estar preparados para atuar na prevenção do abandono no processo de escolarização.





## **DESENVOLVIMENTO**

Na análise de interações simbolicamente mediadas pelo letramento, tendo foco na compreensão de como os fenômenos psicológicos são produzidos nestes discursos, é possível se pensar nas particularidades do letramento de Jovens e Adultos, que são em sua maioria negros e trabalhadores.

A posição do público da EJA caracteriza o seu lugar social, psicológico e discursivo perante uma sociedade que cobra pela homogeneização de currículos em vez de diversidade, que cobra pela globalização esquecendo de regiões invisíveis aos olhos das políticas governamentais. Espaços múltiplos estes que escrevem suas próprias narrativas e ressignificam conceitos de práticas discursivas de interações.

O posicionamento político democrático na Educação de Jovens e Adultos é uma estratégia que possibilita aos sujeitos educadores assumirem, negociarem, produzirem e rejeitarem tais posições estereotipadas, ou seja, tais posturas dos educadores se constituirão numa construção discursiva de histórias pessoais que farão ações inteligíveis enquanto atos sociais e dentro dos quais os membros de uma conversa têm locações específicas das quais muitas vezes não se sentem pertencentes.

A evasão é consequência de um reflexo da realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização. A pesquisa enquanto atividade constitutiva da pedagogia crítica, se faz necessária no fortalecimento dos discursos de educadores e professoras nos diários enfrentamentos característicos do exercício da docência e do letramento.

BOURDIEU (1983) defende que o que é central aos alunos para a sua permanência na escola, seria a construção da identidade institucional pelos próprios alunos enquanto atores sociais e porque



não protagonistas dessa esfera em todos os seus níveis. Os posicionamentos deste público da EJA se referem à atualização de si, ao conjunto de possibilidades que a pessoa pode atuar, concretizando significados na interação e os transformando.

Na medida em que o indivíduo explica e argumenta o presente, apresenta e interpreta o passado, apresenta suas visões de mundo e projeta o futuro em suas possibilidades, ambivalências são identificadas da tensão produzida pelo sistema.

O atual momento brasileiro guarda semelhanças com a época vivida por Paulo Freire, marcada pelo abafamento da democracia e, conseqüentemente, do autoritarismo agora explícito sobre as minorias – pessoas que se encontram fora da esfera de atuação e dominação política e econômica (Freire, 1990)

Freire é simplesmente o educador brasileiro mais conhecido internacionalmente pela sua contribuição à teoria e à prática da educação de jovens e adultos. Percebendo a identidade como um processo em permanência e mudança, em que a pessoa, na sua historicidade, é múltipla e única, contínua e descontínua, individual e social, o sujeito múltiplo apresenta uma estrutura aberta e flexível (Straub, 2013), que experimenta as vivências de suas posições sociais e políticas.

Nesse sentido, Paulo Freire é um dos mais importantes filósofos da libertação, pioneiro da alfabetização e da pedagogia críticas sobre as abordagens da alfabetização e do letramento. Já as universidades são responsáveis por diferentes encaminhamentos em torno dos métodos, ancorados em teorias assumidas por diferentes grupos de pesquisadores.

Tais instituições são locais privilegiados para a produção científica, logo, a existência da diversidade metodológica para a alfabetização se torna inevitável, pois, comumente, é produto das ciências, caracterizadas pelo dinamismo em função das demandas sociais por inovação.



É preciso que se estabeleça uma ponte entre Universidade e Escolas, para que o conhecimento levantado pelo público da EJA seja analisado e entendido ao passo que o conhecimento levantado pela Universidade atenda às Escolas. Infelizmente há quem prefira deslegitimar a diversidade de saberes e prefira defender alguma metodologia como a única resposta ao desenvolvimento insatisfatório dos alunos em leitura e escrita (afroletramento e/ou afrobetização).

Cabe ao secretário de educação não adotar uma teoria oficial que implique num alinhamento conservador: com o tempo, a adesão crédula se impõe ao espírito de pesquisa e formação da autonomia. Resta aos gestores educacionais o desafio da construção de currículos flexíveis, receptivos ao diálogo com os demais agentes da educação, mesmo que, nas diretrizes elaboradas, sejam assumidas, mais ou menos, algumas teorias.

### **METODOLOGIA**

É papel do educador inserir o indivíduo no seu meio social, com bagagem que possibilite nessa adoção formar um cidadão crítico, ativo, reflexivo e autônomo.

Neste processo é necessário um conhecimento microcultural da comunidade escolar por parte dos professores, ou seja, é importante que o mesmo conheça as condições reais de vida do aluno, ao se aproximar do seu mundo como alguém que sabe ouvir e que procura estar disponível e que também demonstra o quanto se importa com o que acontece com ele (PMF; SME; DEC, 2008, p. 7).

Nesse sentido, ao refletir sobre a contribuição dos estudos do letramento, é preciso que se considere a realidade social destes sujeitos e dos contextos em que as ações educativas se desenvolvem. É importante uma focalização do local, para além das condições sociais e econômicas, pensar



no modo como a cultura escrita circula entre os indivíduos, como ela é apropriada e como se constitui nas relações sociais nesses contextos específicos.

É importante que o espaço escolar e os diversos ambientes educativos dentro da escola direcione os alunos da EJA para o futuro, fazendo-o interagir com os professores, outros alunos e também com as tecnologias disponíveis, de forma a incentivar um melhor aproveitamento do ensino.

Uma educação transformadora na EJA acontece onde há a valorização do conhecimento do aluno na sociedade enquanto um conteúdo integrador. Em que se pese o desenvolvimento do autoconhecimento, de alunos cidadãos.

É importante que as aulas para este público tenham como objetivo promover atividades em que o protagonismo e a autonomia dos sujeitos seja prioridade. Nas escolas que recebem alunos de EJA, observa-se a coordenação e o educador regente comentando sobre os contatos telefônicos feitos com os desistentes e os retornos obtidos.

Em muitos casos, os alunos que se evadiram, justificam tal evasão por motivos de natureza laboral ou de saúde, mas sempre se referem à intenção de retornar à escola em breve, comportamento que não acontece.

O que parece certo é que o movimento de permanência/evasão nesses contextos específicos tem causas diversas: do mesmo modo, parece certo que o estabelecimento de relações de diferentes ordens no espaço escolar pode ser determinante no que diz respeito à permanência ou não nesse espaço.

### **DISCUSSÃO TEÓRICA**



A responsabilização das alfabetizadoras pelo fracasso escolar do público da EJA é um des-pautério. Mas haverá fracasso escolar se o olhar para o público da EJA não for transformador, liber-tador e despido de estereótipos que distanciam este público de seu espaço na sociedade.

Isso é fruto de uma leitura simplificada do emaranhado de atores integrantes do sistema de ensino. Até mesmo uma leitura crítica das políticas subjacentes à produção e distribuição de materiais didáticos traria algum esclarecimento a respeito do tipo de força incidente sobre o trabalho docente.

As narrativas possibilitam a compreensão das dinâmicas de permanências e mudanças na produção de significado e interpretações de si, do outro e do mundo, sobre a natureza e as condições da existência dos contextos vivenciados, das memórias e das tessituras de histórias de vida inter e trans geracionais. Para isso não é necessário ter um conhecimento formal, visto serem práticas uni-versais e culturais.

As narrações na EJA são ricas em declarações pois se referem à experiência pessoal e ten-dem a ser detalhadas com o foco em eventos e ações. Dessa maneira, o ato de contar história define-se como uma habilidade independente do educando e do conhecimento de línguas.

SEABRA e CAPOVILLA (2010) se contrapõem às políticas oficiais de alfabetização infor-madas pela abordagem teórica do construtivismo. O repúdio pelo viés construtivista na educação fica evidente nas escolhas lexicais referentes à teoria, em apresentações de diferentes edições do livro dos autores.

Quanto a esta discussão, Demo afirma que as teorias são feitas para serem questionadas. A necessidade da inserção dos alunos em práticas de escrita mais diversificadas do que as características dos diferentes métodos de alfabetização demanda o exercício da autonomia pelas educadoras (ALBU-QUERQUE; Moraes; FERREIRA, 2008; GALVÃO; Leal, 2005).



Em outros termos, em função das transformações sociais, incluindo aí a emergência das tecnologias digitais, bem como do desenvolvimento produzido por pesquisas científicas, o processo de alfabetização exige, minimamente, das alfabetizadoras a garimpagem de propriedades de diferentes métodos para responder às demandas escolares.

Com senso crítico, CAGLIARI (2007, p. 64) pontua que não é o método fônico nem a teoria construtivista que é a salvação para um bom trabalho de afroletramento, mas a competência técnico-linguística do professor e as condições materiais de realização de seu trabalho.

FREIRE, (2014) coloca que em suas inquietações para uma compreensão rigorosa da alfabetização e de como se pode dar a alfabetização, trouxeram o sociolinguista e o psicolinguista, e não só os educadores.

Ou seja, a contribuição dos cientistas, dos pesquisadores no campo da sócio e da psicolinguagem e linguística, os seus achados, não são suficientes, não têm a autonomia, no sentido epistemológico da palavra, para explicar a relação entre cidadania e alfabetização. A explicação última é a da ciência política.

## **CONCLUSÃO**

As pessoas se tornaram, ao longo de algumas décadas, cada vez mais consumidoras e produtoras da cultura tecnológica no mundo. É cada vez mais urgente que as tecnologias sejam parte significativa do universo da Educação.

As tecnologias móveis trazem grandes desafios de organização dos processos educacionais de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora do ambiente escolar” (J. MORAN, M. MA-



SETTO, e M. BEHRENS, 2013).

O uso das linguagens tecnológicas no ensino é um importante campo de investigação, uma possibilidade para o brincar aprendendo e a criação de conhecimento. O aprendizado normalmente se dá de forma diferenciada, a nova geração de alunos estabelece uma relação diferente com o conhecimento e com as informações recebidas, portanto, é necessário que a introdução tecnológica a ser feita no ambiente escolar tenha caráter criativo e crítico, buscando, como maior objetivo, o desenvolvimento da autonomia desses indivíduos.

Tendo em vista que o processo de aprendizagem é constante e permanente, a introdução da tecnologia no ambiente escolar não traz benefícios apenas aos alunos, mas também aos professores, que aprendem e atualizam suas informações junto com os alunos. A educação torna-se uma forma de emancipação do indivíduo.

Ao dominar técnicas e comandos das tecnologias utilizadas em sala de aula podem também utilizá-las em sua casa como ferramentas de aprimoramento do conteúdo apreendido na escola. O que também auxilia no processo de aprendizagem constante, ou seja, o aluno não deixa de aprender fora da escola, pois ele continua recebendo informações e transformando tudo o que tem contato com o conhecimento.

O professor, por outro lado, aprende sobre cada um de seus alunos. Como posto anteriormente, é errôneo acreditar que todos os indivíduos aprendem da mesma forma, com os mesmos estímulos, com o mesmo tempo. A introdução da tecnologia no ambiente escolar é forma de garantir que todos os alunos serão estimulados de acordo com suas necessidades.

As aulas e o aprendizado se tornam mais interessantes e dinâmicas aos alunos, que por vezes se percebem entediados e cansados dos métodos de ensino tradicionais, muitas vezes inclusive prefe-



rindo abandonar a escola do que permanecer em um ambiente de ensino obsoleto.

Utilizando-se desses recursos, formam-se indivíduos cada vez mais aptos a viver e a se relacionar com o mundo fora do seu ambiente escolar, até mesmo no mercado de trabalho. Ao conscientizar esses indivíduos de que o aprendizado nunca tem fim, eles serão cada vez mais capacitados e familiarizados com as técnicas de solução rápida e eficazes de conflitos reais.

Diante de todos os pontos apresentados, é inegável que a implantação de tecnologia no ambiente escolar só tem a beneficiar as escolas e enriquecer o trabalho dos professores, formando indivíduos cada vez mais independentes e muito mais interessados na busca de informações e em absorver o conhecimento de todos os espaços que eles ocuparem.

## **REFERÊNCIAS**

AUER, P. (1995). Context and contextualization. In J. VERSHUEREN, J.O. Ostman & J. Blomamaert (Eds.), Handbook of pragmatics (pp. 1-19). Amsterdam: John Benjamins.

MORAIS, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. 10a ed. São Paulo: Scipione, 2007.

FREIRE, Paulo. Conversando com Educadores. Montevideu: Roca Viva, 1990.





FREIRE, Paulo. *Política e Educação: Ensaio*. São Paulo: Cortez, 1993.

GALVÃO, A.; LEAL, T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. F. (orgs.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.

GOIS, D. N. S., & BARBATO, S. B. (2018). Dinâmicas de produção de identidade docente en la educación de adultos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 480-493. <https://doi.org/10.1590/1982-37030000492017>

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. *Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas. : Papirus, 2000.

SEABRA, A. G., & CAPOVILLA, F. C. (2010). *Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras*. São Paulo: Memnon.



# Capítulo

# 3

## MELHORIA NA GESTÃO DE PESSOAS SETOR ADMINISTRATIVO

---



## MELHORIA NA GESTÃO DE PESSOAS SETOR ADMINISTRATIVO

### IMPROVEMENT IN PEOPLE MANAGEMENT ADMINISTRATIVE SECTOR

Dionizia Burack<sup>1</sup>

Natália Aguiar De Menezes<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo tem como pensar na melhoria na gestão de pessoas no setor administrativo e de motivar as pessoas a trabalhar em equipe, para não sobrecarregar só um colaborador, diminuindo o trabalho, oferecendo melhores salários, com benefícios e recompensando o seu desempenho. Gestão de pessoas é o conjunto de princípios, métodos, tarefas associadas às pessoas da empresa, envolve a empresa e o funcionário para atender os mesmos objetivos, onde a empresa oferece oportunidades de crescimento ofertando treinamento e desenvolvendo as suas habilidades, e promovendo ao cargo. A vantagem de se aplicar gestão de pessoas na empresa, seus benefícios a motivação de satisfazer a necessidade de cada colaborador, motivando por meio do reconhecimento e planos de carreiras dando um bom treinamento e desenvolvendo as suas habilidades, proporcionando um bom ambiente de trabalho, beneficiando os colaboradores assim eles trabalham mais motivados atendendo melhor os clientes e gerando mais lucros para a empresa, ganhando mais mercado. A melhoria no setor administrativo e de desenvolver pessoas para o trabalho, levando o funcionário a promoção de cargo, tendo uma visão abrangente no mercado, satisfazendo as suas necessidades e sendo remunerado pelo trabalho prestado, sendo gratificado por ter alcançado as metas, assim o profissional e a empresa saem ganhando por se destacar no mercado pelo bom trabalho ofertado.

---

1 Graduada em Processos gerenciais EAD Unicesumar e cursando pós em Gestão de pessoas

2 Especialista em EAD e Tecnologias Educacionais, Gestão de Pessoas na Cesumar, Graduada em Pedagogia, Processos Gerenciais Cesumar e atualmente professora na Cesumar



**Palavras-chaves:** Motivação, Satisfação, Conhecimento, Benefícios, Vantagens.

**Abstract:** The purpose of this article is to think about improving people management in the administrative sector and motivating people to work as a team, not to overload just one employee, reducing work, offering better salaries, with benefits and rewarding their performance. People management is the set of principles, methods, tasks associated with the company's people, it involves the company and the employee to meet the same goals, where the company offers growth opportunities by offering training and developing their skills, and promoting to the position. The advantage of applying people management in the company, its benefits, the motivation to satisfy the needs of each employee, motivating through recognition and career plans, giving good training and developing their skills, providing a good working environment, benefiting employees work more motivated, serving customers better and generating more profits for the company, gaining more market. The improvement in the administrative sector and to develop people for the work, taking the employee to the promotion of position, having a comprehensive vision in the market, satisfying their needs and being remunerated for the work provided, being gratified for having reached the goals, so the professional and the company win by standing out in the market for the good work offered.

**Keywords:** Motivation, Satisfaction, Knowledge, Benefits, Advantages.

## INTRODUÇÃO

A justificativa deste artigo é de mostrar como as funções da gestão de pessoas podem contribuir para o alcance de seus objetivos organizacionais e pessoais seus benefícios e vantagens.

A partir da teoria de melhorias da gestão de pessoas no setor administrativo, é onde a em-



presa tem que ter uma visão voltada no funcionário, dando a ele motivação e planos de carreiras, para satisfazer as suas necessidades e atingir seus objetivos pessoais e profissionais, cumprindo suas metas e sendo recompensado pelo trabalho prestado.

O objetivo geral da pesquisa é de avaliar as vantagens e benefícios de trabalhar em equipe na gestão de pessoas, administrando o comportamento das pessoas e fortalecendo o capital humano nas organizações.

A abordagem ao problema da pesquisa é de se aplicar uma gestão de pessoas no setor administrativo para reconhecer o funcionário dando a ele recompensa ao trabalho prestado.

## **GESTÃO DE PESSOAS?**

Conforme STADLER e PANPOLINI (2014) os autores definem gestão de pessoas e o conjunto de princípios, método e tarefas associadas ao mesmo objetivo fornecer benefícios para a relação de trabalho, sendo um órgão fundamental para defender os mesmos objetivos pessoais e organizacionais.

A gestão de pessoas envolve os funcionários e a organização, a organização ofertando o treinamento e o desenvolvimento, para as pessoas alcançarem suas metas no trabalho, as pessoas se esforçando para crescimento profissional na organização e atendendo os seus objetivos individuais, que é o plano de carreira, o colaborador ganha mais sendo recompensado pelo trabalho prestado.

A importância da gestão de pessoas para os colaboradores é muito ampla, pois a empresa está adotando uma nova forma de avaliar os funcionários, valorizando e se relacionando mais com os colaboradores. A gestão de pessoas e o alcance dos objetivos individuais e organizacionais, cumprindo os objetivos dos funcionários que é crescer na empresa. O funcionário sendo reconhecido pela organização contribui para o sucesso, cumpre metas e ajuda a solucionar problemas existentes.

A importância da gestão de pessoas é motivar os funcionários, dando a eles treinamento e desenvolvimento, oferecendo um bom ambiente de trabalho, a qualidade de vida e satisfação no



trabalho. Um funcionário satisfeito ajudará a empresa crescer, atingindo as metas e fazendo o seu serviço de boa qualidade, ganhando mais clientes e se sentindo satisfeito, por ser reconhecido e recompensado.

## **COMO O PROCESSO DE GESTÃO DE PESSOAS PODE CONTRIBUIR PARA A ORGANIZAÇÃO?**

O processo de Gestão de Pessoas pode contribuir através das políticas e práticas para administrar o trabalho das pessoas, tais como os seis processos de gestão de pessoas, que são: agregar, aplicar, recompensar, desenvolver, manter e motivar as pessoas na organização.

De acordo com CHIAVENATO (2010, pag.15) denomina os seis processos de gestão de pessoas.

1. Processo de agregar pessoas: trazer pessoas novas para a empresa, seleção e o recrutamento.
2. Processo de aplicar pessoas: atividade que as pessoas vão realizar na empresa, é o seu desempenho e o cargo.
3. Processo de recompensar pessoas: incentivar e motivar colaboradores da organização, sendo o objetivo alcançado e lucratividade, objetivos pessoais benefícios e remuneração.
4. Processo de desenvolver pessoas: capacitar o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas.
5. Processo de manter pessoas: manter os funcionários motivados e satisfeitos e com condições ambientais e psicológicas de trabalho agradável e com segurança, qualidade de vida na empresa e relações sindicais.
6. Processo de motivar pessoas; monitorar as pessoas, acompanhando e controlando as suas atividades e verificando os resultados.



## **VANTAGENS DE SE APLICAR GESTÃO DE PESSOAS NA EMPRESA**

Aplicar gestão de pessoas no setor administrativo na empresa veio para a empresa dividir os postos de trabalho para cada indivíduo para não sobrecarregar só um funcionário, além de motivar o trabalho em equipe. Sabe-se que sem as pessoas na organização os trabalhos não acontecem, sendo a visão lógica de liderança com as pessoas, divisão de trabalho e tarefas, para os funcionários seguirem as regras e metas no trabalho e seus objetivos, por isso é preciso se interconectar entre si.

Ampliar a competitividade na organização é importante, pois a equipe trabalha bem motivada, aumentando a satisfação do cliente, e qualidade de vida no trabalho. A gestão de pessoas trabalha focada nas pessoas, ajudando a alcançar seus resultados e produtividade.

As quatro vantagens são:

1. Aumenta a eficiência do processo seletivo; seleção do candidato para a vaga escolhendo a pessoa certa para a vaga, uma seleção bem-feita pode diminuir gastos para a empresa.
2. Estimula a motivação e a produtividade, e onde a empresa deseja que sua equipe produza mais, não se atentam a motivação das pessoas, sendo que a motivação que vai gerar mais produtividade. Os gestores têm que se preocupar mais com os seus funcionários, motivando assim eles vão produzir mais e a empresa vai gerar mais lucro.
3. Permite criar a cultura organizacional com ações do departamento de pessoas; a organização já possui a sua cultura, que são as crenças, missão e valores. Por isso que a empresa cobra que as normas sejam seguidas.
4. Facilita o gerenciamento de desempenho; avaliação de desempenho das pessoas na empresa, verificando se eles estão produzindo o esperado, alcançando os resultados da organização.

## **BENEFÍCIOS DA GESTÃO DE PESSOAS E DE TRABALHO EM EQUIPE.**



Os benefícios são motivar os colaboradores a trabalharem satisfeitos nos seus pontos de trabalho, se for o caso, até mudar de função, pois o funcionário trabalhando no que gosta os resultados irão crescer, gerando mais economia para a empresa e beneficiando o colaborador, desta forma os dois lados saem ganhando.

Os benefícios que a empresa oferece é de compensar os esforços dos funcionários, dando apoio e suporte, qualidade de vida e reconhecendo o colaborador que se dedica mais. Os benefícios da empresa é atingir metas, através do esforço dos colaboradores motivados para ter maior produtividade e satisfazendo as suas necessidades, retendo talentos através da avaliação de desempenho e aumentando a qualidade e produtividade das equipes.

O trabalho em equipe é o conjunto de pessoas com habilidades complementares, comprometidas umas com as outras com objetivos e missões comuns, é a negociação entre os membros envolvidos nos planos de trabalho, expressam ideias e opiniões atingindo seus objetivos e metas na organização.

De acordo com CHIAVENATO (2010) Salário é o núcleo das relações entre organização e pessoas. As pessoas aplicam seu tempo e esforço para serem recompensados com o dinheiro, muitas empresas focam mais na remuneração para satisfazê-lo, reconhecendo e valorizando o seu esforço, algumas empresas aplicam PLR para motivar os funcionários.

De acordo com CHIAVENATO (2010), Remuneração e o pagamento de recompensas que são repassadas aos funcionários e o seu esforço baseado nos resultados do trabalho prestado e a gratificação. Com finalidade de motivar os funcionários para alcançarem melhores resultados e metas, tornando mais participativos na empresa, contribuindo para o crescimento profissional e empresarial.

### **FUNÇÕES ESSENCIAIS DE GESTÃO DE PESSOAS.**





A estratégia empresarial tem como função servir ações, planos de ações que revelam o potencial e as vantagens competitivas. São objetivos a serem seguidos e atingidos e o compromisso do funcionário. Mostra o acordo da missão do projeto da empresa, a visão e a direção, valores e o compromisso que devemos cuidar e respeitar o patrimônio da empresa.

Segundo ROBBINS (2009, pág. 48), a motivação e a disposição são a capacidade de satisfazer uma necessidade do funcionário, se o funcionário não está satisfeito a produção diminui. Motivação é o funcionário estar satisfeito na sua função atingindo metas e objetivos, essa motivação pode acontecer através de reconhecimento.

Treinamento é a melhoria do comportamento dos funcionários para o alcance de seus objetivos organizacionais, a formação de profissionais sendo que ele deve solucionar problemas existentes na empresa e aumentando o seu desempenho, realizando as suas funções e tornando mais produtivo e criativo.

Conforme JOSÉ MARÍA GASALLA (pag.104, 2007) Desenvolvimento de talentos e a avaliação de rendimento, incentivos, a formação de profissionais, onde o seu desenvolvimento contribui para o progresso na empresa, exigindo visão abrangentes no mercado de trabalho e trabalhar em equipe levando a promoção.

E oferecer um bom ambiente de trabalho que atenda às necessidades das pessoas, a estrutura adequada, segurança, liberdade na tomada de decisão, garantindo um ambiente confortável e com qualidade de vida motivacional a todos.

A qualidade de vida no trabalho é satisfazer as necessidades dos membros, motivação e satisfação com o trabalho realizado, plano de carreira, reconhecimento pelos resultados alcançados, salários e benefícios adicionais, uma boa comunicação com a equipe, o ambiente físico e psicológico de trabalho, ter liberdade de aprender coisas novas, qualidade de vida e satisfazer as necessidades de cada um, pois cada funcionário tem a sua necessidade.

As empresas de hoje em dia cada vez mais tenham que se adaptar com as mudanças no



mercado, se adaptando com a tecnologia, conceito, política A tendência é de cada vez mais atender clientes exigentes, e desta forma, e preciso estar preparado para satisfazer as suas necessidades.

Segundo JOSÉ MARÍA GASALLA pag.49 A organização como ser vivo e a mudança, sendo o núcleo, missão e visão da empresa tanto interna como externa, a cultura organizacional, a estratégia o clima onde respiramos na organização, estrutura a atuação de tarefas, papéis e relacionamentos das pessoas.

A gestão de pessoas deve assegurar uma política ética, que deve servir para conquistar os colaboradores e a empresa como um todo, bem como, respeitar as políticas da organização. A ética é a postura, avaliação das ações no ambiente de trabalho, respeito dos colaboradores, das culturas e morais. Sua função é fiscalizar se está dentro das regras, política e seguir a lei se não e punido.

É assegurar os colaboradores para mudanças e transformações para se adequar ao mercado. A vantagem competitiva é a empresa diminuir os seus concorrentes de mercado, oferecendo produtos diferenciados para não entrar em crise, assim gera mais lucro, os clientes valorizam mais os produtos e serviços oferecidos, com menor preço, desta forma a empresa ganha mais por satisfazer as necessidades dos clientes.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo desenvolvido trata da melhoria da gestão de pessoas no setor administrativo, abordando sobre o que é a gestão de pessoas, sendo representada pelas pessoas e organizações trabalhando pelo mesmo objetivo, a sua importância de motivar os funcionários, aplicando treinamento, planos de carreira, satisfazendo suas necessidades e sendo recompensado pelo trabalho prestado.

A contribuição dos processos para a organização, que é através das políticas e práticas para administrar o trabalho das pessoas.

A vantagem de aplicar gestão de pessoas veio para dividir postos de trabalho, os benefícios



que é motivar os funcionários para que eles possam trabalhar satisfeitos, dando aos funcionários recompensas pelo trabalho prestado e planos de carreiras.

As funções essenciais para motivar os funcionários, ofertando treinamento e motivando sempre, dando um bom ambiente de trabalho adaptar os funcionários a atender clientes exigentes, respeitar as políticas e éticas conquistando clientes e funcionários, ganhando competitividade no mercado.

## **REFERÊNCIAS**

IDALBERTO CHIAVENATO e STADLER et.al. PANPOLINE; o que é gestão de pessoas do livro (Dr. GEORGE LEAL JAMIL, MARINGA PR, 2018).

IDALBERTO CHIAVENATO processos de gestão de pessoas, salário e remuneração 3 ed. RIO DE JANEIRO RJ, 2010.

(ROBBINS 2009) motivação do livro (Dra. WALDECIRIA SOUZA DA COSTA 22 ed. MARINGA PR, 2018).

(JOSÉ MARÍA GASALLA, organização estratégia e desenvolvimento livro JOSÉ MARÍA GASALLA 8 ed. SÃO PAULO, 2007).



# Capítulo

# 4

## TRIBUTAÇÃO INTERNACIONAL E MERCADO DE CAPITAIS

---



# TRIBUTAÇÃO INTERNACIONAL E MERCADO DE CAPITAIS

## INTERNATIONAL TAXATION AND CAPITAL MARKETS

Carolina Barbosa Marques

**Resumo:** O mercado de capitais é o âmbito financeiro em que há a compra e a venda de valores mobiliários, ativos financeiros de empresas e outras unidades econômicas, como ações e títulos de dívida de longo prazo. O mercado de capitais dá aos investidores a possibilidade de participar como sócios, proporcionalmente, no capital da empresa investida. Em contrapartida, as empresas têm a possibilidade de colocar parte de seu capital entre um grande número de investidores com o objetivo de financiar o capital de giro e a sua expansão. O mercado de capitais é o onde os agentes de mercado buscam financiamentos a médio e longo prazo para fazer investimentos focados na expansão de seus negócios. Ao negociar ativos de prazo mais longo do que no mercado monetário, incorpora maior risco, assim, os ganhos de capital se tornam uma fonte de tributação nos países em desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Mercado de Capitais. Negócios. Tributação.

**Abstract:** The capital market is part of the financial sphere in which there is the purchase and sale of securities, financial assets of companies and other economic units, such as stocks and long-term debt securities. The capital market gives investors the possibility to participate as partners, proportionally, in the capital of the invested company. On the other hand, companies are able to place part of their capital among a large number of investors in order to finance working capital and expansion. The capital market is what market agents seek for medium and long-term financing to make investments. By trading longer-term assets than on the money market, it incorporates greater risk. Thus, capital gains



are a suitable source of taxation in developing countries.

**Keywords:** Capital Market. Business. Taxation.

## INTRODUÇÃO

A partir do final da década de 1990, “globalização” tornou-se uma palavra da moda para descrever a aparente integração dos mercados na economia mundial. Nesse sentido, vários recursos foram utilizados para que os sujeitos pudessem compreender as novas tendências deste mercado cada vez mais integrado. Com as chamadas revoluções tecnológicas, esse processo foi ainda mais acelerado, criando uma nova realidade em que as chamadas moedas virtuais passaram a ser uma realidade para as atuais negociações.

Os economistas em geral concordam que os ganhos de capital são uma fonte de tributação nos países em desenvolvimento. Essa visão foi expressa na Conferência de Assistência Técnica sobre Administração Fiscal Comparada em Genebra em 1951 e, mais recentemente, na Conferência de Santiago sobre Política Fiscal para o Crescimento Econômico na América Latina.

Nesse contexto, o imposto sobre ganho de capital incide sobre a valorização dos bens e é comumente cobrado apenas quando o aumento de valor é realizado por meio de venda ou troca. Deve ser distinguido do imposto sobre o patrimônio líquido, imposto por morte e outros impostos sobre capital, pois estes são avaliados sobre o valor total dos ativos.

Os ganhos de capital em países em desenvolvimento diferem daqueles em países já desenvolvidos. No primeiro, os ganhos de capital são principalmente provenientes da venda ou permuta de imóveis, e no segundo, principalmente da venda de títulos. Três razões explicam a preponderância dos ganhos de capital imobiliários nos países em desenvolvimento: a concentração da riqueza em imóveis; a predominância no setor societário de empresas estrangeiras cujas ações são de propriedade de não



residentes tributados no exterior; e o uso generalizado de ações ao portador, o que limita a eficácia da tributação de ganhos de capital de ações.

Como os ganhos de capital nos países em desenvolvimento resultam em grande parte de investimentos em terras, a tributação desses ganhos é justificável na medida em que tais investimentos não são socialmente produtivos e são altamente especulativos. Portanto, um imposto sobre ganhos de capital desencoraja investimentos que não estejam alinhados com os objetivos sociais e econômicos dos países em desenvolvimento. Esse imposto é um incremento que geralmente reverte para o grupo de alta renda e, portanto, fornece um elemento de progressividade no sistema tributário. Essa função é particularmente importante em países em desenvolvimento com alta concentração de riqueza e/ou com um sistema tributário regressivo. O imposto sobre ganhos de capital combinado com um imposto de renda progressivo bem estruturado e taxas sobre o capital seriam úteis para promover a equidade fiscal.

O efeito lock-in de um imposto sobre ganhos de capital em países em desenvolvimento pode ter repercussões importantes na mobilidade e composição dos investimentos; por outro lado, o efeito adverso sobre os investimentos é menos grave do que o alegado, a julgar pela estrutura geral de taxas baixas e pela natureza restrita do imposto sobre ganhos de capital em muitos países em desenvolvimento.

A administração e o potencial de receita do imposto devem ser considerados na introdução de um imposto sobre ganhos de capital. Tal imposto é complexo e necessita de alto custo administrativo para torná-lo eficaz. A experiência em muitos países mostra que a receita do imposto é baixa, no entanto, o alto custo de administração de um imposto sobre ganhos de capital e o baixo rendimento potencial podem ser parcialmente compensados pelo fato de que os administradores fiscais podem ter acesso a registros que auxiliam na administração do imposto de renda e outros impostos. Um país em desenvolvimento considerando a adoção de um imposto sobre ganhos de capital deve pesar cuidadosamente suas consequências econômicas, sociais, administrativas e de receita.



Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica exploratória que examinou de forma qualitativa os textos inclusos após a seleção com o uso de descritores. Quanto ao método, para analisar a categoria das possíveis consequências da utilização da criptomoeda no Brasil, optou-se pelo dedutivo.

Os mercados de capitais são uma realidade no contexto social. Logo, essa pesquisa busca colaborar compreendendo como a sociedade está lidando com essa nova realidade. Quando da sua relevância científica, esse estudo se justifica pela falta de estudo sistemática, principalmente, quando da observação frente no contexto pandêmico em que houve um aumento da utilização desse tipo de moeda. Por fim, a relevância jurídica dessa pesquisa se faz pela escassez de uma produção direcionada a compreender o movimento do objeto.

### **A ORIGEM DO SISTEMA MONETÁRIO**

O sistema monetário refere-se ao conjunto de instituições, regras e acordos que regem o comércio e a atividade financeira de um país, proporcionando um fornecimento adequado de meios de pagamento para transações da economia. Seu principal objetivo é gerar a liquidez monetária necessária para a implantação de atividades econômicas de forma fluida. O avanço da divisão do trabalho e especialização em economias exigiu o uso de diferentes meios de pagamento para facilitar o comércio de bens e serviços e superar as limitações do produto escambo. Para esta finalidade diversos produtos valiosos, tais como: gado bovino, cobre, sal, pimenta, lã, bacalhau, ou cacau etc., foram utilizados inicialmente (YIN, 2015).

O “dinheiro mercadoria” era, portanto, um tipo de dinheiro cujo valor estava principalmente atrelado ao valor intrínseco de tais bens. Mais tarde, o uso de moedas veio para cumprir as funções de ser um valor de referência para vários produtos cuja aceitação foi tornando-se generalizada. E que seja, por conseguinte, facilmente transportável, uma vez que, é difícil de ser falsificada e haja a pos-





sibilidade de ser separável para facilitar as transações (YIN, 2015).

O uso principalmente de ouro, prata e metais preciosos facilitou o progresso rumo a uma economia monetária, acrescentando outra importante função da moeda, que é o de se constituir como uma reserva de valor, isto é, o poder de permitir armazenamento para possibilitar a sua utilização no tempo ou espaço requerido. Assim, as principais funções dos instrumentos monetários são, de acordo com Yin (2015):

Facilitar as comparações de valor entre as mercadorias nos mercados, ou seja, constituem uma unidade de conta dentro de um padrão comum para as trocas; ter uma aceitação geral como meio de pagamento em transações; permitir açambarcamento, a fim de facilitar a distribuição de poder de compra ao longo do tempo ou espaço, ou seja, ser uma reserva de valor. Após o estabelecimento de bancos comerciais, o uso da moeda metálica foi acompanhada pelo desenvolvimento do dinheiro de papel e ocasionou uma progressiva dissociação com seu metal original (YIN, 2015, p. 14).

Na verdade, o uso de notas de banco tornou-se um instrumento monetário desprovido de valor intrínseco como uma mercadoria, mas com pleno valor como meio de pagamento e reserva de valor quando se tem de garantir a promessa de valor de conversão do banco emissor em ouro, usando reservas existentes em bancos. Posteriormente, esta garantia metálica seria eliminada e substituída por uma aceitação generalizada que se baseava exclusivamente nas disposições legais estabelecidas por obrigação no âmbito público da aceitação (YIN, 2015).

Os recursos do sistema monetário incluem, portanto, as moedas e dinheiro de papel ou bilhetes, que são a moeda utilizada manualmente, ou “moeda manual”, e depósitos no sistema bancário, ou “moeda fiduciária”. Os depósitos em poder do público nas contas correntes dos bancos comerciais permitem a sua disposição imediata como meio de pagamento através de cheques ou cartões de débito



e cartões de crédito, que podem ser usados em caixas eletrônicos, e para pagamentos correntes nos diferentes estabelecimentos comerciais. O pagamento em cartões de débito é cobrado diretamente na conta corrente ou conta poupança titular, até o limite de fundos existentes em tais contas (YIN, 2015).

Pelo contrário, com cartões de crédito você pode fazer compras, mesmo que o indivíduo não tenha fundos suficientes, uma vez que é possível obter uma dívida junto ao banco, cujo montante deverá ser devolvido mais tarde. Ativos detidos por agentes econômicos podem ser diferenciados em ativos reais e ativos financeiros. Ambos compõem os ativos dos agentes econômicos, ou seja, o conjunto de ativos de sua propriedade, suscetível de uma estimativa econômica.

Ativos reais são terrenos, edifícios, equipamentos, instalações ou outros; enquanto os ativos financeiros são caixa, depósitos bancários e crédito emitido por empresas, pessoas físicas e setor público, sejam eles ações, títulos, notas promissórias, títulos de dívida, títulos do Tesouro ou outros. Alguns desses ativos podem ser usados imediatamente para efetuar pagamentos. Dizem, então, que são ativos líquidos (YIN, 2015).

No entanto, outros ativos exigem um determinado período de tempo para serem convertidos em dinheiro, por exemplo, uma casa, um terreno ou a pintura de um pintor famoso. Este tipo de ativo tem, portanto, um menor grau de liquidez. Os agentes econômicos precisam dispor de uma parte de seus ativos em forma líquida para poderem cobrir suas despesas correntes ou despesas imprevistas.

O funcionamento de uma economia requer, portanto, o fornecimento de um volume de operações de mídias e de pagamentos apropriados a todo o sistema econômico, ou seja, deve haver proporcionalidade entre a renda gerada em uma economia e o volume de meios de pagamento que é necessário para isso (YIN, 2015).

Assim, pode-se expor a seguinte equação:  $K = H / Y$ , onde  $K$  é a razão entre o volume de meios de pagamento ( $M$ ), necessários para as operações na economia, enquanto que  $Y$  é o rendimento gerado no mesmo processo. Além disso, a velocidade da circulação monetária ( $V = Y / M$ ), indica o número de vezes que, em média, as unidades monetárias devem ser convertidas em renda ao longo do



período em que a renda é gerada (Y).

O crescimento das atividades produtivas deve ser acompanhado, portanto, pela disponibilidade dos meios de pagamento necessários. No caso em que o crescimento dos meios de pagamento for maior que a taxa de crescimento das atividades produtivas do sistema econômico, haverá tensões para o aumento dos preços das mercadorias e, por consequência, a inflação (YIN, 2015).

Como mostrado anteriormente, a correspondência entre o volume de meios de pagamento e transações para definir o sistema econômico requer a operação de diferentes instituições de natureza monetária e financeira entre as quais devemos mencionar os bancos comerciais, o banco central da nação e intermediários financeiros.

O sistema financeiro é formado por instituições, meios, instrumentos e mercados, cujo objetivo primordial é canalizar as economias geradas pelas empresas e unidades de despesa para o investimento produtivo, tentando também facilitar e assegurar o movimento do dinheiro e da renda, o que se traduz pelo sistema de pagamento em uma economia (YIN, 2015).

O sistema financeiro inclui, portanto, os instrumentos ou ativos financeiros, bem como as instituições ou entidades intermediárias e os mercados financeiros, sendo as entidades intermediárias responsáveis pela compra e venda dos ativos nos mercados financeiros. É tudo isso abaixo antes de abordar a questão da inflação, a importância da política monetária e da política fiscal e orçamental e o processo de formação de preços nas economias de mercado.

Os bancos comerciais são entidades financeiras que coletam recursos de poupança (depósitos) de clientes e, assim, concedem empréstimos ou financiamentos a outras pessoas, entidades ou empresas, beneficiando-se do diferencial entre a taxa de juros paga àqueles que fazem os depósitos e a taxa de juros cobrada às pessoas ou empresas a quem elas fornecem créditos ou empréstimos. Os depósitos criados pela cobrança de recursos de pessoas físicas podem ser depósitos à vista (contas correntes), depósitos a prazo (cadernetas de poupança) ou depósitos de poupança. Em depósitos à vista e contas de poupança, os depositantes (clientes) podem levantar fundos a qualquer momento, seja



através de cheques bancários ou através do uso de cartões de débito ou crédito (YIN, 2015).

As taxas de juros pagas pelos bancos aos titulares de contas correntes ou contas de poupança são normalmente nulas ou quase nulas, enquanto os depósitos a prazo têm uma taxa de juros reduzida, mas só é possível ter esses depósitos no banco a uma espécie de termofixo. Como já assinalado, o nível de liquidez dos depósitos à vista e de poupança é muito alto ou totalmente líquido, sendo um pouco menor que os dos depósitos a prazo. A criação de moeda de banco pelos bancos comerciais ocorre através de um processo de expansão múltipla de depósitos (YIN, 2015).

Como os bancos comerciais devem apenas manter um percentual desses depósitos como reservas bancárias, o restante os utiliza para fazer empréstimos ou créditos a outros clientes. As reservas bancárias, também chamadas de relação caixa ou reserva financeira, são as quantias legalmente exigidas pelos bancos comerciais para manter reservas líquidas no banco central da economia, a fim de garantir a estabilidade financeira em caso de instabilidade econômica e oferta, assim, uma imagem de solvência para os clientes (YIN, 2015).

Esse índice de caixa garante que o banco possa lidar com possíveis retiradas maciças de fundos de seus clientes. A relação de caixa torna-se, assim, um instrumento importante para o controle da oferta monetária do sistema, ou seja, o conjunto de meios de pagamento nas mãos do público.

Assim, após a dedução dos montantes exigidos como reservas bancárias no Banco Central do país, os bancos comerciais utilizam a parte restante dos depósitos para fazer empréstimos a outros clientes, estes podem ser tanto pessoas físicas ou jurídicas (YIN, 2015).

Dessa forma, as pessoas que recebem esses créditos ou empréstimos podem liquidar suas dívidas ou fazer compras, o que permite que os recebedores desses valores sejam colocados em contas correntes ou de poupança. Esses novos depósitos permitem a repetição do processo de criação de moeda do banco, uma vez que os bancos comerciais só precisam manter a porcentagem desses novos depósitos como reservas bancárias no Banco Central, e o restante pode estar sujeito a novos empréstimos ou empréstimos a outras pessoas (YIN, 2015).



Como pode ser visto, quanto maior o índice de caixa exigido pelo Banco Central do país, menor a quantidade de novos depósitos que podem ser convertidos em moeda do banco. O volume total de depósitos ou dinheiro bancário criado em todo este processo será igual ao depósito inicial multiplicado por  $1 / C$ , onde  $(C)$  é a relação de caixa (YIN, 2015).

No entanto, nem todas as pessoas que recebem créditos ou empréstimos de bancos comerciais decidem colocá-los em sua totalidade como novos depósitos, uma vez que retêm uma parte dos valores recebidos para fazer compras para seu consumo ou outras atividades de gastos. O grau diferente de retenção de dinheiro pelos indivíduos ( $r$ ), faz com que o efeito multiplicador da criação de moeda bancária seja igual a  $(1 - r) / C$ , onde  $r$  é o grau de retenção de dinheiro pelo público. O coeficiente de caixa ( $C$ ) de um banco é, portanto, o quociente entre suas reservas ( $R$ ) e os depósitos concedidos ( $D$ ), ou seja:  $C = R / D$  (YIN, 2015).

A função de relação de caixa é o de multiplicador da criação de dinheiro do banco. A relação de caixa é diferente de acordo com os países. Nos Estados Unidos, varia entre 0% e 10% dependendo do tipo de depósito, enquanto na Zona do Euro, a relação de caixa varia entre 0% e 3%. Por sua vez, no Brasil, o índice de caixa é de 20%, enquanto na China é de 19,5% (YIN, 2015).

Diante dessas circunstâncias de separação entre fluxos reais e monetários, a solução tem sido recorrer a instrumentos de crédito, instrumentos através dos quais os vendedores obtêm dos compradores a promessa do pagamento futuro correspondente. De fato, a moeda ou as cédulas não passam de um certificado de crédito especial, já que aqueles que as recebem aceitam um meio de pagamento que podem usar a qualquer momento para a aquisição de bens ou serviços. Os bancos comerciais têm, de fato, entre suas principais funções, a conversão de instrumentos de crédito em meios de pagamento. Assim, os principais instrumentos do sistema de crédito ou conjunto de instituições de crédito em um país são os meios de pagamento e os instrumentos de crédito (YIN, 2015).

Em relação ao Banco Central, a principal instituição do sistema financeiro, cujas principais funções são as seguintes:



Atuar como a principal Autoridade Monetária do país, estabelecendo os propósitos e instrumentos da política monetária e de crédito, preparando a estatística monetária e financeira, e realizando a inspeção do sistema bancário; Supervisionar o sistema monetário e creditício, a fim de assegurar seu adequado funcionamento, evitando problemas que possam afetar a economia como um todo; Autorizar a emissão de papel-moeda e notas de banco e realização de operações do Tesouro Público; Atuar como “banco de bancos” e como banco estatal, concedendo empréstimos e administrando a emissão de títulos públicos; Controlar operações econômicas no exterior, bem como a compra e venda de moedas estrangeiras (BRASIL, 2022).

O Banco Central pode receber depósitos do setor público, bancos comerciais ou do setor externo. Todos esses depósitos fazem parte do passivo do balanço do Banco Central, juntamente com o caixa em circulação na economia, ou seja, as moedas e letras emitidas nas mãos dos indivíduos.

Enquanto isso, no balanço do Banco Central incluem-se os direitos que na relação a terceiros se portam como resultado de empréstimos para o setor público (títulos do governo), setor privado (dívida privada) ou do setor externo (dívida de países estrangeiros). Também estão incluídos nos ativos do Banco Central as reservas de ouro e de moeda estrangeira e outros ativos de sua propriedade como: edifícios, instalações, móveis etc. (YIN, 2015). Por sua vez, a oferta ou base monetária consiste na moeda em circulação na economia, mais os depósitos dos bancos comerciais no Banco Central, o que pode aumentar ou diminuir a quantidade de dinheiro em circulação na economia.

A quantidade de dinheiro em uma economia é uma variável de grande importância, uma vez que está relacionada com o volume de trocas no sistema econômico. Portanto, é necessário que as autoridades monetárias estabeleçam critérios adequados para definir o volume total dos meios de pagamento necessário em uma economia, ou seja, a oferta de papel-moeda. O pagamento (M1) é com-



posto de dinheiro em poder do público (Ep), mais depósitos à vista (DV). Estes são os componentes da oferta de moeda com maior grau de liquidez:  $[M1 = Ep + Dv]$  (YIN, 2015).

No entanto, existem outros meios de pagamento com um menor grau de liquidez, tais como depósitos de poupança e depósitos a prazo, que também podem ser vistos como parte de outros agregados de oferta de moeda, neste caso, chamado M2 e M3.  $M2 = M1 + \text{Depósitos de poupança}$ .  $M3 = \text{depósitos a prazo, expressando liquidez do país } M2 +$ .

Finalmente, se são adicionados outros instrumentos de curto prazo financeiros à oferta de moeda agregada (M3), tais como Letras do Tesouro Nacional. O agregado (M4) oferta de moeda, que inclui os ativos líquidos totais em poder do público é obtido (ALP), que é o conjunto de dinheiro disponível.  $[M4 = M3 + \text{outros ativos líquidos}]$ .

A demanda por transações de dinheiro depende do nível de renda alcançado, uma vez que, com o aumento da renda, o mesmo acontece com o volume de transações dos agentes econômicos. No caso de demanda por dinheiro para transações econômicas, os ativos líquidos predominam, isto é, aqueles que podem ser usados imediatamente. Enquanto isso, a demanda por dinheiro para aplicações financeiras especulativas e a taxa de juros é importante, porque a quantidade de dinheiro exigida para estas aplicações aumenta quando a taxa de juros é reduzida e vice-versa (YIN, 2015).

Neste ponto, deve sublinhar-se que a principal função de um sistema financeiro é mobilizar poupanças, fazendo girar as engrenagens da economia, que para os investimentos de natureza produtiva, as aplicações de orientação especulativa representa uma adulteração do sistema financeiro, no qual acaba introduzindo elementos de incerteza no sistema econômico em relação ao funcionamento da economia real, ou seja, na produção e geração de emprego (YIN, 2015).

Nas últimas décadas, o predomínio de posições neoliberais impôs a visão de que os bancos centrais devem ser autoridades independentes dos respectivos governos, o que os torna não controlados por autoridades democráticas dos respectivos países, deixando-os apenas sob a influência de grandes interesses financeiros privados internacionais.



Essa “independência” dos bancos centrais, em matéria de controle democrático dos governos dos países, é, na verdade, parte de grupos financeiros privados de desapropriação internacional, a ínfima fração hegemônica dos detentores do capitalismo global, os quais conseguiram capturar um dos instrumentos fundamentais da política monetária de um país (YIN, 2015).

É bem verdade, que também deve-se destacar a respeito da intermediação financeira para o desenvolvimento econômico. Aqui neste ponto, o Banco Central e os bancos comerciais constituem, como vemos, as instituições mais relevantes do sistema monetário e de crédito. Outras entidades também lidam com as tarefas de intermediação financeira, a fim de capturar as economias dos indivíduos e oferecer-lhes alternativas de investimento, para manter suas carteiras de ativos financeiros rentáveis. Para fazer isso, essas entidades oferecem diferentes fundos ou aplicativos financeiros, cuja finalidade não é outra senão alcançar o maior retorno financeiro.

O Banco Central, os bancos comerciais, as caixas de poupança e as cooperativas de crédito são intermediários financeiros bancários. Algumas de suas obrigações são aceitas pelo público como meio de pagamento de contas e depósitos à vista e, portanto, têm a capacidade de gerar dinheiro (YIN, 2015).

Existem, no entanto, intermediários financeiros não bancários, entre os quais constam as seguradoras, os fundos de pensão ou fundos mútuos, as empresas de investimento imobiliário, os fundos de investimento, as empresas de arrendamento mercantil, de factoring e empresas de garantia mútua, entre outros. Esses intermediários financeiros não bancários são caracterizados porque seus passivos não são dinheiro, portanto, sua atividade é mais mediadora do que a dos intermediários financeiros bancários (YIN, 2015).

Por outro lado, a Bolsa de Valores é o mercado oficial de valores mobiliários que permite às empresas colocar títulos entre o público e, através de operações de compra e venda de ações, títulos, certificados de investimentos e outros instrumentos de crédito ou valores mobiliários inscritos na bolsa de valores, podendo transformá-los em recursos líquidos.





Assim, a Bolsa permite o encontro direto entre pessoas que têm dinheiro e querem investir (investidores), e corretores ou revendedores que estão autorizados a aconselhar ou fazer investimentos diretos ou transações com títulos nos mercados financeiros (YIN, 2015).

Entretanto, muitas dessas entidades de intermediação financeira não asseguram a orientação de tais economias para investimentos produtivos que o sistema econômico requer para aumentar sua capacidade produtiva para o futuro, ou seja, investimentos de natureza tecnológica ou social, novos equipamentos de capital, inovações ambientais etc.

Dessa forma, o sistema financeiro que visa manter a rentabilidade da carteira de ativos financeiros de pessoas físicas não é suficiente para sustentar o desenvolvimento econômico, social e ambiental de uma economia. É necessário ter uma intermediação financeira para o desenvolvimento ou, em outras palavras, um Banco de Desenvolvimento Público (YIN, 2015).

Deve-se ressaltar que os recursos que os bancos comerciais captam não são economia no sentido estrito do termo, ou seja, para garantir investimentos produtivos no sistema econômico, mas somente com a finalidade de fazer frente às despesas correntes, algo muito diferente da poupança; que é orientada para o investimento produtivo do sistema econômico.

Por todas estas razões, a intermediação financeira é necessária para o desenvolvimento, a fim de assegurar a realização dos investimentos de capital requeridos pelo sistema econômico para expandir sua capacidade para o futuro e assegurar investimentos tecnológicos, sociais e ambientais (YIN, 2015).

O Banco de Desenvolvimento Público a nível nacional, regional ou municipal procura, assim, canalizar as poupanças para projetos e programas de investimento produtivo, fazendo com que os recursos não destinados ao consumo sejam aplicados a recursos sociais, ambientais e produtivos coletivamente necessários, e não para aplicações financeiras de natureza especulativa, imobiliária ou bolsa de valores (YIN, 2015).

Na verdade, há exemplos em que o sistema bancário não facilita as economias de canaliza-



ção para o investimento produtivo, como na recolha de depósitos de longo prazo que, precisamente por causa deste personagem, podem ser considerados como parte da poupança que pode ser dirigida para o investimento produtivo e não apenas para reservas monetárias para cobrir as despesas correntes dos indivíduos (YIN, 2015).

Um tipo de entidade bancária importante é o chamado “banco ético”, também conhecido como banco social ou banco alternativo. É um grupo de entidades financeiras cujos produtos não estão condicionados exclusivamente ao critério de máximo lucro e especulação financeira. Sua atividade é focada no investimento em projetos da economia real com motivos sociais ou ambientais como prioridades.

De acordo com Yin (2015), a alternativa bancária é o conjunto de entidades financeiras intermediárias cuja escopo não está condicionado exclusivamente pelo critério de rentabilidade financeira, pois como os seus serviços são baseados em alternativas, princípios cooperativos e ambientalmente sustentáveis, sendo responsável pela gestão do dinheiro dos seus clientes, com uma estrutura de governança baseada na participação cooperativa.

Desse modo, os projetos bancários éticos ou alternativos são baseados em uma gestão totalmente transparente, para promover a economia real, para obter benefícios ambientais e para gerar serviços que priorizem o comércio justo e a assistência social, entre outros. Os gestores do banco ético analisam os projetos de investimento seguindo critérios rigorosos de sustentabilidade, benefício social e ambiental, e somente concedem empréstimos bancários a empresas ou pessoas físicas que atendam a esses critérios (YIN, 2015).

Já em relação à inflação, esta é um aumento generalizado e persistente dos preços nos bens e serviços do sistema econômico. Esse aumento nos preços provoca a perda do poder de compra das pessoas, quando ocorre a depreciação ou desvalorização da moeda, uma vez que mais unidades monetárias devem ser entregues para adquirir o mesmo bem ou serviço. Para medir a inflação, são utilizados índices de preços, sendo o mais comum o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que fornece



informações sobre a evolução dos preços de um conjunto de bens e serviços selecionados na “cesta” da compra, isto é, representativa do consumo médio das famílias (YIN, 2015).

Os preços dos produtos que compõem a cesta de compras variam ao longo do ano, com a taxa de inflação anual comparando o preço da cesta de compras em um mês específico do ano corrente e o preço da cesta da compra no mesmo mês do ano anterior. Ao se referir à inflação, uma terminologia diferente é geralmente usada para descrever os diferentes tipos de aumentos de preços. Assim, fala-se de inflação moderada quando se refere a aumentos de preços inferiores a 10% ao ano; inflação galopante, quando estamos diante de aumentos de dois ou três dígitos por ano; e hiperinflação, quando se trata de aumentos de preço de mais de mil por cento ao ano (VALENTE, 2007).

Da mesma forma, falamos sobre o núcleo da inflação ou inflação básica quando o índice de preços ao consumidor não leva em conta produtos energéticos ou alimentos não processados, porque são produtos cujos preços sofrem grandes flutuações devido a conflitos internacionais, safras ruins ou ações financeiras especulativas nos mercados. O objetivo é isolar este subconjunto de produtos com preços mais erráticos da medição da inflação, a fim de conhecer a tendência geral do principal núcleo de preços no médio prazo.

Por outro lado, a deflação é o fenômeno oposto à inflação (VALENTE 2007). É uma situação de preços baixos sustentados que perdura por algum tempo. A deflação não é o mesmo que a desinflação, que é uma ação voltada para a desaceleração dos preços, ou seja, que tenta reduzir seu crescimento, enquanto a deflação implica taxas de variação negativas do Índice de Preços ao Consumidor (IPC). Na economia, muitas vezes, é dito que um nível de inflação não muito elevado tem efeitos positivos sobre o dinamismo do sistema econômico, desde que os salários possam subir ao mesmo ritmo que a inflação, a fim de manter o poder de compra das famílias (VALENTE, 2007).

Além disso, o aumento dos preços permite reduzir o valor das dívidas das famílias, das empresas e do governo, embora seja uma perda para os credores dessas dívidas. Entre as desvantagens da inflação está a perda de poder de compra, no caso de salários, que não aumentam, pelo menos, na



mesma proporção que o aumento dos preços, e a diminuição da poupança, uma vez que as pessoas tendem a gastar seu dinheiro, em vez de guardá-lo, antes da possibilidade de que esse dinheiro valha ainda menos no futuro imediato.

Como pode ser visto, as mudanças de preço causam aos agentes econômicos uma situação de incerteza quando se perde a referência dos valores dos bens, ou a certeza sobre o nível de rentabilidade de seus investimentos (VALENTE, 2007).

Dessa forma, as expectativas dos diversos agentes econômicos frente à inflação podem ter efeitos diferentes sobre ela, favorecendo ainda mais as tensões de alta de preços. Nesse sentido, podemos citar as maiores demandas salariais diante do aumento dos preços, a fim de evitar a perda do poder de compra (VALENTE, 2007).

Por outro lado, o diferente poder de mercado das empresas permite, por vezes, transferir os aumentos nos custos de produção através de preços, seja aumentos salariais, custos financeiros mais elevados ou aumento das despesas do marketing (publicidade), despesas de imagem, entre outros (VALENTE, 2007).

## **INSTRUMENTOS DO MERCADO FINANCEIRO INTERNACIONAL**

Os mercados financeiros são os espaços e conjuntos de regras que permitem trocas de instrumentos financeiros. Eles adotam nomes diferentes dependendo dos produtos que são oferecidos a eles. Nos mercados financeiros, os compradores de ações, títulos, commodities, derivativos e moedas estão concentrados. Sua finalidade é a determinação de preços para o comércio mundial em resposta às forças de oferta e demanda, bem como a arrecadação de financiamento para empresas e governos e a transferência de liquidez e risco.

Nos mercados de ações ou mercado de ações, títulos, commodities, derivativos e moeda, são facilmente identificáveis os instrumentos que são negociados neles. No entanto, não é tão fácil quando



falamos sobre o mercado de capitais e o mercado monetário, dois dos mais amplamente observados pelos gestores financeiros e analistas econômicos.

No mercado de capitais, esses mercados incluem os mercados de ações e títulos e se revelam indicadores da situação econômica global, sendo estudados diariamente com cuidado pelas instituições que operam por meio deles, como bancos comerciais, empresas, seguros e hipotecas. As empresas migram para os mercados de ações em busca de fundos para financiar fusões e aquisições, expandir suas operações ou entrar em novos negócios; enquanto no mercado de títulos, as empresas emitem dívida na forma de títulos corporativos e governos como títulos públicos.

Uma característica desses mercados é que os investidores que chegam até eles estão dispostos a assumir mais riscos e ter paciência. Entretanto, no mercado monetário participam: bancos centrais e bancos comerciais. Além do mais, lançam mão os que estão procurando seus instrumentos de carteiras de investimento de curto prazo; ou seja, mais líquidos e menos arriscados, como depósitos, empréstimos colaterais, notas e contas de mudança.

O principal objetivo das empresas e governos para acessar esses mercados é a liquidez. Quando exigem dinheiro para cobrir despesas, e não para financiar melhorias ou grandes projetos, recorrem ao mercado monetário. Conhecer as diferenças em suas funções é essencial para as empresas, pois, dependendo de suas necessidades de financiamento, elas decidirão a quem recorrer. É também para investidores, já que eles escolherão com base em suas metas de desempenho e planejamento estratégico.

Do ponto de vista do emissor da dívida, é importante que você defina suas necessidades de liquidez e o tempo necessário para o financiamento. Os investidores, por sua vez, participarão de um ou outro mercado, analisando os riscos e o preço que os mercados lhes atribuem. Investimentos de alto risco e maior lucratividade serão encontrados nos mercados de capitais, enquanto aqueles com baixo risco e retornos baixos (mas constantes) estarão nos mercados monetários.

Em suma, termo, liquidez e risco são três aspectos que diferenciam cada tipo de mercado e,



como cada situação é diferente, não há uma regra clara sobre quais mercados ou quais instrumentos são mais convenientes.

Sendo assim, se considerarmos que o mercado de ações incentiva a poupança e o investimento e, ao mesmo tempo, permite que o capital seja alocado às atividades produtivas mais necessárias para o desenvolvimento nacional, entenderemos por que ele é considerado essencial para a prosperidade. Devido à sua importância para a economia, os mercados de capitais são regulados pelos governos para garantir a legalidade e a transparência das operações.

Por exemplo, cartas de crédito são um instrumento de pagamento, sujeito a regulamentações internacionais, segundo o qual um banco emissor agindo a pedido e de acordo com as instruções de um cliente pagador deve efetuar um pagamento a um terceiro beneficiário contra a entrega dos documentos necessários, desde que os termos e condições de crédito sejam cumpridos. Em outras palavras, é um compromisso escrito assumido por um banco para efetuar o pagamento ao vendedor, mediante solicitação e de acordo com as instruções do comprador, até a quantia indicada, dentro de um certo prazo e mediante a entrega dos documentos indicados. Este instrumento é um dos documentos mais simples em sua forma e o mais complexo em termos de conteúdo. Também chamado de “crédito comercial”, “crédito documentário” e, às vezes, simplesmente crédito; enquanto a cobrança é o processo formal de apresentação de um instrumento ou documentos ao sacado a ser pago ou aceito.

Segurança e rapidez no pagamento e situação dos recursos a um beneficiário em qualquer cidade do mundo, onde exista uma instituição Bancária. É um meio muito mais barato do que a cobrança, do que a carta de crédito e até mesmo que o cheque bancário, tendo em conta os custos de envio da ordem de pagamento ou cheque, além da possível perda (ROCHA, 2013).

## **GANHOS DE CAPITAL EM ECONOMIAS E A POSSIBILIDADE DE TRIBUTAÇÃO**

Conforme Richman (2015), a composição dos ganhos de capital nos países em desenvolvi-



mento é diferente da dos países avançados. Nos países avançados, uma proporção considerável dos ganhos de capital vem da venda de títulos. Nos Estados Unidos, por exemplo, 42% dos ganhos de capital brutos relatados em 1962 vieram de vendas e trocas de títulos. No Brasil, estima-se que a proporção de ganhos de capital com a venda de títulos se aproxime da dos Estados Unidos.

O autor aponta que em contraste a este cenário, nos países em desenvolvimento predominam os ganhos resultantes da venda ou alienação de ativos físicos, principalmente na forma de imóveis. Várias razões explicam esse fenômeno: (1) a concentração da riqueza nos países em desenvolvimento em imóveis; (2) a prevalência de empresas estrangeiras ou dominadas por estrangeiros cujas ações são negociadas no país de origem ou em outros mercados de capitais estrangeiros; (3) o uso generalizado de ações ao portador, o que dificulta a aplicação de um imposto sobre ganhos de capital decorrentes de títulos.

Para Richman (2015), o fato de que muitas, senão a maioria, das grandes empresas nos países em desenvolvimento são de propriedade estrangeira ou dominadas por estrangeiros significa que seus títulos são geralmente comprados por investidores não residentes que normalmente não estão sujeitos ao imposto sobre ganhos de capital no país em que o negócio é realizado. Uma pesquisa com as maiores empresas da Argentina, Brasil, Chile (excluindo produtores de cobre e nitrato), Colômbia e México mostra um padrão de propriedade em que o capital privado estrangeiro e o capital privado doméstico.

Slemrod (2015), considera que a tributação de ganhos de capital em países em desenvolvimento pode ser justificada por razões de equidade e econômicas. Por razões de equidade, os ganhos de capital aumentam a capacidade tributária de uma pessoa. Embora os ganhos de capital realizados representem uma pequena fração da renda total, eles representam uma proporção maior da renda dos beneficiários de alta renda do que daqueles nas faixas de baixa renda. Portanto, a tributação de tais ganhos é um elemento progressivo do sistema tributário e uma força para reduzir as altas concentrações de riqueza existentes em muitos países em desenvolvimento.



Para esse autor, uma importante função econômica do imposto sobre ganhos de capital é conter a especulação – especialmente no setor imobiliário, cujos valores vêm subindo devido ao crescimento populacional, urbanização e programas de desenvolvimento – e estimular investimentos economicamente produtivos. Os efeitos econômicos adversos de um imposto sobre ganhos de capital sobre a oferta de poupança e sobre a mobilidade de capital precisam ser cuidadosamente ponderados contra possíveis efeitos indesejáveis na alocação de investimento que podem ocorrer quando a renda ordinária é tributada e os ganhos de capital são isentos de impostos.

Richman (2015) afirma que poucos países em desenvolvimento estão adequadamente preparados para administrar um imposto sobre ganhos de capital devido à sua natureza complexa e sofisticada. A menos que tal imposto seja administrado de forma eficaz, a evasão e a evasão são incentivadas e resultam em desigualdades.

Já para Slemrod (2015), a razão de equidade para tributar ganhos de capital em países em desenvolvimento é enfatizada pela alta concentração de riqueza nas mãos de poucos. Os ganhos de capital são acumulados apenas para aqueles que possuem propriedades, e a não tributação desses ganhos discriminaria em favor dos proprietários e incentivaria o reinvestimento desses ganhos em ativos que perpetuariam graves desigualdades de renda e riqueza.

Outro argumento para a inclusão de ganhos de capital na rede tributária é a tributação relativamente baixa de imóveis na maioria dos países em desenvolvimento. Há duas razões para isso:

- (1) os valores de avaliação muito baixos dos imóveis sujeitos a imposto e (2) as baixas taxas de tributação sobre a propriedade. As formas de tributação sobre a propriedade que foram sugeridas para complementar o imposto sobre a propriedade real são um imposto sobre o patrimônio líquido, um imposto sobre o aumento da terra, um imposto sobre ganhos de capital e outros impostos sobre capital, como impostos sobre heranças e doações. A propriedade de propriedade, principalmente ativos financeiros, pode ser incentivada se





um imposto sobre ganhos de capital for limitado a imóveis, mas um imposto sobre patrimônio líquido ou patrimonial seria cobrado sobre esses ativos (SLEMROD, 2015, *passim*).

Richman (2015) considera que a tributação preferencial de ganhos de capital influencia a composição do investimento, na medida em que um imposto sobre ganhos de capital a uma taxa baixa induz a transferência de investimentos para aqueles que geram ganhos de capital daqueles que geram renda tributada a uma taxa mais alta, por exemplo, dividendos, juros e aluguel.

O autor aponta que as alíquotas de imposto mais baixas sobre ganhos de capital do que sobre renda ordinária favorecem a retenção de lucros nas empresas e não sua distribuição, reduzindo a disponibilidade de recursos para investimento em novos empreendimentos e outros estabelecimentos. Além disso, argumentou que um imposto preferencial sobre ganhos de capital que induza a retenção de lucros diminui a liquidez e o giro no mercado de capitais e diminui a eficiência do mecanismo de mercado na alocação de recursos. Nos países em desenvolvimento, é muito importante desenvolver os mercados de capitais e incentivar a diversificação dos investimentos.

Ainda para Richman (2015), as taxas preferenciais sobre ganhos de capital estimulariam a realocação de recursos de investimento. Essas baixas taxas de ganhos de capital podem induzir algum deslocamento de investimentos para ativos que produzam ganhos de capital. Alguns desses investimentos geralmente representam capital de risco, que contribui de forma importante para o desenvolvimento econômico, mas outros são investimentos especulativos em imóveis, que em nada contribuem para a industrialização e as atividades produtivas.

Esse autor afirma que a estrutura de taxa fixa é comum a países com sistema escalonado. Por exemplo, a Argentina cobra 10%, a Bolívia 4% sobre os ganhos de imóveis urbanos e 10 por cento sobre certos imóveis rurais, e o Chile 8% bens adquiridos antes de 14 de fevereiro de 1964 (caso contrário, 20 por cento). Todos os países que usam uma taxa fixa cobram taxas de imposto mais baixas



sobre ganhos de capital do que cobram sobre renda comum.

Slemrod (2015) aponta uma primeira vantagem de uma estrutura de taxa fixa é a sua simplicidade. Em segundo lugar, um imposto de taxa fixa tem a vantagem de que o contribuinte está menos preocupado em distribuir a realização dos ganhos de capital ao longo de um período, porque a alíquota do imposto é a mesma, independentemente de todos os ganhos serem realizados ou não em um ano. Uma estrutura tributária progressiva (incluindo a inclusão percentual nas alíquotas ordinárias do imposto de renda) pode aumentar a responsabilidade tributária se os ganhos líquidos realizados forem maiores em um ano do que em outros anos, e o contribuinte pode reter a venda de ativos para minimizar o imposto.

Ainda para esse autor, sob um sistema de taxa fixa, o contribuinte não está preocupado com ganhos realizados em um ano em relação aos de outros anos, pois não há incentivo fiscal para adiar a realização de ganhos líquidos (assumindo que não há mudanças iminentes na estrutura tributária de ganhos de capital).

Slemrod (2015) acredita que um incentivo para adiar a realização sob um sistema de taxa fixa, no entanto, surgiria porque o contribuinte realizaria economias com os juros sobre o valor do pagamento de imposto adiado. Uma terceira vantagem da estrutura de taxa fixa está intimamente associada à segunda: ou seja, a mobilidade do capital é menos impedida por um imposto de taxa fixa.

Por outro lado, Richman (2015) aponta que um imposto de taxa fixa pode discriminar grupos de baixa renda e pode beneficiar os contribuintes nas faixas de renda mais altas, porque o diferencial entre um imposto de renda fixa e um imposto de renda comum é maior nas faixas de alta renda. Os índices da alíquota do imposto sobre ganhos de capital em relação às alíquotas de renda ordinária em países com alíquota fixa (por exemplo, Chile) diminuem à medida que a renda aumenta.

Para esse autor, uma estrutura tributária progressiva é considerada mais equitativa do que um imposto de taxa fixa, uma vez que os ganhos de capital aumentam a capacidade tributável do contribuinte. A justificativa patrimonial para uma estrutura tarifária progressiva é reforçada pelo fato de



que os ganhos de capital são distribuídos em favor da classe proprietária e dos contribuintes de alta renda. Uma taxa fixa baixa favorece os investidores e especuladores em propriedades sobre outros assalariados.

De fato, os argumentos contra a estrutura progressiva de tributação de ganhos de capital surgem de duas considerações: equidade e mobilidade de capital. Como os ganhos de capital realizados em um ano podem ter sido acumulados ao longo de vários anos, as taxas graduadas aplicadas aos ganhos em um único ano podem onerar indevidamente o contribuinte, empurrando-o para uma faixa de imposto de renda mais alta.

A justificativa de Richman (2015) é que esse imposto mais alto sobre a renda acumulada foi mitigado em alguns países pelo uso de alíquotas progressivas preferenciais. Outro método para reduzir o ônus das alíquotas progressivas é distribuir os ganhos realizados pelo número de anos em que o ativo é mantido e tributar o incremento médio anual à alíquota marginal do contribuinte para aquele ano. Isso pode, no entanto, ser muito complicado de administrar, especialmente em países em desenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em contraste com o acalorado debate sobre a tributação ótima da renda do investimento estrangeiro direto, o tratamento da renda do investimento estrangeiro em carteira tem recebido pouca atenção. Quando do desenvolvimento desse estudo, percebeu-se que ganhos de capital são geralmente definidos como ganhos decorrentes da venda ou troca de ativos de capital e que os ativos de capital sujeitos a imposto sobre ganhos de capital são definidos por estatutos e geralmente representam apenas uma parte do patrimônio líquido de uma pessoa ou empresa.

Em particular, percebeu-se que a literatura é dicotomizada de forma semelhante à dos regimes tributários internacionais. Um artigo geralmente lidará com capital de entrada ou com capital de



saída, mas não com ambos ocorrendo simultaneamente. Uma lacuna tanto na prática quanto na teoria é consequência dessa característica.

Por fim, verificou-se que as distorções do mercado de capitais para o capital de saída que são criadas por uma política tributária para o capital de entrada são camufladas pela dicotomia. Por outro lado, uma política tributária recomendada sobre as importações de capital perderá as distorções que introduz nas exportações de capital, se os fluxos de capital forem vistos separadamente.

## **REFERÊNCIAS**

BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016. Evolução do Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/deorf/r199812/texto.asp?idpai=revsfn199812>. Acesso em: 24 abril. 2020.

GOMES, Marcus Lívio, VELLOSO, Andrei Pitten (orgs.). Sistemas constitucional tributário dos fundamentos teóricos aos hard cases tributários: estudos em homenagem ao Ministro Luiz Fux. (orgs.). Rio Grande do Sul: Livraria do Advogado, 2014, 670 p.

NORTON, E. A., REILLY, F. K. Investimentos. Tradução da 7ª ed. norte-americana. Cengage Learning, 2008, 564 p.

PAVELESCU, F. Savings-Investments Relationship in an Open Economy. Institute of National Economy, Romanian Academy. [2008]. 22 p.

PINHEIRO, J. L. Mercado de capitais. Fundamentos e técnicas. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2014. 607 p.

PINHEIRO, V.; TAKAR, T. Bolsa divulga nova metodologia de cálculo do Ibovespa. Valor econômi-



co, set, 2013.

ROCHA, A. Mercado de Capitais Brasileiro: avanços e retrocessos. Valor Econômico. Artigo, 2013.

RICHMAN, P. Tributação da renda de investimento estrangeiro: uma análise econômica. Baltimore: Johns Hopkins Press, 2015.

SLEMROD, Joel, O Princípio da Gangorra na Política Tributária Internacional, Journal of Public Economics, v, 65, n. 2: p.163-167, 2015

SOUZA, J; KANTORSKI, L P; L, M A V. Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221-228, maio/ago, 2011.

VALENTE, F. S. P. F. A relação entre investimento, poupança e taxa de juros: um panorama do debate sobre financiamento de longo prazo. Campinas. 2007. 17 p.

YIN, R. K. Uma Nota sobre a Tributação dos Fluxos de Renda de Capital Internacional”, The Economic Record, v. 68, n. 202, p. 217-221, 2015.



# Capítulo

# 5

## ESQUIZOFRENIA E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE: COMO AS DUAS PATO- LOGIAS PODEM SE CONFUNDIR

---



# ESQUIZOFRENIA E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE: COMO AS DUAS PATOLOGIAS PODEM SE CONFUNDIR

## SCHIZOPHRENIA AND PERSONALITY DISORDER: HOW THE TWO PATHOLOGIES CAN BE CONFUSED

Fernanda Dalapícola Camatta<sup>1</sup>

Camila Mariani Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A reforma psiquiátrica trouxe consigo novas formas de olhar para o indivíduo louco e, principalmente, várias transformações se tornaram possíveis com os eventos que vem acontecendo no processo da reforma. A esquizofrenia e o transtorno de personalidade emocionalmente instável são duas patologias que passaram por estudos e quebras de estigmas. Mas, estes não são os únicos pontos que estas tem em comum, o que causa uma certa facilidade de confundir os diagnósticos. Neste trabalho, tentarei mostrar alguns destes sintomas e suas formas de aparição no indivíduo a partir de um estudo de caso.

**Palavras-chave:** Esquizofrenia, transtorno de personalidade, saúde pública, saúde mental, borderline.

**Abstract:** The psychiatric reform brought with it new ways of looking at the crazy individual and, mainly, several transformations became possible with the events that have been happening in the reform process. Schizophrenia and emotionally unstable personality disorder are two pathologies that have gone through studies and stigma breaks. But these are not the only points they have in common,

1 Graduanda do curso de Psicologia da Universidade de Vila Velha/UVV

2 Psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da Universidade Vila Velha - UVV. Orientadora do Estágio Básico II e professora da Universidade Vila Velha/UVV



which makes it easier to confuse the diagnoses. In this work, I tried to show some of these symptoms and their appearance in the individual from a case study.

**Keywords:** Schizophrenia, personality disorder, public health, mental health, borderline.

A experiência do estágio no CAPS de São Pedro me permitiu ter contato com diversas patologias diferentes. Muitas delas me impressionaram, pois se tratavam de coisas que eu nunca tinha visto, ou sabia apenas na teoria. Um desses casos me chamou a atenção, pois se tratava de uma pessoa que foi diagnosticada com esquizofrenia depois de ter sofrido um trauma muito forte. Mas, com a troca de médico, ocorreu uma mudança de diagnóstico, o que me deixou bem confusa.

Foucault trás um posicionamento acerca da loucura que é interessante de ser debatido. No livro *História da Loucura na Idade Clássica* (2008), ele busca entender a exclusão dos corpos, ou como ocorre a lógica de exclusão da sociedade. Apesar do seu objetivo não ser o estudo da loucura em si, Foucault (2006, p. 163) entende que:

A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas de sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam.

Para ele, a loucura é criação do homem: o estudo dos corpos e das lógicas de exclusão levaram a construção da loucura e do indivíduo louco. No período da Idade Média, a loucura era como uma forma de linguagem diferente, porém aceita socialmente. Sendo assim, pode-se dizer que os loucos tinham discursos e lugares específicos. A partir do Renascimento, essa idéia começa a cair por terra e os loucos passam ser excluídos da sociedade. O louco era aquele que não estava de acordo com o padrão da sociedade, aquele desprovido de razão e por isso, deveria ser excluído da convivência social para que pudesse retornar à razão. A loucura só foi ser vista como “doença” e como especialidade





médica da psiquiatria a partir dos séculos XVIII e XIX, pois é a partir daí que os loucos deixam de ser vistos como uma questão moral e social e passam a ser questão médica, porém, continuam sendo excluídos (Providello e Yasui, 2013). Os manicômios surgiram, no Brasil, em meados do século XIX, sendo o primeiro o Asilo Pedro II, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1853 (Lopes, 2010).

O modelo psiquiátrico tinha como foco o sistema terapêutico de hospitalização, porém, visando o poder, a disciplina e a dominação sob o indivíduo considerado “sem razão” (Amarante, 2007). No Brasil, é a partir do final da década de 70 que o campo da saúde mental passa por momentos importantes que levam a Reforma Psiquiátrica. No período da democratização, no ano de 1978, o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) levanta as primeiras críticas ao modelo psiquiátrico da época e propõe transformações no âmbito da saúde mental (Lopes, 2010). Em 1979 temos a criação da primeira associação de familiares do país, que foi chamada de Sosintra, sendo uma importante protagonista em defesa da reforma psiquiátrica (Amarante, 2007).

No ano de 1989, ocorre a intervenção da prefeitura à Casa de Saúde Anchieta (Santos/SP), que contava com mais de 500 internos, levando ao fechamento do local e a substituição de profissionais da saúde para assistência aos pacientes. Além disso, o deputado Paulo Delgado (PT/MG) dá entrada no Congresso Nacional com o Projeto de Lei nº 3657 que propõe a regulamentação dos direitos do indivíduo com doença mental e a aniquilação dos hospícios. Porém, é somente no ano de 2001 que a Lei Paulo Delgado (Lei nº 10.216) é aprovada no país (De Mesquita, Novellino e Cavalcanti, 2010). Assim, tem início o fechamento de hospícios em todo país.

O processo da Reforma Psiquiátrica divide-se em duas fases: a primeira de 1978 a 1991 compreende uma crítica ao modelo hospitalocêntrico, enquanto a segunda, de 1992 aos dias atuais destaca-se pela implantação de uma rede de serviços extrahospitais (De Mesquita, Novellino e Cavalcanti, 2010, p. 2)

Logo, projetos para substituição dos manicômios começam a ser levantados e trabalhados



em todo o país. Na década de 1990, o Ministério da Saúde emitiu algumas portarias que prezavam ao tratamento adequado para pessoas que apresentassem sofrimento psíquico (Amarante, 1995). Após anos de manifestações, em especial dos movimentos antimanicomiais, têm-se a IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial, sendo importante de ser citada pois este movimento reuniu áreas da cultura, economia, direitos humanos, assistência social, etc (Amarante, 2007).

O estigma acerca do indivíduo em sofrimento psíquico é algo que ainda percorre os dias atuais. Este é definido, de acordo com Moreira (2006, p. 2), como uma “diferença indesejada, um atributo pejorativo que implica na intolerância do grupo” e, seus efeitos podem fazer com que o indivíduo deixe de procurar pelos cuidados de saúde mental, retardando assim seu processo de recuperação. Além disso, a discriminação pode potencializar sentimentos de solidão, angústia e desencadear ansiedade, depressão, baixa autoestima, entre outros aspectos que podem diminuir a vontade da pessoa de investir em seu tratamento (Oliveira e Azevedo, 2014).

A esquizofrenia é considerada um dos problemas de saúde pública que exige muito investimento de tempo e disponibilidade de atenção por parte dos profissionais. Causa grande sofrimento tanto para a pessoa considerada doente quanto para a rede de apoio, além de promover, em muitos casos, o distanciamento entre os membros da família. A pessoa com esquizofrenia é dificilmente compreendida, o que causa medo e insegurança por parte daqueles que não conhecem o transtorno.

É necessário entender e propor intervenções a partir de cada caso e grau do transtorno, principalmente nos primeiros surtos. Assim, é possível ajudar tanto o paciente quanto a rede familiar para que se possa ter uma boa convivência e principalmente fortalecer os laços entre a rede. A pessoa com esquizofrenia sofre não só pelas consequências psicológicas e sociais da doença, mas também pelo estigma que esta possui (Giacon e Galera, 2006).

A palavra personalidade, do latim *persona* - que curiosamente eram as máscaras utilizadas nos teatros gregos para representar personagens – retrata as características que tornam um indivíduo único. Estas estão presentes ao longo da vida e reúnem aspectos cognitivos, temperamentais e de



caráter. O transtorno de personalidade faz com que o indivíduo apresente padrões de experiências ou comportamentos diferentes dos previstos socialmente, sendo assim, é esperado que este apresente desarmonia em pelo menos duas das áreas: cognição, afetividade, funcionamento interpessoal e controle de impulsos (Louzã Neto e Elkis, 2007). Assim como na esquizofrenia, é preciso que se faça um acompanhamento detalhado do caso de cada pessoa em sofrimento, pois da mesma forma, o afastamento e a estranheza daqueles que não conhecem o transtorno afeta negativamente no tratamento.

Este trabalho tem como objetivo geral entender as particularidades da esquizofrenia e do transtorno de personalidade e, como objetivos específicos: discutir sobre os sintomas, o diagnóstico, as formas de tratamento e o cuidado e a assistência do indivíduo através de um estudo de caso de uma pessoa acompanhada no CAPS III de São Pedro, na cidade de Vitória, Espírito Santo.

## **Método**

As informações deste trabalho foram obtidas através da revisão narrativa, que de acordo com Rother (2007), é a análise de artigos, livros ou revistas já publicados. Além disso, relato minha experiência no campo de estágio, por 10 meses no Caps III São Pedro, trazendo vivências que me foram de grande aprendizado. Para a pesquisa bibliográfica foram usados como descritores as palavras-chave esquizofrenia, transtorno de personalidade, saúde pública, saúde mental e borderline.

## **Conhecendo o Caso – T.R.B**

Alguns dias depois do início do meu estágio no CAPS, me aproximei muito desta usuária do Caps. Tivemos muitas conversas e cada vez mais fui conhecendo sua história.

T. atualmente tem 29 anos, e, foi uma criança que nasceu antes de completar as 37 semanas de gestação, por isso, precisou passar por alguns procedimentos antes de sair do hospital. Durante sua



infância, segundo informações de prontuário, teve um desenvolvimento considerado normal.

Durante sua adolescência, segundo T., ela era “perfeita”: trabalhava, estudava, aprendeu violino e dançava ballet, sendo que todos elogiavam a forma como ela fazia as coisas, sempre diziam que ela teria muito sucesso na vida. No ano de 2010, T. foi vítima de violência sexual no dia de seu aniversário, aos 18 anos. Ela conta que resolveu assistir ao pôr-do-sol sozinha em cima de uma pedra de Vitória e, foi abordada por 1 homem, sendo forçada a ficar lá até que todos fossem embora. Após escurecer, outros 4 homens chegaram e, T. foi violentada.

Após este fato, T. relata que “perdeu tudo”: não conseguia mais trabalhar, estudar e até mesmo realizar as atividades cotidianas que tanto gostava. Além disso, começou a ter alucinações visuais e auditivas com seus abusadores, que segundo ela a filmaram no dia em questão; dificuldades para dormir e comer, pois via espermatozoides na comida; episódios de automutilação, ideação suicida, ansiedade e sintomas depressivos. Sente-se sempre suja e vê a sujeira em si, acreditando que caso se aproxime de alguém, contaminará a pessoa.

A usuária conta que vê 79 homens que sempre a acompanham e que fazem “jogos” com ela, como se fossem desafios, como por exemplo, queimar-se com o garfo quente ou colocar fogo na casa com toda a família dentro. Caso ela não faça nenhuma das duas sugestões, ela sofre uma “consequência”: ela deve deitar na cama e todos os homens a tocam. Quando ela está feliz, conta que os homens ficam pequenos e não conseguem fazer mal a ela pois ela não os escuta, mas, por outro lado, quando está se sentindo triste, eles ficam muito fortes. T. demonstra forte rejeição pelo sexo masculino, por isso, se sente ameaçada e amedrontada quando tem que estar junto a uma presença masculina, o que dificulta atendimentos com médicos, psicólogos e etc.

T. relata que não conseguiu contar para a família sobre o abuso que sofreu, pois os pais frequentam a igreja evangélica e acreditam que se algo de ruim acontecer com ela, é porque ela está “afastada de Deus” e, segundo a usuária, eles não aceitam que ela tome os medicamentos, pois acreditam que a igreja é a cura. T. não permite que o CAPS faça contato com a família, pois relata que a mãe



acha que o lá é “lugar de gente endemoniada”, logo, ela faria com que a usuária parasse de frequentar o serviço. Sobre os medicamentos, a usuária diz que eles não mudam nada, mas acredita que se parar de tomar ficará pior do que está.

Nos primeiros meses em que estive no serviço, os sintomas da usuária eram sempre estes. Depois, começaram a mudar um pouco: surgiram 15 personalidades femininas, que com o tempo adquiriram a habilidade de “possuí-la”. Cada personalidade é descrita de uma forma, todas muito distintas e de idades completamente diferentes. T. relata que após o aparecimento das “meninas”, ficou mais fácil lidar com os homens, pois elas a protegem e não permitem que eles cheguem perto.

T. demonstra grande preocupação com todos que a rodeiam, sempre perguntando se está tudo bem e o que ela poderia fazer para que o dia daquela pessoa fique 100% bom. Porém, nunca responde se ela está bem. T. diz que não vai casar, não quer ter filhos e, não gosta de “beijar na boca” e “fazer coisa de adulto”. Para ela namorar alguém, não pode existir toque. Além disso, diz que nunca se relacionaria com um homem, mas, não vê problema se for uma mulher pois fica “encantada” com o feminino. Este caso é considerado o mais complicado do serviço, pois com frequência há novos sintomas que levam à reavaliação do diagnóstico constantemente, causando dificuldade em definir o diagnóstico da usuária.

### **A etiologia da Esquizofrenia**

De acordo com o DSM-IV (2002), este transtorno é uma perturbação com duração mínima de 6 meses. O paciente passa por, no mínimo, 1 mês de sintomas da fase ativa, apresentando 2 ou mais dos seguintes sintomas: delírio, alucinação, discurso desorganizado, comportamento amplamente desorganizado ou catatônico.

A esquizofrenia pode ser dividida em subtipos I e II, ou positivo e negativo. A classificação de Crow (1980), como citado em Silva (2006), expõe que estas duas tipologias podem ser processos



distintos, logo, os principais sintomas que ocorrem no tipo I (positivo) são alucinações e delírios. E, no tipo II (negativo), são a dificuldade de discurso, por apresentar pouco repertório linguístico e, o embotamento afetivo.

Sua incidência é de aproximadamente quatro casos novos por ano em uma população de 10.000 habitantes. Sabe-se que o início da doença ocorre mais cedo em homens do que em mulheres, além disso, o histórico familiar é decisivo para manifestação de distúrbios psicóticos. É raro que este transtorno ocorra antes da puberdade e também, após os 50 anos (Mari e Leitão, 2000).

De forma geral, a esquizofrenia se inicia nos homens por volta dos 18-25 anos e nas mulheres, 25-35 anos, visto que, essa diferença é diretamente proporcional ao diagnóstico utilizado. De acordo com (Chaves, 2000, p. 21), “no início da adolescência, a razão homem/mulher é 2:1. Após os 50 anos, essa proporção se inverte e aproximadamente 3% a 10% das mulheres iniciam a doença após os 45 anos”.

As causas desta patologia ainda não são bem definidas, porém, existem algumas teorias que procuram explicar de onde vem os sintomas. A Teoria Genética a propõe como uma desordem hereditária, ou seja, caso exista um parente com esquizofrenia o fator de risco é mais significativo para que esta se desenvolva. Indivíduos que tem parentesco de primeiro grau com pessoas que possuem esquizofrenia, possuem um risco muito maior de desenvolvê-la (Silva, 2006).

A Hipótese Dopaminérgica é baseada na alta concentração de Dopamina (DA) no cérebro. Logo, os estudos feitos mostram que algumas drogas tem capacidade de estimular a neurotransmissão da dopamina, como por exemplo, a anfetamina. Em doses altas, ela causa efeitos que possuem características muito parecidas com os sintomas da esquizofrenia em fase ativa. Sendo assim, é importante que o psiquiatra esteja atento a possibilidade do paciente ter ingerido anfetamina (Silva, 2006).

Sabe-se que essa droga atua nos terminais dopaminérgicos aumentando a liberação de DA, além de impedir sua inativação na fenda sináptica, por inibir o mecanismo neuronal de recaptção existente na membrana pré-sináptica.



Assim, é possível que os sintomas esquizofreniformes - grande agitação psicomotora, alucinações auditivas, e idéias delirantes do tipo persecutório - sejam devidos ao excesso de atividade dopaminérgica determinado pela anfetamina (Silva, 2006, p.268).

Tais sintomas podem ter melhorias consideráveis após o paciente ingerir neurolépticos bloqueadores dos receptores dopaminérgicos, como a clopromazina e o haloperidol. Estudos sugerem que a ocorrência de eventos traumáticos durante gravidez ou durante o nascimento e má formação das estruturas cerebrais podem tornar o indivíduo mais suscetível ao desenvolvimento da esquizofrenia (Graeff, 1989 – 2004 citado em Silva, 2006).

Os sintomas da esquizofrenia podem surgir em qualquer período da vida, sendo mais comum durante a adolescência ou fase adulta. Algumas teorias sugerem que a forma como o paciente lida com a convivência familiar pode piorar ou amenizar os sintomas esquizofrênicos. As alucinações e os delírios são os aspectos mais comuns da esquizofrenia, além dos transtornos de pensamento e fala. Alucinações auditivas e táteis também são comuns nesta patologia (Pull, 2005 citado em Silva, 2006), como pode ser visto no caso de T.R.B. apresentado neste trabalho.

### **A etiologia do Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável**

A personalidade do indivíduo pode ser definida a partir de emoções, pensamentos e formas de agir diante da sociedade. De acordo com Mazer, Maceno e Juruena (2017), as características se associam a variantes individuais, interpessoais e sociais, como por exemplo a felicidade, a saúde (física ou psicológica), a espiritualidade e a identidade. Além disso, também são considerados importantes fatores como a qualidade das relações sociais, as escolhas, satisfações e desempenhos. A partir disso, podemos conceituar que:



Um transtorno da personalidade é um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é difuso e inflexível, começa na adolescência ou no início da fase adulta, é estável ao longo do tempo e leva a sofrimento ou prejuízo (American Psychol Association, 2014, p. 645).

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV (DSM-IV), temos a nomenclatura de Transtorno de Personalidade Borderline e, no CID-10, esta patologia é denominada como Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável, tipo borderline (Buttes et al, 2003). A seguir têm-se a definição de Transtorno de Personalidade, mais atualizada, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-5):

Instabilidade dos relacionamentos interpessoais, da autoimagem e dos afetos e acentuada impulsividade, que se manifesta no início da idade adulta e está presente em uma variedade de contextos:

- 1) esforços frenéticos no sentido de evitar um abandono real ou imaginário;
- 2) Um padrão de relacionamentos interpessoais instáveis e teorizado pela alternância entre extremos de idealização e desvalorização;
- 3) Perturbação da identidade: instabilidade acentuada e resistente da autoimagem ou do sentimento de Impulsividade em pelo menos duas áreas potencialmente prejudiciais à própria pessoa;
- 4) Recorrência de comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou de comportamento automutilante;
- 5) Instabilidade afetiva devido a uma acentuada reatividade do humor;
- 6) Sentimentos crônicos de vazio;





- 7) Raiva inadequada e intensa ou dificuldade em controlar a raiva;
- 8) Ideação paranóide transitória e relacionada ao estresse ou graves sintomas dissociativos (DSM- 5, 2014 citado em Martins e Dota, 2017).

Para que seja definido o diagnóstico de Transtorno de Personalidade, de acordo com o DSM-5, é necessário que haja a presença de cinco ou mais sintomas desses listados acima. O padrão de comportamento também deve apresentar instabilidade, ser inflexível e se manifestar por longos períodos de tempo, além de causar sofrimento ou comprometer a vida do indivíduo (Cailhol, Gicquel e Raynaud, 2020).

Não é incomum que pessoas com Transtorno de Personalidade possuam limitações quanto às emoções e comportamentos para lidar com o mundo. As respostas obtidas dessa interação podem causar sofrimento e prejuízos para o próprio indivíduo ou para outros. Pode-se definir três grupos de Transtorno de Personalidade: O primeiro abarca o tipo paranoide, esquizoide e esquizotípico; o segundo é composto pelos antissociais, histriônicos, narcisistas e borderlines; e, finalmente, o terceiro grupo traz as personalidades evitativas, dependentes e obsessivo-compulsivas (Mazer, Maceno e Juruena, 2017).

A noção de borderline constitui-se inicialmente como uma entidade vaga e imprecisa, que compreende sintomas que se estendem desde o espectro “neurótico”, passando pelos “distúrbios de personalidade”, até o espectro “psicótico” (Dalgalarrodo e Vilela, 1999, p. 53).

O Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável ou borderline, tem origem nos sintomas esquizofrênicos, pois foi muito associado a esta patologia. É somente no ano de 1980 que, no DSM-III, o quadro de sintomas borderline sai da visão da esquizofrenia para migrar para distúrbios



da personalidade. Logo, a esquizofrenia latente ou borderline origina dois tipos de distúrbios de personalidade: o distúrbio esquizotípico de personalidade e o distúrbio borderline de personalidade (Dalgarrondo e Vilela, 1999), sendo este último o que pode ter uma vivência no campo de estágio com o caso de T.R.B. A área comportamental é marcada pela instabilidade, com crises de autoagressão e automutilação, sentimentos instáveis e medo de abandono. Além disso, uma característica muito marcante é a dúvida acerca da autoimagem do indivíduo, seja sobre objetivos ou orientação sexual (Martins e Dota, 2017).

É comum que o indivíduo que possui sofrimento borderline esteja em relações que, por mais intensas que sejam, são instáveis. Logo, é provável que se encerrem de forma abrupta e muito sentimental, fazendo com que este se esforce de forma excessiva para não ser deixado de lado. Atos de autoagressão são esperados, assim como alterações na percepção da própria imagem, principalmente acerca de objetivos próprios e preferências sexuais. Sendo assim, pode-se dizer que os principais sintomas do transtorno de personalidade borderline são sentimentos de vazio, impulsividade, automutilação, tentativa de manipulação com o suicídio, episódios psicóticos com duração curta e, relações interpessoais pouco satisfatórias e muito conturbadas (Dalgarrondo e Vilela, 1999). No caso exposto acima, pode-se perceber alguns dos sintomas descritos no transtorno de personalidade borderline. Estes poucos sintomas causam dúvidas quanto a certeza do diagnóstico, principalmente pela mudança abrupta de ocorrência destes.

### **Transtorno Factício**

O Transtorno Factício Autoimposto ou Síndrome de Münchausen, tem sua primeira aparição no ano de 1951 descrita pelo endocrinologista e hematologista Richard Asher. Sua descoberta surgiu da análise de indivíduos que criavam sintomas e determinadas doenças para que pudessem obter acompanhamento especializado. O nome deste transtorno traz uma homenagem ao Barão Karl Frie-



drich Hieronymus Freiherr von Münchhausen que é lembrado pelas histórias inéditas e fantasiosas que contava após retornar das batalhas contra os turcos otomanos, logo após se unir as forças armadas russas. O transtorno factício também é familiar aos nomes “dependência hospitalar”, “síndrome do paciente profissional”, “síndrome do vício hospitalar” e “síndrome de hopper hospitalar” (Pereira, Molina-Bastos, Gonçalves e Goulart, 2019).

Este transtorno se caracteriza pela produção intencional e consciente de sintomas e sinais por parte do paciente, para ter atenção da equipe médica pela hospitalização. Mesmo que esta situação ocorra de forma intencional, a motivação é desconhecida, inconsciente (Aranha, de Carvalho, Guarniero e Soares, 2007). Durante algumas conversas com profissionais que acompanham T., este transtorno me foi citado algumas vezes. Acredita-se que essa paciente se molda a cada diagnóstico dado, buscando estar sempre no centro das atenções.

Geralmente, estes pacientes possuem várias passagens por diferentes médicos e principalmente, diversas internações por motivos muito semelhantes. São bem articulados e possuem conhecimento acerca das patologias que lhes são dadas, medicamentos utilizados e até mesmo seus efeitos colaterais. É possível que a vontade de obter carinho, aceitação e afeto, seja uma necessidade destes pacientes e, conseqüentemente, pode gerar uma relação de dependência com os médicos e outros profissionais de saúde. Talvez por não terem este tipo de relacionamento dentro de suas casas, buscam tê-lo com a equipe médica, fazendo assim uma substituição com os pais e criando uma necessidade de tratamentos de saúde (Aranha, de Carvalho, Guarniero e Soares, 2007).

Outra característica de pacientes com esse transtorno é a relutância dos mesmos com a menor possibilidade de tratamento psicológico isolado com a alta hospitalar. Quando confrontados com essas possibilidades intensificam os sinais e sintomas apresentados. Se não conseguem controlar a situação podem procurarescapar, fugir do serviço (Aranha, de Carvalho, Guarniero e Soares, 2007, p. 17).



É comum encontrar pacientes com forte tendência a manipulação, além de serem muito sedutores. Analisando os meses que se passaram, percebo que durante algumas conversas com T., me senti analisada. Parece que a usuária estuda todos a sua volta, para que possa conhecer o ambiente e assim, adaptar-se como um camaleão.

### **O auxílio do CAPS à pessoa em sofrimento psíquico**

Os CAPS se dividem de acordo com as particularidades observadas no atendimento dos pacientes e o número populacional do município ou região, sendo os serviços ofertados: CAPSij, que é especializado em atendimento para crianças e adolescentes; CAPS/AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas), que cuida de indivíduos em uso prejudicial de álcool e outras drogas; CAPS I – Centro de Atenção Psicossocial, que atende em municípios com população entre 20.000 e 70.000 habitantes; CAPS II – Centro de Atenção Psicossocial, que possui condições de atendimento para municípios com população entre 70.000 e 150.000 habitantes e, finalmente, o CAPS III – Centro de Atenção Psicossocial, atendendo em municípios com população acima de 150.000 habitantes. Todos trabalham na modalidade de atenção diária, estando de portas abertas para aqueles que necessitarem (Brasil, 2009; Silveira, Vargas, Reis e Silva, 2011). A portaria 3.088/ 2011, que define a RAPS – Rede de Atenção Psicossocial, da qual os CAPS fazem parte, foi reformulada em 2013. Todos os Centros de Atenção Psicossocial, independente do público, visam evitar a internação e principalmente, promover a inserção social.

É importante frizar que as atividades que ocorrem dentro dos CAPS são necessárias na construção de vínculos entre familiares e principalmente na quebra de estigmas sociais. (Moll e Saeki, 2009). Pude ver em alguns meses de estágio que a participação da rede de apoio no acompanhamento do usuário que frequenta os serviço é de extrema importância, pois este sente-se acolhido, importante



e amado. Porém, este não era o cenário visto tempos atrás.

O afastamento da família durante o período de internamento, ou seja, quando os asilos/manicômios eram a única forma de tratamento conhecida no Brasil, foi muito forte até 1980. Neste período, a família só poderia visitar o paciente quando a instituição permitia ou, quando estes já apresentavam melhoras (Moreno e Alencastre, 2003). Após muitos anos de estudo acerca da importância da participação da família no processo de cuidado da pessoa em sofrimento psíquico, o cenário mudou: é esperado que a rede de apoio esteja disponível e disposta a acompanhar todo o tratamento. Além disso, é importante frisar que os familiares também necessitam de atendimento por parte da equipe de saúde.

O cuidado passa a ter como premissa a defesa da vida e a percepção dos usuários como cidadãos pertencentes à comunidade. Os tratamentos ofertados pelo CAPS visam a integração e reintegração do paciente na comunidade e sua inserção familiar e social, com o propósito de colaborar para a reabilitação psicossocial do portador de transtorno mental. Para tanto, é necessário considerar as conexões que envolvem o sujeito buscando entendê-las como produtoras de vida (Ferreira et al., 2017 citado em Leite, dos Santos e Veloso, 2021, p. 6).

O adoecimento é considerado social, pois o a pessoa não vivencia a doença de forma individual. Esse processo acaba por envolver todos da família, fazendo com que os impactos sentidos pelo usuário do serviço atinjam a estrutura familiar (Martins e Dota, 2017). Os CAPS possuem grande importância no cenário da saúde pública, pois a diversidade de profissionais presentes neste serviço traz propostas inovadoras e que aumentam as chances de sucesso na resposta ao tratamento dos usuários. Tive a oportunidade de participar de atividades de pintura, desenho, criação de artes com papelão e até mesmo um show de talentos, onde cada um mostrava o que sabia fazer de melhor: tivemos apresentações de poesia, violino, canto, etc.



A arte é um instrumento de expressão, comunicação e também de linguagem. É uma energia mútua entre quem cria e o que é criado, tendo a capacidade de expor o que é não-exprimível e, simultaneamente, refletir uma necessidade de modificação pessoal. É capaz de guiar o desenvolvimento da criatividade, expandindo e multiplicando as necessidades do ser humano (Negreiros e Gonçalves, 2019, p. 19).

É indiscutível o quão forte é a minimização do estigma que os transtornos mentais carregam quando se está inserido dentro destes espaços e como ela é natural do ser humano, afinal, o desconhecido é amedrontador.

Os CAPS são entendidos como um dos locais onde a liberdade de expressão de todos os indivíduos, ou seja, a vida nas suas mais diversas formas de existir, não é vista como ameaça. Não se reduz a um lugar que determina a vida, mas sim que a movimenta e constrói. Estes locais são espaços de criatividade, reconstrução da história de vida, aprendizado de saberes e práticas, pois buscam substituir a exclusão e a disciplina por um tratamento que acolha e dê ao sujeito uma chance de criar uma ponte com a sociedade (Leite, dos Santos e Veloso, 2021).

A relação que o indivíduo constrói com todos dentro do serviço de saúde, sejam profissionais de saúde ou até mesmo outros usuários, é fundamental para que este se expresse e crie uma relação de confiança. Assim, as chances de abandono ao tratamento diminuem e a pessoa em sofrimento psíquico se sente valorizada pelo serviço (Leite, dos Santos e Veloso, 2021).

### **Tratamentos**

#### **Esquizofrenia**

Até meados dos anos 50, as alternativas de tratamento aos pacientes esquizofrênicos eram



muito limitadas, logo, a solução era confinar e segregar estes indivíduos em asilos e hospitais. Apesar da utilização dos antipsicóticos em excesso ser um assunto criticado nos dias atuais, é fato que estes foram importantes na história da saúde mental. Infelizmente, estes medicamentos apenas reduzem a intensidade de crises psicóticas agudas, logo, não são capazes de proporcionar a cura. São eficazes no tratamento dos sintomas positivos da esquizofrenia, mas questionáveis quanto aos efeitos negativos (Silva, 2006).

Os efeitos colaterais são a causa mais frequente de reclamação por parte dos pacientes. Devido a participação da via dopaminérgica nigroestriatal na regulação da atividade motora e o bloqueio dos receptores dopaminérgicos estriatais, os antipsicóticos acabam por produzir alguns efeitos adversos como: tremores, espasmos, acatisia, entre outros sintomas. Os neurolépticos também podem afetar o sistema nervoso autônomo (SNA), fazendo com que ocorram sintomas como secura da boca e da pele, midríase e dificuldade de acomodação visual, taquicardia, constipação intestinal e retenção urinária (Silva, 2006). Apesar de o uso destes serem fundamentais para a medicina e psiquiatria tradicionais, para o tratamento da esquizofrenia, os efeitos colaterais podem ser tão intensos quanto os próprios sintomas do transtorno.

Além do tratamento com medicamentos, a utilização da terapia é de extrema importância para o indivíduo esquizofrênico. De acordo com Silva (2006), a abordagem terapêutica tem como objetivo a reabilitação social. É a partir dela que o paciente conseguirá desenvolver e treinar habilidades que reduzam os sintomas positivos e evitem que este tenha recaídas psicóticas. Assim, o paciente conseguirá viver melhor em seu ambiente e criar formas de combate aos eventos estressores. E, caso exista uma proximidade da rede de apoio, as chances de sucesso aumentam significativamente.

### **Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável**

Assim como na esquizofrenia, o Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável pode



ser suavizado com a psicoterapia individual, que a longo prazo pode ser eficaz mesmo que a chance desta ser interrompida abruptamente seja alta. A psicoterapia de curto prazo pode ser útil para amenizar crises momentâneas e principalmente para trazer uma forma de introduzir a psicoterapia de longo prazo. A terapia individual deve vir acompanhada de outros tratamentos. É comum que o indivíduo em sofrimento borderline seja familiarizado a internações (Buttes et al, 2003).

O tratamento farmacológico geralmente tem como foco controlar as manifestações sintomáticas da pessoa, buscando diminuir a impulsividade, agressividade e estabilizar o humor (Buttes et al, 2003). Os medicamentos mais utilizados para pessoas em sofrimento borderline são os antipsicóticos atípicos, que buscam melhorar comportamentos e sintomas cognitivos – impulsos agressivos, afetivos e cognitivos (CARVALHO, 2004 citado em Martins e Dota, 2017).

Os benzodiazepínicos, apesar de apresentarem um risco considerável de dependência, podem ser usados em situações específicas, porém, devem ser ministrados com cuidado (Associação Americana de Psiquiatria, 2001). Como já dito, os antipsicóticos ministrados a curto prazo podem apresentar efeitos benéficos sobre os sintomas cognitivo-perceptuais, raiva e labilidade do humor (Cailhol, Gicquel e Raynaud, 2020).

## **Considerações Finais**

O caso apresentado neste trabalho trouxe muitas dúvidas enquanto estagiei no CAPS. O diagnóstico da pessoa em questão acabou por ser modificado pela aparição de novos sintomas e diminuição de frequência de outros. Apesar destas duas patologias serem muito distintas, seus sintomas podem ser confundidos e, conseqüentemente, atrapalhar a definição de um diagnóstico definitivo.

Sabe-se que o uso de medicamentos é normalmente defendido pelos psiquiatras, apesar de nem sempre ela ser eficaz. No caso de T.R.B, ela se queixa de não perceber diferenças significativas no uso de medicamentos, mas diz que gosta de conversar e expor o que sente, pois isso a faz se sentir





melhor. Podemos concluir que um tratamento eficaz reúne várias áreas da saúde.

O uso de medicamento é necessário em alguns casos, porém, deve ser administrado com muito cuidado, tanto pelo médico que define as dosagens quanto pela pessoa em sofrimento. A terapia necessita ser um complemento no tratamento, seja individual ou em grupo, com animais, pinturas, esculturas, dança, canto e etc.

O trabalho que visa saúde mental necessita da reinvenção diária por parte de todo o público envolvido: trabalhadores, gestores, psicólogos, psiquiatras até mesmo o cobrador do ônibus que o indivíduo em sofrimento costuma pegar. A transformação não vem apenas do usuário, mas sim do coletivo. É preciso tecer uma linguagem que possibilite ao usuário empoderar-se, além de aumentar a nossa capacidade empática e ativar nossos próprios afetos (Tassi, 2019).

A empatia é uma base para sustentar o cuidado. Não é preciso dar tanta importância para a racionalidade, logo, as afinidades, os afetos, a relação do sujeito com seu ambiente natural ou comunitário, o socializar-se com o outro, consigo mesmo e com o mundo é o que trás a sensação de estar vivo. A inquietude é resistência dentro de espaços de saúde (Tassi, 2019).

## **Referências**

Amarante, Paulo. (1995). Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da reforma psiquiátrica. Cadernos de Saúde Pública, 11, 491-494.

Amarante, Paulo. (2007). Saúde mental e atenção psicossocial. SciELO-Editora FIOCRUZ.

American Psychiatric Association. (2014). DSM-5: Diagnóstico manual e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora.



American Psychiatric Association (2001). Practice guideline for the treatment of patients with borderline personality disorder. Psychiatry on Line.

Aranha, Gustavo Fábio et al. (2007). Transtorno factício: um desafio para as diversas especialidades. Revista de Medicina, 86(1), 14-19.

BRASIL. (2009). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde/DAPE. Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Buttes, Vanessa et al. (2003). Programa de abordagem interdisciplinar no tratamento do transtorno de personalidade borderline: relato da experiência no ambulatório Melanie Klein do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Cailhol, Lionel et al. (2020). TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE EM ADOLESCENTES. Ed: Mafalda Marques.

Chaves, A. C. (2000). Diferenças entre os sexos na esquizofrenia. Revista Brasileira de Psiquiatria , 22 (1), 21-22. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000500008>

Dalgarrondo, Paulo e Vilela, Wolgrand Alves. (1999). Transtorno borderline: história e atualidade. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2, 52-71.

DE MESQUITA, José Ferreira et al. (2010). A Reforma Psiquiátrica no Brasil: Um novo olhar sobre o paradigma da Saúde Mental. Abepo, 1, 9.



DSM-IV. (2002). Manual diagnóstico e estatístico de transtorno mental. Trad. Cláudia Dornelles. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.

FOUCAULT, MICHEL. (2006). A loucura só existe em uma sociedade. In: M. Foucault. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Coleção Ditos e escritos I, org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta, (2º Ed.), (pp. 162-164). Rio de Janeiro: Forense universitária.

Foucault, Michel. (2008). História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva.

Giacon, Bianca Cristina Ciconne e Galera, Sueli Aparecida Frari. (2006). Primeiro episódio da esquizofrenia e assistência de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 40(2), 286-291. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342006000200019>

Leite, Lara Priscila Lemos, et al. (2021). As ações de enfermagem voltadas a permanência do paciente esquizofrênico vinculado ao Centro de Atenção Psicossocial CAPS. Research, Society and Development, 10(6), e13010615717-e13010615717.

LOPES, Maria Helena Itaquí. (2010). Pesquisa em hospitais psiquiátricos. Porto Alegre. [documento na Internet]. [acessado 2011 fev 10].

Louzã Neto, Mario Rodrigues e Elkis, Helio. (2007). Psiquiatria básica. In Psiquiatria básica, 2 ed (p. 712-712).

Mari, J. J. e Leitão, R J. (2000). A epidemiologia da esquizofrenia. Revista Brasileira de Psiquiatria, 22 (1), 15-17. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462000000500006>



Mazer, Angela et al. (2017). Transtornos da personalidade. *Medicina*, 50(1), 85-97. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/127542>.

Moll, Marcia Fernandes e Saeki, Toyoko. (2009). A vida social de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, usuárias de um centro de atenção psicossocial. *Revista latino-americana de enfermagem*, 17(6).

Moreira, Virginia. (2006). Estigma: minha doença é invisível. In *Congresso Internacional De Psicopatologia Fundamental (Vol. 2)*.

Moreno, Vania e Alencastre e Marcia Bucchi. (2003). A trajetória da família do portador de sofrimento psíquico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37, 43- 50./

Negreiros, Anne Karolynne Santos de Negreiros. e Gonçalves, Chirlaine Cristine. (2019). Poesia popular: Ferramenta de inclusão na saúde mental.

OLIVEIRA, Ana Rita Fernandes e AZEVEDO, Sonia Meira. Estigma na doença mental: estudo observacional. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, [S. 1.], v. 30, n. 4, p. 227–34, 2014. DOI: 10.32385/rpmgf.v30i4.11347. Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/11347>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Pereira, Aline Vianna et al. (2019). Transtorno Factício e a Equipe Interdisciplinar: identificação de sinais e fatores de risco. In *CoDAS (Vol. 31, No. 1)*. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.



Providello, Guilherme Gonzaga Duarte e Yasui, Silvio. (2013). A loucura em Foucault: arte e loucura loucura e desrazão. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, 20(4), p. 1515 – 1529.

Rother, Edna Terezinha. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta paulista de enfermagem*, 20(2), v-vi.

Silva, Regina Claudia Barbosa da Silva. (2006). Esquizofrenia: uma revisão. *Psicologia Usp*, 17, 263-285.

Silveira, Monica Silveira, et al. (2011). Caracterização dos usuários com esquizofrenia e outros transtornos psicóticos dos Centros de Atenção Psicossocial. *Cadernos Saúde Coletiva*, 19(1).

Tassi, Daniela Hauch. (2019). Versos, cuidado e produção de vida: uma autoetnografia poética em saúde mental coletiva.



# Capítulo

# 6

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM CONJUNTO NECESSÁRIO NO PROCESSO EDUCATIVO

---



# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM CONJUNTO NECESSÁRIO NO PROCESSO EDUCATIVO

## LITERACY AND LITERACY: A NECESSARY SET IN THE EDUCATIO- NAL PROCESS

Tiago Santana de Souza

Daria Gomes da Costa Dantas

Drielly de Brito Xavier

Izabela Vanessa Martins Assunção de Souza

**Resumo:** A presente pesquisa teve como temática: Alfabetização e Letramento: um conjunto necessário no processo educativo. O objetivo principal da pesquisa foi compreender o funcionamento e também conhecer a definição dos termos da Alfabetização e Letramento, e propiciar este conhecimento para os leitores, foi utilizada a pesquisa bibliográfica para a condução da pesquisa e, por tanto, para a obtenção dos resultados. Diante dos resultados alcançados mediante a pesquisa, foi possível perceber que mesmo a alfabetização e o letramento serem confundidos como uma única palavra, descobrimos suas definições e como identificar cada uma delas. Vale salientar que mesmo que sejam diferentes, a alfabetização não é melhor do que o letramento e vice e versa, ou seja, uma pratica depende da outro.

**Palavras chaves:** Alfabetização. Letramento. Aprendizagem. Educação.

**Abstract:** The present research had as its theme: Literacy and Literacy: a necessary set in the educational process. The main objective of the research was to understand the functioning and also to know the definition of Literacy and Literacy terms, and to provide this knowledge to the readers, the



bibliographic research was used to conduct the research and, therefore, to obtain the results. In view of the results achieved through the research, it was possible to perceive that even literacy and literacy are confused as a single word, we discovered their definitions and how to identify each one of them. It is worth noting that even if they are different, literacy is not better than literacy and vice versa, that is, one practice depends on the other.

**Keywords:** Literacy. literacy. Learning. Education.

## **INTRODUÇÃO**

Hoje nos encontramos em um processo evolutivo constante no seguimento educacional, dispomos de técnicas inovadoras, procedimentos e metodologias atrativas e divertidas para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Deste modo buscamos esclarecer um dos processos mais importantes no contexto educacional através do estudo sobre o tema: Alfabetização e Letramento: um conjunto necessário no processo educativo.

A construção de conhecimentos inicia-se desde muito cedo no próprio ambiente familiar da criança, entretanto é na escola que esses conhecimentos serão potencializados. Por muito tempo ouvimos as pessoas falarem sobre a alfabetização e o letramento, porem quase sempre com comparativos errados sobre suas definições ou até mesmo tratando os dois processos como um só. Sendo assim nos preocupamos em esclarecer dúvidas sobre os termos de alfabetização e letramento bem como esclarecer suas definições para o público escolar e também para aqueles que fazem parte do processo educativo das crianças, pais, responsáveis demais leitores.

Quando passamos a entender as coisas como de fato são, conseguimos alcançar feitos que outrora não seria possível, dado que é complicado trabalharmos com assuntos que não temos propriedade, sendo assim, com a alfabetização e o letramento não poderia ser diferente, a partir do momento





que conhecemos seus conceitos, definições e entendemos sobre seu funcionamento, desmistificamos dificuldades, pois identificamos complicações que antes não seria possível identificar por não ter conhecimento sobre o processo de alfabetização e letramento.

O interesse em escrever sobre o tema em questão surgiu mediante experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar, onde foi notado que ao falar em alfabetização e letramento ainda hoje gera incertezas e falta de clareza em suas definições. Para chegar no objetivo de nosso estudo é necessário apresentar conceitos e definições dos termos alfabetização e letramento tanto para colegas da educação quanto para o público de nossa sociedade em geral. É importante que o conhecimento necessário para identificar e diferenciar um termo do outro, seja apresentado a todos os participantes do processo educativo das crianças e, com isso, consigam contribuir para a aprendizagem das crianças dentro e fora da escola construindo um ser social em constante evolução.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Alfabetização**

É comum no meio educacional ouvirmos alguém falar sobre Alfabetização e Letramento, deste modo para que seja possível a compreensão do que aqui será falando, não faremos uma explanação profunda sobre suas concepções, mas mostraremos algumas definições do que de fato é alfabetização e letramento para que assim a compressão seja acessível a todos os leitores que tenham aceso ao estudo.

Em se tratando da origem do letramento os seguintes autores nos mostram que;

Estudando a origem da alfabetização é possível constatar que devido às necessidades da comunicação do dia a dia da humanidade é que surgiu a escrita e a leitura, e que ao inventar a escrita, o homem também fez surgir a neces-



sidade de que ela continuasse a ser usada e passada para as novas gerações. Devido a essa necessidade surgiu à alfabetização, ou seja, processo inicial de transmissão de leitura e escrita. (MARTINS; SPECHELA, 2012, p. 3).

Através das palavras dos autores citados acima, notamos que a origem da alfabetização teve envolvimento com determinada necessidade voltada para a comunicação social destacando-se a leitura e a escrita.

“A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação, no entanto, a criança ao ingressar na escola já dispõe de uma bagagem de conhecimentos adquiridos no meio em que está inserida.” (SILVA, 2018, p. 13). Entretanto, vale salientar que mesmo que os educadores façam este aproveitamento dos conhecimentos que os alunos trazem de casa, é importante que não rotulem experiências fazendo comparativos de histórias vividas dos alunos, pois de maneira alguma podemos atribuir uma forma de alfabetização que sirva igual para todos. Sendo assim, “A alfabetização não possui receita pronta em relação ao método, pois a forma de aprendizagem de uma criança pode ser diferente da outra. O método aplicado em uma turma pode não ter o mesmo resultado em outra”. (SILVA, 2018, p. 16).

Ainda sobre a questão de métodos a respeito da alfabetização os seguintes autores nos mostram que;

É necessário utilizar um método, porém não se pode definir um como o melhor, ou mesmo único, pois o que pode ser bom para aprendizagem de uma criança pode ser ruim para outra, lembrando que quando se utiliza um método e ele não traz bons resultados, deve-se partir para outro. (MARTINS; SPECHELA, 2012, p. 6).

Vale salientar que é de grande importância que o professor como agente alfabetizador, esteja



sempre em constante evolução em se tratando de suas ferramentas e metodologias de ensino, pois para que possamos acompanhar toda a evolução que vivenciamos hoje, é necessário que estejamos em constante progresso. Sendo assim, “É de grande importância que o agente alfabetizador tenha realmente um compromisso para com o processo de alfabetização, dedicando-se e aprofundando-se em conhecimentos metodológicos da alfabetização”. (MARTINS e SPECHELA, 2012, p. 7)

Em síntese podemos dizer que “A alfabetização consiste em que o indivíduo aprende algumas habilidades como codificar e decodificar de forma individual. Ele amplia novos horizontes na capacidade de ler, interpretar e produzir conhecimento”. (SOARES, 2016, p. 9-10).

## **Letramento**

Pode-se dizer que o termo Letramento não é tão antigo quanto a Alfabetização, porem surgiu através de algumas necessidades apresentadas sob o processo de alfabetização onde o ato de ler e escrever precisava de algo mais. Sendo assim,

A invenção do termo letramento ocorreu em um mesmo momento histórico, em sociedades distantes tanto geográfica quanto econômica e culturalmente, como uma necessidade de se reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever como resultado da aprendizagem do código linguístico. Portanto, em meados dos anos 1980, se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do illetrisme, na França, da literacia, em Portugal. Assim sendo, no âmbito dos estudos e pesquisas acadêmicos brasileiros, situam-se as primeiras formulações e proposições da palavra letramento para designar algo mais do que até então se podia com a palavra alfabetização. (MOTA, 2011, p. 42).



Para Almeida e Farago:

O termo letramento se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países, no Brasil à discussão do letramento surge sempre enraizada ao conceito de alfabetização, em que os dois processos devem caminhar juntos. (2014, p. 211).

Deste modo percebemos que mesmo sendo palavras distintas e quase sempre confundidas como se fossem uma única palavra, os termos alfabetização e letramento andam em conjunto um auxiliando o outro no processo de aprendizagem das crianças.

É importante destacar que o letramento deve ser levado em consideração por todos os envolvidos neste processo em todos os seguimentos da educação, pois geralmente a responsabilidade de qualquer coisa que faça ligação com leitura e escrita, sempre é cobrado mais do professor de português e não de todos que fazem parte do processo educativo. Sendo assim, “O letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, cada educador, é responsável pelo letramento em suas diferentes áreas de estudo”. (ALMEIDA e FARAGO, 2014, p. 212).

Para Justo e Rubio, “O letramento dos alunos é importante para a conquista da cidadania, pois o indivíduo letrado é capaz de se instruir por meio da leitura e de selecionar, entre muitas informações aquela que mais interessa a ele”. (2013, p. 5).

Antigamente ao aprender a ler as pessoas se sentiam amparadas em se tratando de sua comunicação e de suas relações sociais, de fato por muito tempo saber ler foi suficiente, pois conseguiam identificar, se comunicar e traduzir coisas, contudo, nos dias atuais apenas saber ler parece não ser suficiente, podemos afirmar este pensamento através das palavras do seguinte autor quando nos diz que:

Hoje saber ler e escrever não garante a uma pessoa interação plena com a



diversidade textual que circula em nossa sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar letras e sons, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. (MOTA, 2011, P. 40).

Vale salientar culturas devam ser reconhecidas e não esquecidas, dado que, todo o conhecimento que os alunos já tem quando chegam a escola deve ser aproveitado e trabalho a partir do conhecimento e experiências vividas em momentos anteriores ao ingresso na escola. Para os autores:

A cultura e os costumes de uma sociedade também devem ser considerados como níveis de letramento, pois tanto quanto a escolarização é importante em uma determinada cultura, a luta por manter rituais e costumes em outras sociedades também deve ser valorizada, pois para ela, ali está o letramento, o saber viver e transmitir ensinamentos, como exemplo podemos destacar a cultura e rituais de algumas aldeias indígenas. (JUSTO e RUBIO, 2013 p. 10).

Deste modo, percebemos afirmação dessas palavras através das palavras do seguinte autor quando nos que: “O letramento, portanto, é cultural, pois as crianças já vão para a escola com o conhecimento adquirido no seu dia a dia”. (MOTA, 2011, p. 53).

### **Alfabetização e letramento**

Em se tratando de alfabetização e letramento não podemos julgar e/ou rotular que um seja mais importante que o outro, dado que é através desta junção que os ganhos são alcançados. “Nesse sentido, a alfabetização e letramento embora diferentes se complementem, pois nenhum substitui o outro e ambos necessitam estarem ligados no processo de aprendizagem”. (SILVA, 2018, p. 16).

Assim sendo, nessa concepção, entendemos que existe uma conexão entre



alfabetização e letramento; a alfabetização (aquisição do código da leitura e da escrita pelo sujeito) é concebida como pré-requisito para o letramento (apropriação e uso social da leitura e da escrita pelo sujeito). Subjacente a essa concepção de letramento está a ideia de que fazer uso da leitura e da escrita transporta o indivíduo a outro estado ou condição sob os aspectos de ordem social, cultural, político, econômico e linguístico. (MOTA, 2011, p. 46).

É sabido que o conjunto alfabetização e letramento é essencial no processo educacional de nossa sociedade, sendo assim nada melhor que a escola para toda essa construção de conhecimentos principalmente no trabalhar a alfabetização e o letramento. Vale salientar que para conquistar resultados satisfatórios, a escola precisar dispor de recursos e suporte para operar com qualidade. Sendo assim veremos o que os autores Justo e Rubio tem a nos dizer a cerca deste assunto:

A escola deve criar as condições necessárias para o letramento, pois temos consciência de que ela não forma leitores sozinha, mas sabemos também que a instituição educacional é fundamental para ajudar nessa formação já que as crianças muitas vezes aprendem o código, a mecânica, mas depois não aprendem a usar. Assim sendo, a tarefa de alfabetizar letrando significa dar subsídios aos alunos para que estejam preparados para usar vários tipos de linguagem em qualquer tipo de situação, havendo assim uma escolarização real e efetiva, desenvolvendo nos alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer uso, de forma mais eficiente das capacidades técnicas de leitura e de escrita. (JUSTO, RUBIO, 2013, p. 5).

É necessário que as práticas de alfabetização e letramento sejam melhor contempladas em



nossas salas de aula e, com isso, propiciar aos alunos contato com culturas através de diferentes tipos de gêneros de leitura e escrita além de vivenciar novas experiências através da leitura e escrita. (ALMEIDA e FARAGO, 2014).

A leitura é de fato uma prática necessária para todos, a criança poderá desenvolver essa prática durante toda a sua vida, pois a leitura não servirá apenas para conhecer ou traduzir palavras. Sendo assim, “A leitura é um processo de enriquecimento da racionalidade e do saber. Ler é muito mais do que decodificar palavras, ler é descobrir, imaginar e conhecer”. (SILVA, 2018, p. 18).

É extremamente importante que usemos todos os recursos possíveis para contribuir no processo de alfabetização e letramento e, por tanto, a leitura deve ser bem apresentada para que se torne algo natural para os envolvidos. Vale salientar que essa preocupação em incentivar o processo, seja presente em todos que fazem parte do processo educativo das crianças, escola, professores, pais e responsáveis, todos devem ser e dar exemplo através de leituras de forma atrativa e divertida para que a leitura seja plantada e se torne algo prazeroso e, com isso, faça parte do processo evolutivo das crianças acompanhando-os por toda sua vida. Deste modo:

A leitura é uma fonte de conhecimentos que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola. Além da satisfação pessoal que proporciona ao aluno, a leitura contribui para a construção de modelos relacionados às formas de escrita, e tem como finalidade a formação da criança que além de serem alfabetizados sejam letrados. (SILVA, 2018, p. 19).

Ainda sobre o mesmo autor já citado acima percebemos que, “É importante o professor ler para crianças e o ato da leitura pode ser cultivado desde a alfabetização com a prática de contar histórias infantis além de mostrar livros ilustrados para despertar o prazer e a curiosidade”. (SILVA, 2018, p. 19).

Continuando sobre essa questão de motivação e incentivo, sabemos que o bom professor está



sempre empenhado em contribuir, modificar, transformar e contribuir na aquisição e no desenvolvimento dos seus alunos, e para isso, deve se atualizar, evoluir, conhecer e colocar em pratica novas metodologias utilizando os mais diversos recursos físicos e digitais que hoje temos disponíveis como nossos aliados, sendo assim:

Cabe aos professores transformar o aluno alfabetizado em uma pessoa letrada e isso se dá através de incentivos variados, no que diz respeito a diversos tipos de leituras, utilização de exercícios de interpretação e compreensão, além de vários outros tipos de ferramentas como revistas, jornais, internet, etc.. (JUSTO e RUBIO, 2013, p. 6).

Assim, é notado a relevância sobre o papel que o professor exerce em todo o processo de construção de saberes dos alunos, tanto na parte educacional escolar, quanto na formação do ser social que outrora fora construído na escola. Vale salientar a importância de o professor inovar e atualizar sua metodologia de ensino para que esteja sempre se adaptando aos alunos e suas realidades distintas.

### **CONCLUSÃO**

Por meio desta pesquisa foi possível verificar que o conjunto alfabetização e letramento é uma pratica extremamente necessária na vida dos educandos, independente do segmento, seja na educação infantil ou no ensino fundamental nos anos iniciais, todos levarão consigo aprendizagens em sua jornada social através do que aprenderam e construíram por meio da alfabetização e do letramento em seu processo educativo.

Através da pesquisa foi possível conhecer, identificar e diferenciar o termo alfabetização do letramento. foi extremamente importante conhecer as definições dos termos, pois através destes conhecimentos adquiridos, chegamos à conclusão de que mesmo tratando-se de palavras e funciona-





bilidades distintas, é de grande importância que as duas andem juntas para a efetivação do desenvolvimento por inteiro dos alunos.

Percebemos também que os professores necessitam de melhor apoio e reconhecimento no processo de alfabetização e letramentos dos seus alunos, pois o processo educativo é responsabilidade de todos os envolvidos na realidade educacional das crianças desde os pais, responsáveis e escola, e não somente responsabilidade do professor.

Notamos também que muitas coisas precisam ser esclarecidas quanto aos termos de alfabetização e letramento, pois alguns autores defendem que mesmo que esse trabalho seja efetivado quando chegarem a escola, também pode ser trabalhando e construindo antes mesmo da própria inserção da criança na escola, porém para isso, os que rodeiam as crianças precisam contribuir para tanto.

## **REFERENCIAS**

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti de; FARAGO, Alessandra Corrêa. A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 204-218, 2014. Bebedouro – SP 2014.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. LETRAMENTO: O uso da leitura e da escrita como prática social. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013. São Roque – SP 2013.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO. Ensaios pedagógicos, Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET – ISSN 2175-1773 julho de 2012.



MOTA, Ana Beatriz Gama Da. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: As concepções e as práticas educativas de uma professora do 2º ano do ensino fundamental. Presidente Prudente 2011.

SILVA, Elissandra Lima Da. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Concepções e práticas dos professores no ciclo de alfabetização da EMEF São Tomé, Itaituba-PA. Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia. ITAITUBA-PA 2018.

SOARES, Ismânia Maria Moreira. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS. Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Nova Cruz – RN 2016.



# Capítulo

# 7

## O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

---



# O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

## THE ROLE OF THE PEDAGOGICAL COORDINATOR IN CONFLICT RESOLUTION

Ivanaldo Guedes Da Silva

Maria Imaculada De Medeiros Guedes

**Resumo:** Nos últimos tempos muitas discussões vêm ganhando espaço em torno do trabalho do coordenador pedagógico e como atua na resolução de situações conflitantes na escola. São inúmeros os desafios que compete a figura deste profissional de educação no cotidiano escolar. Diante desta problemática, este estudo busca compreender qual o verdadeiro papel desse profissional. Neste sentido, o referido trabalho titulado de “O papel do coordenador pedagógico na resolução de conflitos” tem como objetivo, identificar os diferentes papéis do coordenador pedagógico dentro escola. Este trabalho apresenta uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseado em estudos anteriores sobre o referido tema. Durante a escrita deste artigo foi necessário recorrer a diferentes pontos de vistas sobre o papel do coordenador. Para tanto, a contribuição de alguns teóricos foi de grande relevância, entre eles, Placco (2009), Cortella (2014), Freire (1996) e Moran (2000). Diante deste estudo, observa-se que o coordenador pedagógico enfrenta grandes desafios na dinâmica escolar, porém sabe-se que seu principal papel está ligado a articulação do saber entre professor e aluno, bem como na interlocução da inter-relação entre família e escola.

**Palavras-chave:** Coordenador. Conflitos. Professor. Aluno.



**Abstract:** In recent times, many discussions have been gaining ground around the work of the pedagogical coordinator and how he acts in resolving conflicting situations at school. There are countless challenges facing the figure of this education professional in everyday school life. Faced with this problem, this study seeks to understand the true role of this professional. In this sense, the aforementioned work entitled “The role of the pedagogical coordinator in conflict resolution” aims to identify the different roles of the pedagogical coordinator within the school. This work presents a bibliographic research, based on previous studies on the aforementioned topic. During the writing of this article it was necessary to resort to different points of view on the role of the coordinator. For that, the contribution of some theorists was of great relevance, among them, Placco (2009), Cortella (2014), Freire (1996), and Moran (2000). In view of this study, it is observed that the pedagogical coordinator faces great challenges in the school dynamics, but it is known to say that his main role is linked to the articulation of knowledge between teacher and student, as well as in the interlocution of the interrelation between family and school.

**Keywords:** Coordinator. conflicts. Teacher. Student.

## INTRODUÇÃO

Inicialmente é importante destacar que este trabalho trata do “Papel do coordenador pedagógico na resolução de conflitos”, mas para entendermos esta função específica do coordenador pedagógico é necessário explanar sobre o trabalho do coordenador pedagógico no ambiente escolar e suas especificidades nas relações interpessoais.

Para Placco e Souza “o trabalho do coordenador está ligado ao aluno, ao professor e a comunidade escolar”, no caso “um elo entre aluno, professor e direção” (2012, p.11-12).

O coordenador pedagógico sendo um elo entre os diversos atores na escola passa a ter um



papel de alta relevância, pois, torna-se fundamental para identificar, qualificar e sugerir resoluções para situações conflitantes entre as partes que compõem a comunidade escolar.

Considerando que dentre tantas outras funções o coordenador pedagógico deve mobilizar saberes, trabalhar em equipe, resolver problemas pertinentes ao âmbito escolar, deve-se destacar seu compromisso com os quatro Pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (DELORS, 1996). Dentre eles podemos destacar:

[...] aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz (DELORS, 1996, p. 102).

A comunidade escolar interage de formas distintas e assim são susceptíveis a situações onde ocorram conflitos de ideias, sendo esses conflitos do tipo: professor- aluno, aluno-aluno, aluno-pessoal de apoio, professor-pessoal de apoio, professor- família, professor-professor, professor-coordenador, professor-gestor, coordenador- gestor.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo abordar especificamente a atuação do Coordenador Pedagógico como mediador de conflitos, abordando particularmente três eixos: conflitos do tipo aluno-aluno, professor-aluno e professor- professor, como também, a importância das relações interpessoais no ambiente escolar, baseadas na afetividade, companheirismo, empatia e humanização, e como essas relações podem ser promovidas e incentivadas pelo Coordenador pedagógico.

Com a abordagem desse tema espera-se elencar pontos relevantes para construção de uma escola mais justa, humana, coletiva, saudável, de relações interpessoais fortalecidas, bem como levantar reflexões e compreender o papel do coordenador pedagógico enquanto mediador de conflitos na escola.

Este trabalho apresenta uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseado em estudos anteriores



sobre o referido tema. Desta forma, o trabalho encontra-se organizado nos seguintes tópicos: O papel do coordenador pedagógico, relações aluno-aluno, professor-aluno, professor-professor e considerações finais.

## **PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS**

O Coordenador Pedagógico exerce um papel fundamental dentro da instituição escolar, sendo responsável pela articulação entre a gestão, as famílias e educadores, acompanha o processo de aprendizagem, auxilia os professores na seleção das melhores estratégias de aprendizagem a serem aplicadas, propondo inovação e indicando caminhos, na perspectiva de fortalecer os professores e potencializar o ensino e as relações. De modo geral o coordenador Pedagógico tem a função de “articulador, formador e transformador” de acordo com Almeida e Placco (2009).

Quanto à sua função formadora, o coordenador deve oferecer suporte aos professores para que possam desenvolver suas atividades da melhor forma possível, aperfeiçoando suas práticas pedagógicas, a fim de garantir uma educação de qualidade para os estudantes. Nesse sentido, Clementi (2003, p.126) afirma:

A função formadora do Coordenador precisa programar as ações que viabilizam a formação do grupo para qualificação continuada desses sujeitos, consequentemente conduzindo mudanças dentro da sala de aula e na dinâmica da escola, produzindo impacto bastante produtivo e atingindo as necessidades presentes.

Assim é de responsabilidade do Coordenador Pedagógico a formação continuada dos professores, pautada na proposta pedagógica referenciada no Projeto Político Pedagógico - PPP da instituição, sem perder de vista a sala de aula e aprendizagem dos alunos.



O coordenador pedagógico como articulador viabiliza o trabalho coletivo das propostas curriculares, incentivando o compartilhamento das potencialidades de cada profissional a fim de que seja alcançado o objetivo da aprendizagem, bem como é de sua responsabilidade manter os vínculos harmoniosos (coordenador/aluno/professor) sendo crucial para o bom andamento das relações sociais, ou seja, o coordenador pedagógico deve incentivar parcerias e trabalho coletivo, priorizando a solidariedade e a participação efetiva, em contraposição a atitudes impositivas, autoritárias e individualistas (LIMA; SANTOS, 2007). É importante ressaltar que:

[...] quando as coordenadoras se propõem a ouvir os professores, dividir responsabilidades, oferecer outras oportunidades de participação, trocar experiências, sinalizam uma mudança na forma de enxergar o professor e seu potencial de contribuição na formação compartilhada no grupo [...] (CUNHA; PRADO, 2006, p. 390).

Torna-se imensurável que as vozes distintas na escola possam ser ouvidas e respeitadas em suas peculiaridades, mesmo as que destoam muitas vezes, devido ao meio social no qual seus interlocutores são formados. Atuando assim, o coordenador pedagógico estará contribuindo com a formação de um grupo mais coeso, colaborativo e harmonioso. Em relação a esses conflitos Ortega e Del Rey (2002, p. 143) expõem que:

[...] o conflito emerge em toda situação social em que se compartilham espaços, atividades, normas e sistemas de poder e a escola obrigatória é um deles. Um conflito não é necessariamente um fenômeno da violência, embora, em muitas ocasiões, quando não abordado de forma adequada, pode chegar a deteriorar o clima de convivência pacífica e gerar uma violência multiforme na qual é difícil reconhecer a origem e a natureza do problema.





Por fim, o coordenador como transformador tem seu papel centrado em atitudes parceira, de levar o professor refletir suas práticas, apontando acertos e problemas de forma a fortalecer as ações pedagógicas dos professores que conseqüentemente refletirão positivamente no processo de ensino aprendizagem.

## **RELAÇÃO ALUNO – ALUNO**

Considerando que é comum existir conflitos entre pessoas nas suas relações interpessoais, na escola em especial na sala de aula não é diferente quanto a existência de conflitos, já que é um lugar onde se encontram diversas pessoas, cada uma com sua individualidade, jeito de ser, cultura, modo de pensar, história familiar, limitações e realidade, sendo assim é com certeza um espaço propício a conflitos de tantas diferenças pessoais.

O fato é que esses conflitos estão cada vez mais acentuados, tornando as relações entre os alunos, muitas vezes, abusivas, violentas e discriminatórias, situações consideradas como bullying – agressões frequentes sejam verbais, físicas e/ou psicológica.

De acordo com FANTE o bullying é:

Comportamentos agressivos e anti-sociais [...]. Sem termo equivalente na língua portuguesa, define-se universalmente como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contras outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. (2005, p. 28)

Para tanto, percebe-se que o bullying escolar interfere de forma negativa nas relações entre alunos nas escolas, uma vez que se configura em agressões contínuas, onde o agressor intimida, exclui e envergonha a vítima com situações vexatórias, apelidos, tais agressões muitas vezes são moti-



vadas por características físicas, comportamentos, opções sexuais ou até mesmo a maneira de ser de determinada aluno, e assim o bullying causa enormes prejuízos na qualidade de vida do aluno e na sua aprendizagem.

Considerando ainda o autor FANTE (2005, p. 28) sobre o bullying:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento bullying.

Além de comprometer as relações interpessoais entre os alunos o bullying causa dificuldades de aprendizagem, de socialização, insegurança, baixa autoestima, medo, ansiedade, depressão, bem como desarmoniza o ambiente escolar, que por sua vez precisa ser sadio com relações interpessoais harmônicas, já que é responsável pelo desenvolvimento ético e moral de seus alunos.

Vale ressaltar que estas relações conflitantes, são de fato situações de bullying, que envolvem a vítima, agressor e muitas vezes outras pessoas que são observadores e testemunhas da agressão. Contudo, os agressores geralmente são crianças, adolescentes, vítimas de maus tratos, que reproduzem a violência sofrida em outros espaços de convivência.

Já a vítima é a mais prejudicada “pois pode sentir os efeitos do seu sofrimento quase nunca compartilhados, desenvolvendo algumas atitudes como isolamento social, insegurança e mostrando-se indefesa aos ataques” (CLEMENTE, 2008, p. 19).

O observador por sua vez, é o desencorajado, apenas uma testemunha. Segundo Mezzela (2008, p. 08) “As testemunhas, representadas pela grande maioria dos alunos, convivem com a vio-



lência e se calam em razão do temor de se tornarem as próximas vítimas”.

Todas essas situações convergem para acentuar o comprometimento das relações interpessoais (aluno-aluno), que interfere diretamente no processo de ensino aprendizagem, levando a reprovação, a distorção idade-série e culminado na evasão escolar.

Sendo assim, a comunidade escolar deve estar atenta e preparada para reconhecer as situações de violência, incluindo o bullying, e o coordenador pedagógico deve estar preparado para capacitar os profissionais da escola para identificar, intervir e encaminhar demandas. Para tanto, é papel do coordenador pedagógico conversar com a comunidade escolar sobre as principais problemáticas, planejar ações de prevenção, conhecer a rede intersetorial que venha a colaborar no processo, pois haverá momentos em que as ações de prevenção e solução destes

conflitos, deixará de ser papel do coordenador, para ser uma intervenção de equipe multidisciplinar. Será preciso que o coordenador pedagógico articule projetos visando a prevenção de violência na escola, promovendo melhoria nas relações interpessoais e conseqüentemente, que nestes projetos seja incentivado o diálogo, a prática esportiva e de lazer e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Diante dessas reflexões é notória a necessidade de estratégias de intervenção e prevenção do bullying no ambiente escolar, já que é uma das principais demandas que provocam conflitos entre alunos, sendo neste cenário fundamental o papel do coordenador pedagógico como mediador, incentivador, facilitador e articulador de projetos pedagógicos que venham a subsidiar a temática, promovendo rodas de conversas entre as diversas partes que compõe a comunidade escolar, apoiando o professor para que ele se sinta preparado e fortalecido para lidar com esses problemas e possa também apoiar as vítimas, para que estas se sintam protegidas.

Por fim, a escola necessita desenvolver projetos interdisciplinares articulados e acompanhados pelo Coordenador Pedagógico, a fim de combater os conflitos entre os alunos de forma a desenvolver os princípios éticos, colaborativos, a dignidade e empatia, pois relações sadias são fundamentais



para desenvolvimento e crescimento de todos no ambiente escolar.

## **RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO**

As relações interpessoais no ambiente escolar interfere significativamente na forma de aprendizagem dos alunos e de ensino dos professores, pois há consequências positivas e redução dos conflitos quando existe uma relação saudável entre professor e aluno. A relação equilibrada entre professor/aluno é responsável pela construção de um ambiente saudável e sólido de diálogo, acolhida e empatia, no qual surge naturalmente a aprendizagem e conseqüentemente o sucesso do processo ensino e aprendizagem. Contudo, podem acontecer atropelos nas relações entre professor e aluno, são possíveis acontecer por vários motivos, a citar: a falta de limites dos alunos, comportamento rígido do professor, formas de comunicação e uso das tecnologias.

No que se refere a falta de limites e indisciplina, na relação professor e aluno o comportamento dos alunos, no qual de um lado o professor busca ensinar conteúdos ou mesmo compartilhar conhecimentos fundamentais para um bom desenvolvimento do educando, geralmente em um ambiente de disciplina, de outro lado o aluno estando inserido em um ambiente que lhe cobra disciplina e concentração, não consegue geralmente compreender ou mesmo aceitar as nuances da escola. Tendo o aluno convivido a maior parte do tempo em ambientes que lhe permitem “liberdades” quase ilimitadas, torna-se penoso está em um ambiente hostil a essas regalias. No caso, temos conflitos de interesses que se apresentam por situações conflituosas.

Sabendo que a relação professor e aluno deve ser harmoniosa e afetuosa, para que ocorra a aprendizagem, a disciplina positiva deve ser destacada como forte aliada, ajuda no fortalecimento da relação professor e aluno à medida que procura, basicamente, reforçar os acertos e não os erros, apoiada na empatia, paciência, compreensão, acolhimento, respeito à individualidade de cada criança, limites, autoconhecimento e exemplos positivos, rejeitando a violência física, psicológica e verbal, a



autora também sugere que sejam feitas reuniões de família e de classe continuamente, de modo que possam praticar a cooperação, o respeito e propor soluções para conflitos interpessoais, à medida que vão desenvolvendo as sete percepções e habilidades significativas (NELSEN, 2015)

O Castigo é algo que vem sendo também discutido corriqueiramente no ambiente escolar, não se admite mais que os professores atuais, punam seus alunos, como acontecia antigamente, e quando acontece provoca o rompimento dos vínculos entre professor e aluno, sendo papel do coordenador pedagógico estar atento a estas situações e orientar sua equipe, a como proceder em casos de indisciplina, capacitá- los sobre a postura do professor e reforçar as consequências do castigo, de modo que estes professores não ocupem posturas de docentes tradicionais, quando não se admite mais este tipo de professor na atualidade. Importante destacar que:

A pedagogia da Escola Nova – importante movimento em prol da renovação do ensino, sendo introduzida em solo brasileiro com maior ênfase a partir da segunda década do século XX – desejava a transformação do País e, por isso, não poupavam críticas ao ensino tradicional. Dentre essas, o castigo físico entrava em cena como o símbolo do professor “antiquado, desatualizado e incompetente”.(SOUZA, 2009, p. 41).

Sendo assim, todo cuidado com a forma como se fala com os alunos, com advertências e postura diante da indisciplina ainda é pouco, já que os pais geralmente ficam do lado dos filhos, tendo em vista que são eles que propiciam ou permitem aos filhos essas “liberdades” diárias. Podem ver os professores como opressores e mesmo que diante dos professores nem sempre expressem essa posição, o fazem frente à coordenação pedagógica da escola, bem como para a gestão escolar. Por esses motivos alguns pais passam a indicar professores para seus filhos, julgando estes profissionais em seus aspectos humanos, pedagógicos e conforme as relações interpessoais.

A relação que o professor estabelece com seu aluno em sala faz toda a diferença, e é funda-



mental para um ambiente escolar tranquilo, harmonioso, afetuoso, onde o aluno se sinta à vontade com o professor, e isso propiciará um maior envolvimento dele nas atividades e, por conseguinte, a construção do conhecimento. Assim sendo, fica ainda mais evidente a necessidade do professor buscar ser afetivo e agir sempre com amor, respeito e empatia, considerando Freire (1996, p 103):

“Ensinar exige querer bem ao aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, significa que o educador deve ter afetividade pelo aluno sem medo de expressá-la”.

Então se entende que manter um ambiente respeitoso, de diálogo franco, explicitando direitos, deveres, regras, combatendo a indisciplina em sala de aula é essencial para um trabalho eficiente e de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, conforme Freire (1996, p.103):

“O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”.

Outro ponto de divergência entre professor/aluno é ocasionado pelo uso das tecnologias por parte dos discentes, que muitas vezes não são utilizados por eles como ferramenta pedagógica, causando sérios conflitos. O fato é que alguns professores e alunos estão vivendo no mesmo espaço (sala de aula) em mundos diferentes. De um lado o professor distante da ferramenta pedagógica digital o celular, fora do mundo tecnológico, vendo ainda como única perspectiva para o ensino o livro didático e a lousa e seu sentimento de autoritarismo de o único detentor do conhecimento; do outro o aluno, filho da era digital, com o mundo em suas mãos, apesar de não fazer o devido uso das tecnologias.

Estes conflitos ficaram mais evidentes no período de pandemia, pois com a supressão das aulas presenciais e o início do ensino remoto, um dos maiores desafios foi estabelecer uma comunicação mediada tão somente pela tecnologia, principalmente pelo celular, que tinha seu uso proibido



em sala de aula. Assim o aluno tinha dificuldades de usar o celular como sala de aula, uma vez que sempre foi criticado o “uso do celular” no ambiente escolar e nunca explorado com maior zelo, mesmo mediante as discussões acerca da cultura digital e a necessidade de sua chegada ao chão da escola; já que muitos profissionais não tinham familiaridade com a tecnologia, dificultando assim a superação dessas dificuldades.

E no retorno as aulas presenciais estes conflitos permaneceram, uma vez que as escolas não articularam projetos, para apoiar professores e alunos no uso eficiente das tecnologias em sala de aula, de modo a tornar o ensino dinâmico, investigativo, colaborativo,

Nesta perspectiva não pode a tecnologia criar muros entre professores/alunos e sim pontes, pois o professor pode perder sua essência de ensinar, apenas aprimorar-se as relações colaborativas de trocas de saberes mediadas pela tecnologia, sendo todos ativos nesse processo, tornando assim o ambiente escolar um local de relações de confiança, respeito, e motivador se disputas de poderes, valorizando a pluralidade de pensamentos e as relações interpessoais, despertando o prazer em ensinar e aprender, segundo Moran:

“As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajuda-los melhor.” (2000, p.17- 18)

Como foi mencionado a educação está mudando e cada vez mais se fala de motivação, aprendizagem e da importância da boa relação entre professor e aluno.

Para tanto, os conflitos de natureza interpessoais entre professores e alunos tendem basicamente a ser resolvidos de três formas distintas: por coação, pelo comportamento submisso, ou por mediação e gestão de conflitos. Se por coação faz-se o uso do autoritarismo, para de forma agressiva



fazer valer o direito e também a posição do falante, essa faz com que os direitos e opiniões do interlocutor sejam desconsiderados. Pela submissão o indivíduo deixa de considerar seus próprios direitos e sentimentos, para valorizar o direito do outro, sendo assim, tende a fugir e não reagir ante as situações conflitantes. Por fim, podemos citar a gestão ou mediação de conflitos que leva o indivíduo a considerar as próprias ideias, direitos e sentimentos, e assim os defende sem necessariamente ferir o direito do outro. Para isso são usadas algumas técnicas:

A mediação e a chamada gestão de conflitos, esse conjunto de técnicas e princípios, contribuem para popularizar outra maneira de enfocar as soluções para os conflitos: o diálogo substitui o bate-boca, o acordo, a extorsão e a imposição como regra. No entanto a mediação foi mais que um ingrediente no momento de compor um ofício e um saber centrado no conflito, na crise, e observado desde a pluralidade disciplinar e a profundidade científica. A mediação foi herdeira do que se chamou – e continua se chamando dinâmica de grupo, técnicas de conciliação, de arbitragem e de negociação... (VINYAMATA. 2005, P.23 - 29).

Levando em consideração que gestão e mediação de conflitos é a saída mais adequada à resolução de conflitos professor-aluno, ambos precisam de apoio e mediação por parte da coordenação pedagógica, na figura do coordenador pedagógico e que esse possa agir de forma a articular momentos de formação, diálogo, ou seja, propor uma rede de colaboração para estudos e reflexões, “trabalho em equipe”.

## **RELAÇÃO PROFESSOR - PROFESSOR**

A escola é um espaço de socialização por excelência, no qual as crianças, adolescentes,





professores e demais servidores vivenciam encontros com um universo além do ambiente familiar, universo este que apresenta uma variedade de estilos, culturas e valores, assim levando a escola a ser um espaço de conflitos, que às vezes prejudicam as relações interpessoais que conseqüentemente refletem no rendimento educacional, profissional do corpo que compõe a escola.

As relações interpessoais entre os professores nem sempre são amistosas, pois muitas vezes acontecem em meio a um tom de disputa, falta de diálogo, companheirismo, sentimento de inferioridade, insegurança, levando o professor às vezes, a tornar sua sala de aula uma “caixinha” fechada para o mundo e aos poucos estas situações e comportamentos vão comprometendo o andamento das propostas pedagógicas e até mesmo tornando o ambiente escolar desfavorável ao crescimento e desenvolvimento intelectual e emocional de todos.

Quando as relações interpessoais no ambiente escolar apresentam-se fragilizadas, há um reflexo negativo, pois o professor não terá o mesmo rendimento em sala de aula, pode haver um comprometimento na relação com o aluno, ocorre falta de motivação, estímulo, já que a escola não é ambiente acolhedor, colaborativo. Mosquera e Stobäus enfatizam que: “Grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas” (2004, p.93). Sendo nesta perspectiva fundamental superar as diversidades, compreender a importância do respeito e comunicação, bem como entender que cada um tem sua forma de agir, suas particularidades, mas todos da escola têm experiências, vivências, conhecimentos a compartilhar e somar ao processo de ensino aprendizagem.

Nesta situação surge o Coordenador Pedagógico com o papel de estimular, organizar e articular o grupo de professores para que de fato se tornem uma equipe, transformando o professor num profissional mais solidário.

Ewerton Fernandes (2018) menciona alguns aspectos importantes que devem ser considerados no trabalho em equipe: colocar em xeque se realmente o grupo de docentes se constitui como equipe; organizar os tempos de modo a privilegiar a interação entre os docentes; tomadas de decisões



coletivas em relação ao projeto da escola; presença de um eixo temático para articular o trabalho em equipe e viabilizar que todos caminhem juntos; a prática de docência compartilhada onde o professor tem a oportunidade de trabalhar em conjunto na sala de aula. Este trabalho em equipe elucida um método a aproximar os professores e fortalecer as relações interpessoais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O referido trabalho procurou abordar a atuação do coordenador pedagógico enquanto mediador na resolução de conflitos, com finalidade de manter e incentivar o bom desenvolvimento das relações interpessoais e expor como o coordenador pode buscar mecanismos norteadores nas relações conflituosas dentro do contexto escolar.

Assim constata-se que alguns caminhos para uma mediação com resultados positivos podem ser adotados: projetos interdisciplinares que venham a subsidiar as relações interpessoais, a resolução de conflitos visando a afetividade, o amor e a empatia; a valorização do ser humano; trabalhar na prevenção dos conflitos; ter a moral e a ética como prioridade para o bem estar; promoção do diálogo, onde todos tenham sua voz; formação continuada para os docentes, para que estes se sintam cada vez mais fortalecidos e integrados a escola; trabalho em equipe, além do estudo da disciplina positiva e comunicação não-violenta.

Portanto é fundamental a contribuição de todos para construir na escola um espaço saudável e sólido, onde esteja presente a comunicação, a escuta ativa e a empatia prevaleça e o coordenador pedagógico com seu papel de mediador possa planejar momentos de reflexões, projetos pedagógicos humanizados e fazer a ponte de comunicação entre todos os agentes que compõem o espaço escolar, avaliando as necessidades de cada um deles, solucionando possíveis conflitos, ensinando que estes podem e devem ser resolvidos por meio do diálogo e que as diferenças são bem-vindas.

Por fim, a escola necessita de relações sadias, profissionais motivados e fortalecidos, alunos



felizes e respeitados, todos os atores do contexto escolar envolvidos em uma rede colaborativa de trocas de saberes, ou seja, um trabalho em equipe eficaz e de um coordenador pedagógico mediador, articulador, formador e transformador.

## **REFERÊNCIAS**

CLEMENTE, Antônio. Violência disfarçada. *Construir Notícia*. V. 07, n. 40, p. 19, maio/jun. Recife, 2008. 12.

CLEMENTI, Nilba. A voz dos outros e a nossa voz. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera Maria N. de S. *O Coordenador Pedagógico e o espaço de mudança*. São Paulo: Loyola 2003.

CORTELA, Mário Sérgio. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes / Mário Sérgio Cortella*. – São Paulo: Cortez, 2014.

DELORS, Jacques (coord.). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: VERUS, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LIMA, P. G.; SANTOS, S. M. *O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas*.



Educere et Educare, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 77-90, jul./dez. 2007.

MEZZELA, Rita. O que é bullying? Construir Notícia. V. 07, n. 40, p. 08, maio/jun. Recife, 2008.

MORAN, José Manuel et al. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica – 6. ed. Campinas; Papirus, 2000.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (org.). ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.93.

NELSEN, Jane. Disciplina positiva. 3ª ed. Barven, SP: Manole, 2015, p. xvii

ORTEGA, R.; DEL REY, R. Estratégias educativas para a prevenção da violência. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

PLACCO, Vera Maria N. de Souza e SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. O trabalho do coordenador pedagógico na visão de professores e diretores: contribuições à compreensão de sua identidade profissional. IN: PLACCO, Vera Maria N. de Souza e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação. São Paulo: Edições Loyola, 1ª ed. 2012. p. 9-20.

SOUZA, Ewerton Fernandes. Como inserir o trabalho em equipe entre os professores - Publicado em Gestão Escolar 22 de outubro/2018 – Nova Escola. Acesso: <https://www.gestaoescolar.org.br/conteudo/2089/como-inserir-o-trabalho-em-equipe-entre-os-professores>



SOUZA, Rosa Fátima de. Alicerces da Pátria: escola primária e cultura escolar no Estado de São Paulo (1890 – 1976)). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VINYAMATA, Eduard. (Org.) Aprender a partir do conflito: Conflitologia e educação. Porto Alegre, Artmed.2005.



# Capítulo



## RELIGIOSIDADE E DEPRESSÃO: UMA ANÁLISE EM PASTORES PROTESTANTES

---



# RELIGIOSIDADE E DEPRESSÃO: UMA ANÁLISE EM PASTORES PROTESTANTES

## RELIGIOSITY AND DEPRESSION: AN ANALYSIS IN PROTESTANT SHEPHERDS

Auricele Martins da Silva<sup>1</sup>

Luís Augusto de Carvalho Mendes<sup>2</sup>

**Resumo:** A Depressão é denominada como um transtorno mental que vem acometendo um grande número de pessoas de várias faixas etárias. Assim, o presente estudo teve como objetivo a análise da depressão frente aos pastores protestantes, verificando o nível de estresse no desempenho de suas atividades e descrevendo como o papel do religioso influencia a aceitação e o enfrentamento da depressão. A pesquisa seguiu os preceitos de um estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados em 20 materiais entre artigos nacionais e internacionais, livros, e teses que desenvolveram estudos sobre o tema. Foram encontrado que os pastores religiosos podem estar propensos a depressão devido à sobrecarga de trabalho que um pastor acaba assumindo como: produzir sermões, aconselhar, visitar membros, aniversários, velórios, casamentos, reuniões e batizados, sem contar com as demandas de ordem pessoal e familiar, nesse misto de emoções envolvidas, e com todas essas tarefas, geram estresse e desorganização emocional, trazendo consequências pessoalmente negativas para a vida dos ministros da fé. Sendo necessário maior esclarecimento, enfrentamento de preconceitos e, em muitos casos, o acompanhamento especializado para a manutenção da saúde mental.

---

1 Psicóloga pela Faculdade Uninassau João Pessoa

2 Orientador, docente da Faculdade Uninassau João Pessoa



**Palavras-chave:** Religiosidade, Depressão, Liderança, Pastor.

**Abstract:** Depression is termed as a mental disorder that is affecting a large number of people of various age groups. Thus, the present study aimed at analyzing depression in front of Protestant leaders, verifying the level of stress in the performance of their activities and describing how the role of the religious influences the acceptance and confrontation of depression. The research followed the precepts of an exploratory study, through a bibliographical research. The data were collected in 20 materials between articles, books, and theses that developed studies on the subject. It has been found that religious leaders may be prone to depression because of the overwork that a pastor ends up assuming: producing sermons, counseling, visiting members, birthdays, wakes, weddings, meetings, and baptisms, not to mention personal demands and family, in this mix of emotions involved, and with all these tasks, generate stress and emotional disorganization, bringing negative consequences to the life of the ministers of faith. Greater clarification, coping with prejudice and, in many cases, specialized monitoring for the maintenance of mental health are necessary.

**Keywords:** Religious, Depression, Leadership

## INTRODUÇÃO

Dentre os transtornos psiquiátricos existentes na literatura, a depressão aparece como uma doença que apresenta um alto índice de incidência, ocupando a segunda posição das doenças mais frequentes no mundo, A depressão é caracterizada pela perda ou diminuição de interesse e prazer pela vida, gerando angústia e prostração, algumas vezes sem um motivo aparente. Atualmente, a depressão é considerada mais recorrente em mulheres na fase adulta que em homens, fatos justificados em especial devido aos fatores hormonais femininos. (TENÓRIO, 2018).





A depressão é reconhecida pelas ciências médicas como uma desordem do funcionamento do cérebro que afeta e compromete o seu funcionamento, com consequências na vida pessoal, emocional, psicológica e social, sua origem pode ser justificada a partir dos aspectos biológico, genético, cognitivo, social e ligado à história de vida do sujeito.

Na sociedade moderna o ser humano está inserido nos diversos contextos sociais como família, escola, trabalho, igreja, os quais atribuem aos mesmos diversos papéis, esses com suas respectivas responsabilidades. Responsabilidades estas, que em sua maioria promove angústia, ansiedade, preocupação, estresse, que quando não são controlados e reorganizado poderão levar esse indivíduo a desenvolver um quadro clínico de depressão.

As possibilidades da instalação da depressão na vida do indivíduo poderão ser mais frequentes quando o mesmo ocupa um grau de responsabilidade diante de um grupo de pessoas. São os casos dos indivíduos que assumem funções de diretores, gerentes, coordenadores, supervisores de uma estrutura organizacional. No caso das instituições religiosas podem-se fazer referências aos padres, monges, reverendos, bispos e pastores.

Historicamente, nas instituições evangélicas, surge o pastor como a figura que representa autoridade, que diante das responsabilidades e funções a ele atribuídas lhe exige um permanente preparo diante das diversas demandas que surge no contexto da igreja como: aconselhamento, sermão, jejum, oração e leituras diárias. Além de ministrar e realizar cerimônias de noivados, batizados, casamentos, reuniões administrativas, velórios etc.

Ao olhar a figura do pastor acrescentam-se ainda as suas responsabilidades no papel de ser pai, chefe de família, esposo, filho, que a ele confere um peso de ordem pessoal por ser cobrada do mesmo uma postura exemplar no cumprimento desses papéis. Além de, demonstrar eficiência no gerenciamento dos bens pessoais como também, dos recursos financeiros da igreja.

Diante do exposto, acredita-se que o pastor líder de igreja apresenta possibilidade de desenvolver um quadro de depressão devido às exigências feitas a partir das responsabilidades pertinentes



a figura do líder religioso, bem como por sentimentos de angústia e frustração que podem surgir decorrentes dessa atividade ou por outra demanda pessoal.

Porém, por outro lado, percebe-se em sua maioria a certa resistência nos líderes religiosos em aceitar e admitir o diagnóstico da depressão. Culturalmente, a figura do pastor religioso é vista com um ser forte, corajoso, sem problemas, sem doenças de ordem psíquicas, que sempre está pronto para acolher as diversas demandas da irmandade. Assim, este estudo busca entender acontece o processo de aceitação de um diagnóstico de depressão por um líder protestante.

Acredita-se que o agente causador da depressão, é que os líderes religiosos se deparam com essa situação de estresse, problemas pessoais e familiares o qual se depara a todo tempo, pois a sobrecarga de atividades diárias e o imediatismo excessivo têm adoecido a muitos. Até pessoas que estão na igreja que tem a fé como ponto crucial em sua vida, a cada dia tem sido alvo da doença que é depressão, e o número das vítimas vem crescendo de modo significativo.

Assim esta pesquisa analisou como os líderes protestantes percebem a depressão na atualidade, bem como verificou o nível de estresse no desempenho de suas atividades, analisou como o papel religioso influencia na aceitação e no enfrentamento da depressão. Para alcançar tais objetivos, o presente artigo optou por uma revisão bibliográfica, de natureza básica e caráter exploratório, partindo da compreensão de que se acredita que o pastor líder de igreja, apresenta possibilidades de desenvolver um quadro depressivo em meio às exigências e responsabilidades pelas funções desempenhadas pelo líder religioso.

Para se atingir aos objetivos tratou-se de uma pesquisa exploratória que segundo Gil (1999), visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.

Sendo assim, foi realizado um levantamento bibliográfico no banco de dados do Google Acadêmico, periódicos CAPES, SCIELO, em que foram encontrados materiais publicados em livros, revistas eletrônicas, teses, sites eletrônicos etc.

Com relação ao tipo de classificação corresponde a uma pesquisa qualitativa em que o cien-



tista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991).

De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa qualitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação (MINAYO, 2001). O resultado da pesquisa bibliográfica será apresentado nos capítulos a seguir.

### **DESMISTIFICANDO A DEPRESSÃO**

A depressão é um dos transtornos mentais mais frequentes e está entre as principais preocupações da organização mundial de saúde. Estima-se que 15 a 20% da população em geral apresenta depressão maior em algum período da vida. (BECKER, 2003).

Segundo Gomes (2011), A pessoa com depressão troca o dia pela noite, o sujeito deprimido passa a ter hábitos noturnos, assim que a noite chega precisa acordar, quando o dia amanhece, precisa dormir, o lugar mais aconchegante do mundo, o mais macio, o mais confortável e mais confiável é a cama. O sujeito deprimido tem a cama como seu maior aliado, ele e a cama são irmãos siameses, assim quando consegue dormir, não quer mais acordar.

Dessa forma o sono aparece como o último refúgio, pois a depressão traz insônia e ela gera irritação, o deprimido é irritadiço, neurastênico mesmo, não tem domínio sobre as próprias emoções, não é paciência, perde a razão facilmente, explode à toa, não sabe a origem da própria irritação e nem



precisa, está sempre irritado, e isso é o basta (GOMES, 2011).

Para aqueles que estão acometidos pela depressão o fracasso é seu companheiro, percebe-se fracassado o tempo todo, ele tem o fracasso como seu amigo íntimo, não consegue enxergar possibilidades alguma de sucesso. A vida é uma areia movediça, como se Deus estivesse se divertindo em culpá-lo, castigá-lo, feri-lo, humilhá-lo, seu amor próprio desaparece, em seu lugar, fica aquele sentimento de vazio que todo deprimido conhece, podendo ser descrito como um filme preto e branco, o tempo passa devagar, com uma sucessão de eventos sem lógica, o trabalho não faz sentido, assim como a vida não parece ter sentido. O dia parece passar apenas como vários fatos marcados pelos atos rotineiros de comer, beber, dormir e acordar para mais uma vez cumprir toda rotina. (GOMES, 2011).

Atualmente a depressão é compreendida pela ciência médica como uma desordem do funcionamento cerebral que afeta e compromete o funcionamento normal do organismo, com reflexos ou consequências na vida pessoal em seus aspectos emocionais, psicológicos familiares e sociais. A doença depressiva deve, portanto ser examinada do ponto de vista biológico, genético, cognitivo e social considerando ainda a história pessoal, econômica e espiritual do indivíduo (DEUS, 2009).

Para conceituar a depressão é necessário olhar a história e observar como o conceito vem sendo usado. O termo depressão e outros correlatos são usados desde a antiguidade tanto na história quanto na medicina. No antigo testamento encontramos a história do rei Saul como descrição de uma síndrome depressiva.

No século V, a.c. Caelius Aurelianus escreveu sobre os sinais de aproximação da melancolia, sendo eles: angústia, depressão, silêncio e animosidade. As vezes um desejo de viver outras vezes um anseio de morte e uma suspeita por parte do paciente de que há uma conspiração que está sendo maquinada contra ele (WHITE, 1987).

Furegato (2008), afirma que a depressão é o transtorno mental que relaciona-se ao humor e afeto. Vem sendo caracterizada como um episódio patológico com perda de interesse falta de apetite, de prazer nas coisas, sentimento de culpabilidade, de inutilidade, falta de energia e pensamento sui-



cida.

A Organização Mundial Da Saúde - OMS afirma que a depressão é uma doença que afeta cerca de 350 milhões de pessoas mundialmente de todas as faixas etárias e idades, é a principal causa de 850 mil suicídios por ano e a quarta doença mais onerosa entre todas as outras doenças. Estima-se que uma em cada quatro pessoas no mundo sofre ou vai sofrer de depressão (OMS, 2017).

A depressão é um transtorno mental. Dos transtornos mentais que levam ao suicídio o mais comum é a depressão. A alteração do humor, a falta de energia, o desânimo profundo, a perda de interesse em atividades e outros sintomas que podem se manifestar em episódios de depressão, tornando-se algo tão insuportável para o enfermo, que este pode se encaminhar para o suicídio. A associação depressão/suicídio cada dia é mais presente (DE SOUZA, 2017).

É uma caracterizada por um conjunto de sintomas físicos e emocionais, alterando a capacidade da pessoa de realizar as atividades normais. O paciente com depressão apresenta sensação de vazio, alteração de humor, irritação, angústia, lentidão ou agitação, déficit de memória, crise de choro, insônia, ganha ou perda de apetite, falta de interesse pelo sexo, isolamento social dentre outros (ISTILLI et. al., 2010 apud. BECKER, 2003).

Para Ramos (1984), existem dois tipos de depressão: 1) Depressão inibida: doente com desinteresse, não se mostrando muito preocupado com seu estado, aliando sua doença às provações vivencia dia a dia. 2) Depressão ansiosa: neste tipo de depressão, o paciente se mostra altamente preocupado com sua doença, relata bastante sobre os sintomas e se apresenta ansioso e bastante agitado.

Considera-se depressão um tipo de transtorno afetivo que provoca alterações cognitivas no corpo e humor. Seus conjuntos de sintomas duram semanas, meses ou até anos, interferindo de forma significativa na vida social, profissional e principalmente pessoal do indivíduo (JARDIM, 2011).

De acordo com Becker:



O homem depressivo tem a vivência de caminhar negativamente em relação com o tempo, existindo nele uma alteração do sincronismo vivido entre o mundo e a consciência, entre ele e nos. Este transtorno de temporalidade, torna-se incompreensível, inclusive para esse homem psicologicamente enfermo, vendo-se lançado para o passado e impulsionado a examinar aqueles conflitos e acontecimentos mesmo os mais impenetráveis, de seu passado (2003, p. 51).

A depressão tem acometido uma boa parte da sociedade, e vem sendo constituído um mal universal que atinge pobres e ricos, fracos e fortes, grandes e pequeno, crente e não crentes, todos sem distinção poderão serem alvos dela (MILLER, 1983).

O termo depressão vem sendo bastante discutido no meio acadêmico pela imprensa leiga como sendo um mal da atualidade. No entanto Areteu da capadócia, no século I a.C, já descrevia um quadro depressivo dentro da conceituação que hoje se faz desta doença (CORREA, 1995).

A depressão acontece em meio a alguns fatores que envolvem o contexto social e psicológico. Ocorre por meio biológico que envolve transtornos do humor com desregulagem de neurotransmissores; fatores genéticos que aparecem como uma herança genética como o transtorno bipolar e os fatores psicossociais que incluem acontecimentos vitais de estresse ambiental. Consideram-se esses pontos importantes para a compreensão da depressão para que haja um tratamento adequado (KAPLAN; SADOCK, 2007).

Em relação à depressão leve o indivíduo fica impossibilitado de trabalhar e de desenvolver as atividades que costuma realizar diariamente por se sentir constantemente cansado, irritado e de mau humor diferenciando de pessoa para pessoa. A depressão moderada causa maior sofrimento com redução da qualidade de vida e diminuição do rendimento profissional que deixa o indivíduo paralisado em expressar suas habilidades reais. No caso de depressão grave as consequências na vida de quem esta acometida por esse transtorno é ficar paralisado em todos os aspectos da vida como: familiares,



profissionais e pessoais, podendo ocorrer outros males até chegar ao ponto de suicídio (DEUS, 2009).

São responsáveis pelo surgimento da doença fatores psicossociais que são eles: desemprego, aposentadoria, casamento e separações conjugais correlacionados com aumento no índice de depressão. A ausência de perda de uma das figuras parentais durante a infância (pai e mãe) predispõe a um maior risco de doença depressiva na idade adulta. Conflito entre irmãos também são igualmente associados ao aumento de depressão (YEH; LEWPERS, 2004).

Lotufo Neto (1977) aponta que a palavra “depressão”, abrange uma grande variedade de sintomas que deferem em gravidade, frequência, duração e origem. Entre os sinais da depressão encontra-se: tristeza geralmente acompanhada de pessimismo e desesperança, apatia e inércia; fadiga que vem acompanhada de perda de energia física e falta de interesse no trabalho; baixa autoestima frequente acompanhada de autocríticas, vergonha, inutilidade; derrota; perda de espontaneidade; dificuldade de concentração; dores pelo o corpo e outros sintomas clínicos (gastrointestinal, cardiovasculares, dermatológico e tonturas).

O homem depressivo tem a vivência de caminhar negativamente em relação com o tempo, existindo nele uma alteração do sincronismo vivido entre o mundo e a consciência entre nós e ele. Este transtorno de temporalidade torna-se incompreensível, inclusive para este homem psicicamente vendo-se lançado para o passado e impulsionando a examinar aqueles conflitos e acontecimentos mesmo os mais impensáveis do seu passado (MINKOWISKI, 1968).

A depressão pode ser percebida como sintoma manifestando-se nos mais diversos quadros clínicos como na demência, alcoolismo, estresse e pode ser secundária a outras doenças clínicas como na hipertensão, hipotireoidismo, diabetes, reumatismo, câncer, nos casos dolorosos crônicos e em várias doenças (DEUS, 2009). Por sua vez a depressão apresenta uma variedade de sintomas com síndrome ou associada a alguma outra doença (DEL PORTO, 2004).

A Classificação Internacional de Doença (CID-10) descreve o portador de depressão como sendo uma pessoa com baixo-autoestima tendo uma perspectiva negativa do futuro, vendo-se soli-



tário e triste com dificuldades de concentração e atenção que cansa facilmente ao realizar pequenos esforços e que não encontra força de vontade e animo para realizar as atividades do dia a dia apresentando sentimentos de culpa e inutilidade, pensamentos ou ações autodestrutivas ou relacionadas a morte (FEITOSA; BOHRY; MACHADO, 2017).

De acordo com Souza (1999), a depressão pode durar semanas ou até anos. Uma vez que o indivíduo passe por uma crise corre maior risco de enfrentar um episódio semelhante no decorrer da vida. Na maioria das vezes o tratamento é realizado de forma conjunta pelo psiquiatra e o psicólogo. A forma que a depressão é vista, os rótulos que são dados às doenças mentais são um dos maiores obstáculos no acesso aos serviços de saúde mental. Assim acaba atingindo não somente as pessoas com doenças mentais como também os seus familiares, profissionais e serviços de atenção à saúde mental e a própria psiquiatria enquanto especialidade médica.

A depressão também pode ocorrer devido a um transtorno do organismo, produzido por uma doença orgânica ou física, ou pela administração de algum medicamento. Esse tipo de depressão é denominado depressão sintomática (CORRÊA, 1995). A forma mais comum de classificação da depressão é aquela que diferencia a depressão bipolar e a depressão unipolar, a primeira caracterizada por longos períodos de depressão intercalados com episódios de mania (euforia) e a segunda por um estado contínuo ou periódico de depressão (CARLSON, 2002),

Louzã-Neto et. al. (1995), consideram que, além da classificação dos transtornos de humor em unipolar, referindo-se à depressão recorrente, e em bipolar, aquela que alterna com episódios de mania ou hipomania, as depressões também podem ser divididas em subtipos depressivos

**Quadro 1: Os subtipos Depressivos**

<b>Tipos</b>	<b>Descrição</b>
<b>1 A Distímia</b>	quadro depressivo leve, intermitente, de início insidioso, em que o indivíduo sofre oscilações de humor depressivo súbito ou contínuas, de intensidade variável ao longo do dia e de um dia a outro, durante anos; Ciclotímia: caracteriza-se por instabilidade persistente do humor com alternância de inúmeros períodos distímicos;





**2 Depressão endógena ou melancólica** possui gênese biológica, não importando se existe ou não fator psicogênico desencadeante; Depressão atípica: humor reativo a estímulos e inversão dos sintomas vegetativos da depressão endógena (hipersonia, aumento do apetite e do peso);

**3 Depressão sazonal** caracterizada por episódios depressivos recorrentes no outono e no inverno e ausência de depressão na primavera e no verão; Depressão psicótica: trata-se de depressão grave, com presença de delírios e/ou alucinações, podendo ocorrer turvação da consciência em casos mais graves; e Depressão recorrente breve: depressivos que apresentam sintomas por menos de duas semanas, um a dois episódios ao mês, pelo período de um ano. Há também a depressão existencial, onde o homem interroga o mundo e a si mesmo, bem como a seus semelhantes.

**Fonte:** DSM-V (APA, 2014)

Além desses critérios para diagnósticos, existe também, o diagnóstico diferencial, usado para os casos onde doenças clínicas e debilitantes podem causar perda de ânimo e energia, podendo ser comparada com a depressão, além dos casos onde o tratamento médico pode deprimir o paciente. Assim, nestes casos, faz-se o diagnóstico de depressão secundária, necessitando o uso de medicação antidepressiva (ASSUNÇÃO-JUNIOR, 1998). Existem diversos medicamentos antidepressivos que ajudam a regular a química cerebral e a partir disso o médico escolherá segundo o perfil do paciente. O acompanhamento psicológico buscará levantar as causas do problema e como ele poderá ser resolvido.

## **TIPOS DE DEPRESSÃO**

Segundo o DSM-V (APA, 2014), os transtornos depressivos são classificados em vários tipos, sendo três deles citados no presente estudo para uma melhor compreensão: transtorno depressivo maior, transtorno depressivo persistente (distímia) e transtorno depressivo induzido por substâncias/ medicamento. Sobre os transtornos descritos acima segue algumas características diagnosticas de



cada um.

O Transtorno Depressivo maior segundo o DSM-V (2014) significa: humor deprimido na maior parte do dia, quase todos dias, conforme indicado por relato subjetivo (ex: sente-se triste vazio, sem esperança) ou por observação feita por outras pessoas (ex: parece choroso) em crianças e adolescentes, pode ser humor irritável; Acentuada diminuição do interesse ou prazer em todos ou quase todas as atividades na maior parte do dia, quase todos os dias (indicada por relato subjetivo ou observação feita por outra pessoa); Insônia ou hipersonia quase todo dia; fadiga ou perda de energia quase todo dia.

Esse tipo de transtorno pode aparecer pela primeira vez em qualquer faixa-etária, mas a probabilidade é aparecer no início da puberdade seu curso é bastante variável, de forma que alguns indivíduos provam da remissão (um período de dois meses ou mais sem os devidos sintomas, ou 1 ou 2 sintomas não mais que um grau leve), enquanto outros provam vários anos com poucos ou nenhum sintoma entre episódios discretos. Seus sintomas devem estar presentes todos os dias para que sejam considerados presentes durante a maior parte do dia e quase todos os dias. A característica essencial de um episódio de TDM é um período de pelo menos duas semanas durante as quais há um humor depressivo ou perda de interesse ou prazer em quase todas as coisas. (DSM-V, 2014).

Ainda de acordo com o DSM-V (APA, 2014), o Transtorno depressivo persistente (distímia): Apetite diminuído ou alimentação em excesso; Baixa autoestima; Sentimento de desesperança; Concentração pobre ou dificuldade em tomar decisões; e Baixa energia e fadiga. O Transtorno depressivo persistente apresenta frequentemente um início indicioso e precoce (na infância, na adolescência ou no começo da idade adulta). O grau em que o transtorno depressivo persistente repercute no funcionamento profissional e social, provavelmente é bastante variável, porém os efeitos podem ser tão grandes quanto ou maiores do que os do transtorno depressivo maior.

Os indivíduos cujos sintomas satisfazem os critérios para transtorno depressivo maior por dois anos devem receber diagnóstico de transtorno depressivo persistente, além de transtorno de-



pressivo maior. Seu grau persistente repercute no funcionamento social e profissional provavelmente varia bastante, porém os efeitos podem ser tão grandes quanto ou maiores do que os do transtorno depressivo maior.

O Manual aponta o Transtorno depressivo induzido por substância/ medicamentos e transtorno depressivo devido a outra condição médica: Uma perturbação proeminente e persistente do humor que predomina no quadro clínico, por humor depressivo ou diminuição acentuada de interesse ou prazer em todas ou quase todas as atividades. Os sintomas no critério a desenvolveram-se durante ou logo após intoxicação ou abstinência de substância ou após exposição a medicamento. A substância/ medicamentos envolvida é capaz de produzir os sintomas nos critérios.

Ainda que concretos na depressão em geral, os primeiros antidepressivos não traziam benefícios a todos os doentes com depressão. Esta análise ainda é válida em nossos dias, pois apenas dois a cada três pacientes reagem aos antidepressivos disponíveis. Nos anos 70 e 80 foram estabelecidos os critérios diagnósticos para a identificar quais os pacientes deprimidos que seriam melhores candidatos aos vários tratamentos antidepressivos (STAHL, 1998).

Segundo Stahl (1998), naquele período surgiu à ideia de que deveria existir um subgrupo de deprimidos unipolares, especialmente responsivos aos antidepressivos, e outro subgrupo que não se comportaria assim. O primeiro era considerado portador de uma forma clínica séria e até mesmo melancólica de depressão, que apresentava base biológica, alto grau de ocorrência familiar, era de natureza episódica e, provavelmente, respondia aos antidepressivos tricíclicos e inibidores da mono-  
manina oxidase.

## **DEPRESSÃO E A ABORDAGEM HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA**

Edmund Husserl fundou a Fenomenologia. Em sua filosofia, fazia um paralelo entre a psicologia e a fenomenologia, pois de acordo com ele toda pesquisa empírica fenomenologicamente ou



eidética afirma uma verdade, quer dizer, essencial (ROEHE, 2006).

De acordo com Husserl, a Fenomenologia seria a descrição dos fenômenos como eles são na intencionalidade da consciência, rejeitando, assim, o elementarismo, o naturalismo. Ou seja, seria a busca pelo fenômeno que se constitui na interação do objeto com a consciência: subjetividade versus objetividade. O objeto só passa a se constituir como tal quando reconhecido e representado na consciência. “Sem essa correlação não poderia haver objeto nem tão pouco consciência” (ROEHE, apud. LIMA, 2008, p. 212).

Carl Rogers, psicólogo norte-americano, que enfatizava as potencialidades do ser humano desenvolveu a Abordagem Centrada na Pessoa, que antes dessa nomenclatura essa abordagem teve outros títulos. No ano de 1940, quando surgiu sua primeira proposta teórica, Rogers a nomeou de Psicoterapia Não-Diretiva ou Aconselhamento Não-Diretivo, depois, denominou-a como Terapia Centrada no Cliente, Ensino Centrado no Aluno, Liderança Centrada no Grupo, e por fim, Abordagem Centrada na Pessoa, como é conhecida atualmente (MOREIRA, 2010).

Segundo a concepção rogeriana, o indivíduo traz dentro de si a capacidade e a tendência, latente se não evidente, para caminhar rumo à maturidade. Em um clima psicológico adequado, essa tendência é liberada, tornando-se real ao invés de potencial... Seja chamando a isto uma tendência ao crescimento, uma propensão rumo à auto-realização ou uma tendência direcionada para frente, esta constitui a mola principal da vida, e é, em última análise, a tendência de que toda a psicoterapia depende (ROGERS, 1961/2009 apud SOUZA et. al. 2013).

Para Rogers, a psicoterapia traz a oportunidade para o cliente de experimentar ser livre e assim poder escolher qual caminho o mesmo deve dar no processo terapêutico. O terapeuta acolhe e compreende os comportamentos construtivos e destrutivos do cliente, o que ocasiona a fluidez de suas capacidades criativas e o funcionamento pleno, proporcionando o crescimento, o que acontece devido a tendência a auto realização (SOUZA, et. al. 2013).

Para (SOLOMON, 2002, p. 15) a depressão é a retirada do amor, “quando amamos algo ou



alguém, certamente isso dará um sentido à vida, é uma solidão que destrói a conexão com os outros, mas que principalmente tira a paz de quem estar sentindo”. Para o autor “a vida é cheia de tristeza, não importa o que fizer, a falta de perspectiva tomou conta do sujeito acometido”. Esse sofrimento grandioso, como a pessoa vive essa experiência e as possibilidades de enfrentamento desse quadro é o que, de fato, funciona como foco para a abordagem humanista-fenomenológica.

De acordo com Holanda (2011), o tema da “depressão” na literatura clássica de psicopatologia e psiquiatria fenomenológicas normalmente vem associado a outros quadros nosológicos. Em trabalhos de psiquiatras fenomenólogos-existenciais sobre o tema da depressão, podemos citar os nomes de Erwin Straus e Viktor E. Von Gebsattel que, em 1928, publicam - respectivamente - “A Experiência do Tempo na Depressão Endógena e no Desgosto Psicótico” e “Pensamento Pressionado ao Tempo na Melancolia”

O interesse pelo fenômeno da depressão direciona igualmente as pesquisas de Roland Kuhn, outro psiquiatra da tradição fenomenológico-existencial, para a descoberta dos efeitos antidepressivos da Imipramina em 1954 (KUHN, 1990/2005). Todavia, os nomes mais conhecidos da tradição fenomenológico-existencial em relação a esta temática são Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger.

## **O PAPEL DO LÍDER**

A definição de líder eficaz tem variado de autor para autor em função do tipo de consequência ou resultado selecionado como critério de eficácia. Como critério normalmente associado com a eficácia do líder tem: a performance do grupo, o alcance de objetivos, o desenvolvimento e a preparação do grupo, a capacidade em lidar com crises, a satisfação dos subordinados com o líder, a satisfação psicológica e o desenvolvimento dos elementos do grupo e a manutenção do status do grupo. Como medidas mais usadas para verificar a eficácia temos: o crescimento dos proveitos, crescimento das margens de lucro, aumento de sócios, aumento de produtividade, melhoria da performance e o



alcance de objetivos (YUKL, 1989).

Hardin (1995), considerando, no entanto, que todas as definições de líder eficaz se enquadram em cinco dimensões: os líderes eficazes mudam os processos, partilham uma visão inspiradora, possibilitam ajuda para a ação, modelam o futuro e encorajam os seguidores

Krause (1999, p. 43), afirma que: “O poder de liderança está baseado em um consentimento, expectativas e compromissos mútuos. Como o poder de gerenciar deriva principalmente de cargo ou propriedade, o gerenciamento não requer esses fatores para funcionar”, porém o autor ressalta que o ideal é aliar o poder de gestão e o poder de liderança.

Liderar eficazmente envolve romper com velhos hábitos e mentalidades substituindo-as por soluções adequadas aos problemas reais. Envolve quebrar as barreiras interpessoais à comunicação humana, envolve quebrar com o cinismo que as pessoas sentem acerca das suas tarefas ajudando-as a encontrar um propósito e um significado para o que fazem, envolve romper os limites impostos pelo medo e dúvidas que nos assolam alcançando mais do que julgamos possível (COLLINGWOOD, 2001).

Segundo Bennis (2001), o que faz realmente a diferença entre os líderes de sucesso e os que falham é a habilidade em contactar com os clientes e com o mundo exterior à organização, manter as fronteiras suficientemente permeáveis à informação, compreender quais as coisas necessárias e as que devem ser aprendidas e lidar com a mudança ambiental antecipando a inflexão estratégica dos ciclos de vida dos produtos antes dos outros. Assim, aprender a trabalhar e pensar eficazmente requer uma atenção contínua ao desenvolvimento da performance. O papel do líder é cada vez mais o de criar as condições e um ambiente correto para o desenvolvimento e para o aproveitamento das oportunidades (IVANCEVICH et. al., 1983 apud. COVEY, 2001).

Recentemente, Schaffer (2002), considerou que poucos líderes possuem a capacidade de estabelecer expectativas de elevada performance orientada para os resultados organizacionais. Devem, por isso, quebrar a barreira que mantém as expectativas de performance baixas.



Tolfo (2004, p. 271) “[...] aponta que a liderança é apontada como uma força motriz essencial para as organizações, de tal forma que é citada como principal alavanca para vantagens de competição”.

Para Maxmiano (2004), liderança é um dos papéis dos administradores, na qual a pessoa que irá desempenhar esse papel influencia o comportamento de seus liderados. Ou seja, a liderança pode ser definida como uma relação de influência, sendo não somente uma competência que, supostamente, algumas pessoas têm e outras não.

Chiavenato (2005), afirma que a liderança é uma necessidade fundamental e peculiar do trabalho em equipe. De acordo com Chiavenato, para se trabalhar satisfatoriamente em um determinado grupo, onde cada pessoa tem aspirações, objetivos, preferências, talentos e habilidades distintas, onde cada pessoa é ímpar e única, é necessária uma boa liderança para equilibrar estas distinções.

A liderança é a influência interpessoal exercida em sua situação e dirige-se por meio do processo da comunicação do ser humano para a consecução de um ou mais objetivos específicos. A liderança ocorre como um fenômeno social e exclusivamente nos grupos sociais (CHIAVENATO, 2004).

Srour (2005), ainda concorda com Robbins quando diz que muitos costumam batizar os executivos que ocupam altos cargos com a denominação de líderes, porém, isso nem sempre é verdade, pois gestores não são necessariamente líderes e vice-versa.

Um líder é uma referência para seus liderados, e sua atitude perante eles influencia em seus comportamentos. Muitos liderados vêem o líder como uma pessoa de sucesso, que atingiu um objetivo almejado por muitos e veem seu comportamento, suas ações como um caminho a ser seguido (CHIAVENATO, 2005).

A Liderança é um conceito que tem sido alvo de várias interpretações e definições no último século. O líder em geral tem sido visto como alguém que possui determinadas características inatas ou adquiridas, alguém que se adapta as circunstâncias e ao contexto em que a organização se insere e alguém que gera conflitos e exerce influência em ambientes ambíguos, complexos e incertos (BEN-



TO, 2008).

O Papel da liderança é de extrema importância para as instituições, na obtenção de sucesso e na sobrevivência em um contexto de competitividade mantendo a ordem e influenciando para que os participantes da instituição caminhem rumo ao objetivos para o crescimento da organização (MANTOVANI; CARDOSO, 2016).

O líder precisa ter a capacidade de ajudar as pessoas das instituições a trabalharem de forma conjunta em função de objetivos comuns de interesse da instituição. A falta de um líder ou liderança que consiga ter a capacidade de unir a equipe ou o grupo assim será uma dificuldade no cumprimento das metas e dos objetivos estabelecidos. Dessa forma é importante que o líder possua certas características e habilidades. O líder precisa ter a compreensão das dificuldades de sua equipe e identificar metas para a satisfação de demandas motivando o grupo para que este possa conseguir alcançar seus objetivos (MANTOVANI; CARDOSO, 2016).

## **O PAPEL DO PASTOR PROTESTANTE**

As instituições religiosas protestantes têm passado por varias mudanças durante todos esses anos trazendo como consequências mudanças de paradigmas históricos, influências na sua estrutura e definição dos modos de atuação profissional dos seus líderes. Suas implicações são o ponto principal da análise desse artigo, de uma forma geral, as relações entre o modo como o trabalho se insere nessas organizações protestantes e as vivências de prazer e de sofrimento de seus líderes. Todas as mudanças que passam as instituições religiosas hodiernas podem ser comparadas àquelas observadas no cotidiano secular, cujos objetivos poderiam residir na igual busca do tripé: qualidade, produtividade e eficiência (MENDES; SILVA, 2006).

Para Mendes e Silva (2006), a necessidade para a busca do tripé pode estar ligada a mudança no mundo do trabalho resultantes de uma política de mercado que igualmente atingem as instituições





religiosas e que a cada dia necessita de um nível maior de dedicação e comprometimento de seus participantes em suas atividades. A segunda razão é a perda de sua importância perante a sociedade, implicando ações mais agressivas das instituições religiosas na busca por uma quantidade maior de fiéis.

O trabalho é um dos fatores sociais capazes de gerar vulnerabilidade e neste sentido a ocupação de líderes religiosos pode causar prejuízos por se tratar de um trabalho emocional. Para administrar o estresse é exigida a emissão de comportamentos adaptativos e estratégias de enfrentamento dentre as quais se destaca para os pastores o enfrentamento religioso espiritual que envolve o uso das crenças e comportamentos religiosos. É provável que pastores possam sofrer as mesmas influências quanto à pressão no trabalho dos profissionais de outras áreas de atuação (BAPTISTA; CALAIS, 2014).

A análise do contexto de trabalho constitui-se como conceito fundamental para a compreensão do impacto da relação entre organização (religiosa) e sociedade e além disso da dinâmica da organização do trabalho desses líderes religiosos. Esse contexto é constituído por três aspectos, sendo eles: a organização do trabalho, as condições de trabalho e as relações socioprofissionais (MENDES; SILVA, 2006).

Os pastores protestantes recebem uma imensa variedade de problemas de todos aqueles que o procuram e precisam assim descarregar suas angústias para obter o alívio e poder lidar com as demandas diárias. Mesmo assim, sendo conhecedores da Palavra de Deus são seres humanos e com a falta de cuidados necessários sob um olhar diferenciado para eles próprios estarão vulneráveis e assim tendem a adoecer. Entende-se que com toda essa demanda estes homens também precisam ser acompanhados e pastoreados (MACHADO; SANTOS, D.; SANTOS, E., 2016).

Observa-se a responsabilidade para aqueles que têm esse chamado e o cuidado que os pastores precisam ter para com sua saúde emocional. A bíblia assim nos orienta ao cuidado com o coração (emoções) e afirma o ministério pastoral mostrando o exemplo de Cristo. Quanto ao pastorado moldar-se a vida de Cristo, estando enraizado na encarnação de Cristo. Assim os seguidores daquele



que entrou em nosso mundo e se doou para humanidade, para a salvação de todos (FISCHER, 1999).

Entende-se que o motivo principal do ministério pastoral é o amor de Cristo, o qual Paulo confessou que o impelia ao pastorado apesar de encontrar as pessoas com dificuldades em Corinto (MACHADO; SANTOS, D.; SANTOS, E., 2016). “Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando assim que, se um morreu por todos, logo todos morreram” (2 Cor 5:14).

Além de tudo precisam ser atentos e dedicados assim como Cristo voltado para o rebanho que foi confiado aos seus cuidados e assim pode exigir um esforço ainda maior do líder. Dessa forma a necessidade de interação e adaptação a este grupo com o intuito de ajudá-lo. Daí percebe-se como é importante o aconselhamento aos pastores como um suporte e ajuda para as suas vidas visto que esse chamado é bastante solitário e sem contar com o impacto e desgaste que este o mesmo traz (OLIVEIRA, 2007).

Podemos entender que há uma vocação pra exercer o pastorado e um cargo de liderança eclesial, na realidade atual com as exigências e o imediatismo associados a expectativas e problemas comuns. Diante das pesquisas frente aos estudos atuais constatou-se que pastores da atualidade possui um alto índice de depressão, falta de ânimo, solidão, insegurança, medo, dúvida, depressão, desejo de abandonar o ministério pastoral, desejo e a prática do suicídio (MACHADO; SANTOS, D.; SANTOS, E., 2016).

Compreender o que e por que é feito, com o que é feito e com quem é feito pode ser o melhor relacionamento frente ao impacto desse novo contexto institucional religioso sobre as vivências de prazer e sofrimento na atividade do líder religioso. A instituição do trabalho se refere a regras, normas, foco da produtividade e divisão do trabalho que demonstra a identidade da instituição e a forma de lidar com seu processo institucional (MENDES; SILVA, 2006).

As condições de trabalho referem-se a infraestrutura oferecida para a realização das atividades bem como suas práticas de recursos humanos. Por ultimo as relações socioprofissionais estabelecidas que se referem ao aspecto relacional entre pares, chefia e clientes (considerados aqui como



clientes membros) possibilitando a análise da instituição com a (MENDES; SILVA, 2006).

## **AS POSSIBILIDADES DO ADOECER PARA O LÍDER PROTESTANTE**

Existem aqueles que acreditam que através do exercício da fé e pelo poder do nome de Jesus é possível acabarem com todas as enfermidades e com todos os problemas. A doença, a tragédia, a dor, devem ser enfrentadas e que tudo vem de satanás e deve-se rejeitar todo mal e tipo de problema. Para alguns os cristãos não precisam e não devem nunca ficar deprimidos. A consulta médica em especial a psiquiatra e psicólogos são considerados “incrédulos” e particularmente admitem que não se estão de acordo ou que não crê nos encaminhamentos e nos recursos bíblicos (BECKER, 2003).

O deprimido não consegue se concentrar nas atividades mais simples da vida cotidiana. Também não sente vontade de fazer nada. Sua concentração é dispersa e sua vontade é frouxa, difusa, nula. Ele começa inúmeros projetos, contudo não persevera em nenhum. Tem muita dificuldade de levar um projeto até o fim. (DEL PORTO, 2004).

Segundo Deus (2009), essas atividades frequentemente demandam uma alternância de emoções, sepultamento pela manhã, reunião de liderança à tarde, casamento no final da tarde e culto a noite, ou seja, a vivencia num mesmo dia da dor e do luto o exercício da lógica e a preocupação com a celebração num momento de alegria predica atrelando-se a essas atividades onde todas as emoções são sentidas e expressas contidas pelo vínculo sagrado.

São diversos os casos do adoecer entre os líderes religiosos, desde o início dos tempos Machado; Santos, S.; Santos, E. (2017), em suas pesquisas cita algumas dessas lideranças, como o profeta Elias que teve sua história narrada em um momento muito difícil de sua vida, onde encontrava-se depressivo e desejando nada mais do que uma saída rápida da vida. Outro nome citado pelo autor foi Moisés, que quando estava liderando o povo de Israel pelo deserto, foi acometido pela depressão, assim como o Rei Davi, o apóstolo Paulo e inúmeros outros que vivenciaram essa mesma enfermidade.



A Bíblia relata em 1Samuel 30: 01 ao 04 da tristeza de alma do rei Davi, quando ele chegou em Ziclague com seus soldados e encontraram a cidade destruída pelo fogo e viu que suas mulheres, seus filhos e suas filhas tinham sido levados como prisioneiros. Eles choraram em alta voz até não terem mais forças. [...] O apóstolo Paulo diz: Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda a consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. (2 Coríntios 1: 3-4) (MACHADO; SANTOS, S.; SANTOS, E., 2017).

Numa visão simplista, os líderes religiosos e a comunidade que eles orientam acreditam que se Deus é soberano como já foi dito por seu exclusivo querer ele pode ou não curar. É uma prerrogativa particular sua. Talvez a não aceitação completa deste fato entre as vertentes protestantes é que gere esse desconforto tão grande. Outros (hoje no Brasil em termos estatísticos, a maioria) rejeitam abertamente a possibilidade da doença em suas vidas e desejam pelo imediatismo que seus problemas sejam solucionados buscando neste Deus essa saída para eliminarem o sofrimento (um reflexo da sociedade imediatista atual) (FREESTON, 1996).

Se a forma de vencer as forças espirituais o meio fosse esforço humano, fisicamente que cada vez mais que os crentes se exercitassem, suas chances de vitória aumentam. Contudo se o único recurso é apenas o senhor, sendo assim devem usar mais tempo na sua presença prostrados, buscando sua ajuda (MACARTHUR; MACK, 2014).

Todas estas estruturas baseadas no conjunto de normas e dogmas religiosos tendem a trazer em voga o relacionamento entre os seres humanos e o divino relacionamento este que ajuda o indivíduo a elaborar os seus sentimentos, questionamentos, sofrimentos, pensamentos e atitudes ligadas



à própria vida fazendo com que se entenda melhor a questão do sofrimento apresentada em toda a sociedade (NASCIMENTO, 2007).

O estigma relacionado às doenças mentais mostra a variabilidade através dos tempos e em diferentes culturas. O termo estigma origina-se do grego *stizein* e significa pontuar, marcar. Na Grécia antiga escravos criminosos e traidores eram marcados com sinais corporais que indicavam serem eles pessoas que deveriam ser evitadas especialmente em lugares públicos (JORGE, 2016).

A relação entre estigma e doenças mentais é bastante antiga e se reflete na compreensão da loucura como uma possessão demoníaca e uma punição por um pecado cometido já presente na Bíblia e ao longo dos séculos seguintes (p. ex., em *Malleus Maleficarum*). Por outro lado, a abordagem da Medicina em busca de causas naturalísticas da insanidade, relacionando-a à teoria da degenerescência – portanto uma condição intratável – fez com que até o Século XVIII os doentes fossem segregados da sociedade e seu tratamento se restringisse a acorrentá-los, açoitá-los ou submetê-los a purgações (JORGE, 2016).

Pereira (2012), descreve que a partir da década de 80 diversos sintomas passaram a ser estudados nas pessoas que escolheram se dedicar ao próximo. Ele ressalta que os ministros do sagrado aventuram-se na vida religiosa com coragem e idealismo. Posteriormente sentem-se diminuídos quanto à realização pessoal, desvalorizados e impotentes perante as expectativas inalcançáveis. Com o tempo se tornam esgotados emocionalmente e impossibilitados de recuperar as motivações e forças espirituais iniciais. Se os sintomas permanecem, os mesmos podem gerar uma crise irreversível culminando com o abandono do ministério ou um modo passivo improdutivo e depressivo de dar continuidade na igreja.

De acordo com Pinheiro (2008), o trabalho do pastor exige competências e responsabilidades muito acima das exigidas em outras profissões como integridade ética e moral, comportamento exemplar, dedicação total, polivalência, amizade, saúde plena e empatia.

Segundo Martins (2008), por mais absurdo que possa parecer, exercer liderança espiritual é



um exercício estressante e desgastante. O autor fala das necessidades pessoais que cada vez mais são projetadas em relação às pessoas esperando e cobrando soluções dele, ou apenas um alento para as suas dificuldades. Em relação aos problemas pessoais, diários, comuns, como: conflitos em casa e na comunidade, distúrbios emocionais, doenças, dificuldade financeira, cuidados com os filhos e etc. E ainda “o guia espiritual”, estando preparado ou não, capacitado a dar orientações, onde essa orientação poderá ou não ser utilizada.

Os sentimentos e suas expressões, o autor relata a dificuldade e resistência que os líderes apresentam diante do terapeuta, e dessa forma não falam de seus sentimentos, sonhos, fantasias e contradições entre outras. Trata-se de uma defesa própria, assim não a uma exposição, contudo ao analisar os seus sentimentos o líder pode estar guardando ressentimento e amargura que poderá futuramente, voltar-se contra ele (MARTINS, 2008).

Existem pastores doentes das emoções no seu exercício de seu ministério, que precisava estar sendo cuidado, mas estão cuidando. O pastorado é carregado de desafios e busca por realizações cada vez maiores. Contudo o pastor passa por sofrimento contínuo por ter que delimitar e sufocar seus sentimentos, suas dores e frustrações, suas lutas. No ministério passar por esse sofrimento é comum. Sem contar com a solidão que faz parte do ministério sacerdotal, que o impede de partilhar seus desafios, dores e lutas, mesmo com uma pessoa que tenha capacidade suficiente para auxiliar como um amigo ou mesmo um pastor do seu ministério (LOPES, 2010).

De acordo com Assumpção (2002) apud. Baptista (2014), em sua pesquisa sobre trabalho e estilo de vida do ministro religioso, referiu alguns fatores de estresse na vida ministerial de pastores Igrejas históricas do país e entre os principais estiveram à falta de ser pastoreado e ter amizades significativas e bem estabelecidas; a solidão; a sensação de observação constante; diversidade de atividades; disponibilidade 24 horas por dia; falta de preparo e conhecimento insuficiente recebido das instituições formadoras para o atendimento de pessoas; expectativas sociais e dos membros quanto à santidade; competitividade disputas pelo poder; burocracia; medo da exposição e administração



eclesial.

O exercício da atividade pastoral é composto de bênçãos e agonias, sucessos e fracassos, vitórias e desafios, onde se mesclam. O autor dentro da sua experiência como pastor e mais alguns como pastor de pastores, ele constata que a falta de conhecimento e de compreensão da igreja das pressões e exigências que estão sobre o pastorado, assim também como a falta de conhecimento acerca dos distúrbios psicológicos e emocionais aos quais o pastor está vulnerável, todas essas dificuldades pode agir como potencializares dos desafios contido ao exercício do ministério pastoral (SILVA, 2006).

Os pastores são chamados para endereços específicos onde a Igreja de Cristo mora e adora a Deus. Em seu ponto básico, a vocação de pastor exige que se encarne em suas igrejas e suas comunidades. Isso significa que devem compreender o povo e sua cultura tão bem que possam pensar os seus pensamentos e sentir os gritos de seus corações. Os pastores têm que se juntar a Jesus em sua cavalgada sofredora na cidade de Jerusalém (FISCHER, 1999).

O ministério é reconhecido como um trabalho estressante. A natureza intrapessoal do ministério não apenas proporciona oportunidade para alegre intercâmbio com outros, mas também ocasiões de lutas e tristezas. Falar em público, liderança administrativa, atender aos doentes e enlutados – tudo contribui para o estresse. Conhecer os próprios limites e desenvolver métodos de lidar com ela é vital para um ministério efetivo (PAGANI, 2010).

Em relação a pesquisa de Deus (2009), a respeito da saúde mental correlacionada com as crenças religiosas, foi possível averiguar dentre 50 prontuários de pacientes evangélicos que são portadores de depressão, atendidos num período de 06 meses, dentre todos sendo evangélicos e religiosos, o mesmo autor da pesquisa utilizou os instrumentos anamnese, entrevista semidirigida. De acordo com a análise dos dados, foram encontrados os seguintes resultados:

- a) Os cristãos aqui pesquisados, em sua grande maioria, não enxergam a depressão como doença; antes, a compreendem como problema espiritual.
- b) A totalidade dos pentecostais e neopentecostais desta amostragem



atribui a causa da doença a problemas espirituais; em sua esmagadora maioria, diretamente ligadas à ação do demônio (100% dentro da amostra).

c) Dentre os cristãos históricos representados neste estudo de caso, mais da metade referiu como causalidade para a depressão a problemas espirituais (pecado, falta de fé); o restante referiu causas devidas a stress profissional, problemas conjugais, hereditariedade e também desconhecimento da causa – mesmos estes tiveram dificuldade na procura por tratamento especializado.

d) Esta dificuldade em compreender a depressão enquanto doença causou prejuízo quanto à procura por tratamento especializado e consequente alívio da doença e das limitações por ela imposta.

e) A doença depressiva, verificada neste levantamento, pôde causar comprometimento da fé no sentido de seu enfraquecimento. Houve influência positiva da fé quanto aos resultados dos tratamentos (92% desta amostra)

f) Porcentagem significativa de religiosos (pastores), na amostra, apresenta particularidades que necessitam mais estudos para melhor compreensão dos dados encontrados. (DEUS, 2008, p. 113-122).

Embora os pastores trabalhem para uma instituição religiosa, os contrassensos do trabalho, as incertezas, os medos e as angústias presentes no seu espaço de trabalho e até o desenvolvimento de algumas doenças, aproximam os líderes religiosos cada vez mais de outros trabalhadores em ethos exógamos. A questão das patologias do medo e da excelência no trabalho assim como a questão da qualificação e da exigência por melhores qualificações são cada vez maiores na contemporaneidade e por isso mesmo instigam a análise das consequências, dessas transformações sociais, culturais e econômicas sobre a saúde psíquica e mental desses líderes (DEJOURS, 1992).





## **A INTERVENÇÃO PSICOTERÁPICA NOS TRANSTORNOS DEPRESSIVOS**

De acordo com Garry Collins (2004), os pastores precisam recarregar suas energias, ou seja, sua bateria, afirmando que os que cuidam de pessoas como: ouvir, orientar e ensinar, gera certo desgaste emocional, assim levando em conta que durante os atendimentos o pastor deva desenvolver a empatia, dessa forma se ele não reabastecer-se, não irá demorar para ter um colapso, tendo em vista que o pastor é um conselheiro em tempo integral. Ninguém consegue fazer tudo, e ninguém consegue dar indefinidamente, tentar fazer isso é um dos motivos do esgotamento físico e da aridez espiritual (COLLINS, 2004).

As intervenções psicoterápicas podem ser de diferentes formatos como psicoterapia de apoio, psicodinâmica breve, terapia interpessoal, comportamental, cognitiva comportamental, de grupo, de casais e de família. Fatores que influenciam no sucesso psicoterápico incluem: motivação, depressão leve ou moderada, ambiente estável e capacidade para insight. Mudanças no estilo de vida deverão ser debatidas com cada paciente, objetivando uma melhor qualidade de vida. Os antidepressivos produzem, em média, uma melhora dos sintomas depressivos de 60% a 70%, no prazo de um mês, enquanto a taxa de placebo é em torno de 30%. Esta taxa de melhora dificilmente é encontrada em outras abordagens terapêuticas de depressão, a não ser o ECT (eletroconvulsoterapia) (SOUZA, 1999).

A eletroconvulsoterapia foi o primeiro tratamento genuinamente efetivo (HERNANDEZ, 1996). Esse tipo de terapia iniciou-se nos anos 30 e tem sido tema de considerável desordem e controvérsia por parte do público (FLAHERTY et. al., 1990).

Acredita-se que a ECT funciona usando um choque elétrico no intuito de causar uma convulsão (um curto período de atividade cerebral irregular) (CARLSON, 2002). Essa convulsão solta bastante substâncias químicas no cérebro que são os neurotransmissores. O ânimo do indivíduo irá melhorar quando suas células do cérebro e seus mensageiros químicos funcionarem de uma maneira melhor (AMERICAN ACADEMY OF FAMILY PHYSICIANS, 2003).



Hernandez (1996), cita as seguintes situações em relação às indicações da ECT: depressão maior e transtorno bipolar; esquizofrenia e outras psicoses funcionais; outros transtornos psiquiátricos, tais como transtornos afetivos e psicoses de origem orgânica, psicoses de grande severidade e também delírios de diversas etiologias.

O tratamento psicoterápico é uma das formas mais importantes a ser considerada no tratamento do paciente com depressão. Para Hirschfeld e Goodwin (1992), esse modelo de tratamento visa os aspectos específicos da condição depressiva, ou seja, cognição, afeto e comportamento, e é planejado para analisar o transtorno, não para mudança de caráter.

De acordo com Louzã-Neto e Betarello (1994), as intervenções psicoterápicas que se adequam a esse tipo de transtorno promovem alívio dos sintomas, aumentam a vinculação ao tratamento em geral e auxiliam no processo de reorganização psíquica do paciente. Porém, nos casos mais relevantes ou quando houver necessidade de investigar o nível de abordagem psicológica, deverá solicitar a colaboração do psiquiatra.

De acordo com Solomon (2002), ele cita várias formas existentes para tratamentos da depressão entre eles alternativos, psicoterápico, fitoterápico e etc. O cientificismo ficou marcado no século XX, onde ficou em destaque o antagonismo entre a ciência e a religião e a razão e a fé. Para a psiquiatria e psicologia, há certa desconfiança em relação às intervenções religiosas sobre a depressão. Há mudança rápida em relação a esse quadro. Atualmente para o tratamento da depressão é utilização e recomendado de algumas estratégias conjuntas como o tratamento psicoterápico ou psicológico, o tratamento psicofarmacológico, o tratamento espiritual, o acolhimento do grupo família, a qualidade de vida.

Em relação ao tratamento efetivo para a enfermidade depressiva, de acordo com esse modelo, a expiação e a confissão através do pagamento da culpa pela penitência, do castigo, e pela própria doença. Geralmente a culpa é representada como um sinal de pecado oculto (inconsciente) ou consciente e da desobediência. Adams é maniqueísta, a ideia do (o sagrado e o profano) essa perspectiva



é compreendida pela mútua exclusão. O desconforto humano e a enfermidade são somente atraídos para culpa e o pecado. Sendo assim não tem uma instância apontada como perturbação ou doença mental que não seja exatamente induzida pelo pecado (ADAMS, 1979).

As práticas religiosas e a saúde mental, essa relação é reconhecido como uma importante estratégia de prevenção da saúde, em um dado importante foi criado para a estratégia de atendimento e para facilitar os estudos da doença, crenças religiosas e espiritualidade e suas relações. Para o tratamento da depressão e as possibilidades de entendimento das estratégias de tratamento com o respeito às crenças religiosas podem ser de extrema importância. As associações e os benefícios entre a medicina convencional e seus recursos e outras práticas precisam ser vista para a promoção do bem-estar de muitos individuo com crenças religiosa e espirituais (WILBER, 2000).

No tratamento de depressão, a religião pode influenciar negativamente e positivamente. Em relação aos cuidados médicos e a religião pode ser tanto orientar a pessoa de maneira firme e inflexível, e de desestimular a busca por cuidados, da mesma forma pode auxiliar a incluir a uma comunidade motivá-la para o tratamento. Todas essas questões precisam ser respondidas pelos pesquisadores, todos aqueles que trabalham especialmente na interface da psicologia com a religião nas ciências da religião (TAMAYO, 1988).

## **DISCUSSÕES**

De acordo com os resultados encontrados observou-se que a carga horária de trabalho dos líderes religiosos, bem como o alto índice de responsabilidade contribui para o desenvolvimento da depressão nesses indivíduos. Decorreu-se sobre o desconhecimento da doença frente a essa população, o que promove uma dificuldade de compreensão sobre a depressão gerando assim causas e consequências no indivíduo.

Segundo Deus (2009), o conhecimento limitado a respeito do adoecimento psicológico e



emocional, principalmente no que se refere ao adoecer depressivo, é o principal fator que impede que esses líderes trabalhem na prevenção dessa enfermidade, que vem acometendo cada vez mais, um maior número de pessoas a cada ano. É necessário ter a conscientização que o adoecimento é uma somatização de múltiplos fatores, que ocorrem à medida que varias funções são desempenhadas ao mesmo tempo, gerando assim um colapso emocional e psicológico, que se não for tratado pode ocasionar consequência irreversíveis.

Encontrou-se também uma grande dificuldade em meio aos líderes protestantes em enxergar as situações cotidianas de forma natural. Há uma facilidade de espiritualizar todas as situações, achando que a enfermidade, tragédias, dores, frustrações e angustias vem do maligno encontrando dessa forma dificuldade em ver a depressão como uma grave doença.

Uma perspectiva estudada por Machado; Santos, D.; Santos, E. (2016), que explanou em suas pesquisas que, esses líderes tem dificuldade em compreender que apesar da sua autoridade como liderança religiosa, eles também são seres humanos, que necessitam encontrar um equilíbrio para desempenhar os outros papéis a eles atribuído, como o de pai, esposo, filho entre outros.

A visão de perfeição que as pessoas têm em relação ao pastor sempre deduzindo que ele não erra, não tem problemas, que jamais adoecer tem gerado um padrão perfeição pelos fieis, em relação ao pastor que traz dano para vida daquele que quer apenas servir.

Com relação às qualificações para exercer o pastorado é necessário responsabilidade, comportamento exemplar, dedicação total, ética, moral, boa saúde, empatia e acima de tudo amar ao próximo. É necessário que se tenha habilidade em administrar finanças para administrar a parte financeira da igreja. Com toda essa demanda de trabalho pastoral diante dos estudos pesquisados foi possível descrever que a faltam pessoas dispostas em ajudar o pastor em suas atividades, a sobrecarregando e levando-o muitas vezes ao adoecimento.

Em meio às qualificações que os líderes protestantes precisam desenvolver, não existem cursos nem treinamentos para lidar com o misto de emoções diárias encontradas no decorrer da vida



como: casamentos pela manhã e velórios à noite, aniversários, batizados e cultos. São várias emoções vivenciadas em segundos, que acabam trazendo um desconforto e um desajuste internamente.

Silva (2006), relatou em suas pesquisas, que a inúmeras adversidades acerca da igreja no que se refere à compreensão da congregação, as pressões sofridas a esses líderes espirituais, que precisa ter a capacidade de gerenciar as atribuições a eles delegada. Voltamos ao ponto citado anteriormente, no que se refere ao acúmulo excessivo de funções, que pode vir a gerar um adoecer, que se não for tratado, pode causar danos ainda mais graves, culminando até com um possível abandono do ministério.

Sobre a família do líder protestante em meio à temática do estudo, encontrou-se nos resultados que essa é uma situação bastante discutida, pois a família de um líder geralmente é muito prejudicada tendo que carregar esse paradigma de família modelo. Viu-se que de acordo com as exigências feitas pelos fieis e também pela sociedade os filhos do pastor precisam ser sempre muito educados e comportados. Com relação à esposa a mesma precisa ser servidora e envolvida ministerialmente da mesma forma que o marido.

Relacionado ao relacionamento como seus filhos, as tensões também são grandes. Muitas vezes os pais espelham-se nos filhos, para que se tornem ou realizem aquilo que eles não conseguiram, e assim projetam suas expectativas em seus filhos. Isso pode causar intolerância, chegando até a agressão contra os filhos, por não conseguirem alcançar os padrões e imposições impostas pelos eles. conseqüentemente isso também ocorre na igreja, quando esperam que os filhos de pastores estejam além da sua realidade, que sejam exemplos para os demais e não tenham o mesmo direito de se comportar como os seus pares (JOSÉ, 2016).

Assim, a família acaba sofrendo, os filhos sofrem a ausência do pai, a mulher muitas vezes encontra-se só por seu marido está sempre muito ocupado com as demandas da igreja e isso tudo poderá ser absorvido pelo líder religioso, e não equilibrado gera conseqüências seríssimas como o transtorno depressivo. E por fim encontraram-se em meio às pesquisas as dificuldades que o pastor encontra para lidar com suas questões pessoais, pois apesar de tudo ele é um ser humano e tem ques-



tões fora do ministério que precisar resolver. De acordo com os materiais pesquisados essas foram as principais demandas encontradas que podem contribuir para o adoecimento do líder protestante.

De acordo com Martins (2008), em relação ao pastor e a sua família, percebe-se que, essa é uma área difícil de ser administrada, por necessitar de uma atenção maior desse indivíduo, e assim por sempre protelar as decisões que as vezes precisam ser imediatas, acabam trazendo um certo desconforto para o líder protestante, pois as inúmeras atribuições o impedem de desenvolver de forma excelente os outros papéis a ele confiados e assim os mais próximos como, filhos e esposa, acabam sempre ficando para depois quando o assunto é o seu ministério, isso não acontece de modo leviano, é uma situação que se estabelece devido as inúmeras atividades que são acumuladas e que dentro desse contexto deveriam ser delegadas a outros membros da congregação.

Mediante a pesquisa realizada, podemos ver que são diversas demandas que faz esse indivíduo passar por esse processo de adoecimento e assim podemos dizer que é de suma importância, o conhecimento mas aprofundado acerca da depressão, para que se possa trabalhar na prevenção desse transtorno, e favorecendo o bem estar a esse público que são os líderes religiosos, a família, a pressão da instituição, o excesso de trabalho, a cobrança dos fies, entre outras, assim concluímos essa pesquisa.

Os líderes protestantes são responsáveis por muitas atribuições, são suporte espiritual e emocional para todo um ministério, exemplos a serem seguidos, mas acima de tudo isso são seres humanos, que sentem dores, medos, anseios, que passam por sofrimentos e inseguranças, como todos passam. Seguindo a direção desse pensamento, podemos dizer que, deve existir a necessidade de haver um equilíbrio de direcionamento entre a fé no supremo e a ciência humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou trazer contribuições para esclarecer as dificuldades encontradas



pelos líderes protestantes na forma de lidar com a depressão e todas as implicações que advém em relação ao diagnóstico do transtorno que vem acometendo cada vez mais um maior numero de lideres.

O estudo trouxe um esclarecimento acerca da depressão nesse público alvo, pois em meio às pesquisas realizadas encontrou-se por parte dos líderes uma parcela de falta de esclarecimento e conhecimento em relação a essa temática e a forma que esses lideres percebem e enfrentam esse transtorno na atualidade.

Assim, pode-se afirmar que os resultados encontrados apresentaram respostas quanto aos objetivos, pois no decorrer da pesquisa verificou-se que o pastor líder de igreja apresenta possibilidade de um quadro depressivo em decorrência às exigências feitas na sua missão acarretando características e sentimentos de angústia e frustração que possivelmente sugiram em relação a essa atividade ou por outra demanda pessoal.

Também foi de grande importância dissertar sobre a resistência desse público alvo em aceitar e admitir o diagnóstico da depressão e questionar a forma que ocorre o processo de aceitação do diagnóstico, pois assim aumenta a colaboração no tratamento e reduz a visão enraizada na cultura social que um líder protestante não pode adoecer.

Em meio à pesquisa pôde-se afirmar também, que as atividade e tarefas realizadas por um líder protestante requer muita atenção e dedicação, e assim acaba gerando um nível alto de estresse contribuindo com o adoecimento emocional e dessa forma trazendo outras demandas emergenciais frente ao transtorno.

Assim pode-se afirmar que diante de todas as pesquisas realizadas no presente estudo pôde-se ver que a sobrecarga de trabalho que um pastor acaba assumindo como: produzir sermões, aconselhar, visitar membros, aniversários, velórios, casamentos, reuniões e batizados, sem contar com as demandas de ordem pessoal nesse misto de emoções envolvidas, e com todas essas tarefas, geram estresse e desorganização emocional, trazendo consequências negativas para a vida dos ministros da fé.

É de suma importância deixar registrando a dificuldade em encontrar conteúdos que abor-



dassem sobre tema, por haver poucos artigos e materiais confiáveis que pode ser utilizado numa pesquisa bibliográfica podendo assim constatar um pequeno número de publicações atuais.

Assim, diante da realidade do tema proposto foi de grande importância o presente estudo pois foi possível encontrar em meios aos artigos, livros, revistas, técnicas de intervenção para uma melhor qualidade de vida dos líderes religiosos que enfrentam a depressão. Dessa forma pode se considerar que as buscas nas fontes encontradas para tal estudo contribuíram para o alcance dos objetivos, pois em meio às pesquisas constatou-se que esse é um tipo de estudo relevante, pois contribui com o conhecimento relacionado ao transtorno de depressão e aumenta as possibilidades do conhecimento da doença e do modelo de tratamento.

Com relação ao conteúdo encontrado constatou-se em meio as pesquisas que cada vez mais nos dias atuais os líderes estão sendo acometidos por esses transtornos e que muitos deles não são tratados pois ainda não conseguem aceitar que estão acometidos por tal transtorno. De acordo com as discussões citadas no corpo do texto pode se considerar a importância de estudar o tema proposto, pois essa é uma realidade cotidiana e desafiante de muitas instituições religiosas atualmente.

Trazer o esclarecimento sobre o transtorno, suas consequências e a não aceitação ou disposição ao tratamento faz com que muitos líderes protestantes tenham uma maior atenção em relação à depressão, e assim possa enxergar esse transtorno não apenas pelo lado espiritual, mas perceba de uma forma geral.

O referido estudo é relevante por buscar contribuir com dados para a construção do conhecimento quanto ao transtorno de depressão, ampliando as possibilidades de conhecer a doença e as formas de tratamento, em vistas a atenuar o aumento de pessoas acometidas por essa doença. Além da ocorrência do alarde da depressão em todas as faixas etárias, mesmo em pessoas detentora de uma fé praticante.

O presente trabalho apresentou uma relevância importante para a construção de uma nova consciência em relação a forma que os líderes protestante ver esse fenômeno que é a depressão nos





dias de hoje, no conhecimento sobre as questões que tem feito esse líder adoecer, e o que esses líderes precisam fazer para se prevenirem para que não caiam no ciclo vicioso que tem feito esses líderes reproduzirem os mesmos erros, para que assim possam ter uma vida espiritual equilibrada sem que interfira na vida pessoal.

A depressão é uma doença que pode atingir qualquer um, incluindo os líderes de fé. De qualquer forma, o apoio, a informação do quanto o tratamento profissional é importante ao longo do período da depressão é útil e ajuda no processo de recuperação.

## **REFERÊNCIAS**

ADAMS, J. Conselheiro Capaz. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987.

AMERICAN ACADEMY OF FAMILY PHYSICIANS. Depression: Electroconvulsive Therapy (ECT). 2003. Disponível em: <[www.familydoctor.org/058.xml](http://www.familydoctor.org/058.xml)> Acesso em 20 de ago. 2018.

ASSUMPÇÃO-JUNIOR F. B. Tristeza e depressão: diagnóstico diferencial. *Pediatria Moderna*. 1998.

BAPTISTA, F. S. Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123723/000829301.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 20 de ago. de 2018.

BECKER, M. C. et. al. Aconselhamento Pastoral na Depressão: Uma análise psico-teológica do aconselhamento pastoral diante da depressão. 2003. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/313249>> Acesso em 20 de ago. de 2018.



BENNIS, W. A. Nova Liderança. In: JULIO, C. A.; SALIBI NETO, J. (org.). Liderança e gestão de pessoas: autores e conceitos imprescindíveis. São Paulo: Publifolha (Coletânea HSM Management), 2001.

BENTO, A. Desafios à liderança em contextos de mudança: Educação em tempo de mudança, 2008. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/bento/Artigos/Resumo2.pdf>> Acesso em 13 de nov. de 2018.

CARLSON N. R. Fisiologia do comportamento. 7. ed. Barueri: Manole, 2002.

CORRÊA, A. C. A fenomenologia das depressões: da nosologia psiquiátrica clássica aos conceitos atuais. *Psiquiatria. biol*, v. 3,1995. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google &base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=193710&indexSearch=ID>> Acesso em 13 de nov. de 2018.

COLLINGWOOD, H. (2001). Leadership's first commandment, know thyself. *Harvard Business Review*, 2001. Disponível em: <<https://www.tib.eu/en/search/id/BLSE%3ARN105267496/FROM-THE-EDITOR-Leadership-s-First-Commandment/>> Acesso em 13 de nov. de 2018.

COVEY, S. Putting Principles First In: GIBSON, R. (eds), *Rethinking the Future*,. Nicholas Brealey Publishing. Great Britain, 2001.

CHIAVENATO, I. Administração de novos tempos. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

CHIAVENATO, I. Administração nos novos tempos. Elsevier Brasil, 2005. disponível em:< [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=>](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=>) Acesso em: 20 de nov de 2018



DEL PORTO, J. A. História da caracterização nosológica do transtorno bipolar. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32s1/24406.pdf>> Acesso em 24 de out. de 2018.

DESLAURIERS, J. P. c- Guide pratique. Montreal: McGraw-Hill, 1991. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/nps/1992-v5-n2-nps1963/301190ar.pdf>> Acesso em 24 de out. de 2018.

DEUS, P. R. G. Um Estudo da Depressão em Pastores Protestantes. Revista Mackenzie, São Paulo, v. 7, n.1, 2009. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ct/article/viewFile/1134/849>> Acesso em 13 de nov. de 2018.

DEUS, P. R. G. de et al. As influências do sentimento religioso sobre o cristão portador de depressão. 2008. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=)> acesso em: 20 de nov de 2018

DEJOURS, C. A. Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em: <[http://www.cra-rj.adm.br/publicacoes/acervodigital/christophe\\_dejours/A\\_Loucura\\_do\\_Trabalho/index.html#3](http://www.cra-rj.adm.br/publicacoes/acervodigital/christophe_dejours/A_Loucura_do_Trabalho/index.html#3)> Acesso em 24 de out. de 2018

TENÓRIO. G. Depressão: sintomas, diagnóstico, prevenção e tratamento. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/depressao-sintomas-diagnostico-prevencao-e-tratamento/>> Acesso em 20 de out. de 2018.

FEITOSA. M. P.; BOHRY, S.; MACHADO E. R. Depressão: Família e seu papel no tratamento do



paciente. Encontro Revista de Psicologia. Vol. 14, nº. 21, Ano 2011. Disponível em: <[pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/download/2499/2393](http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/download/2499/2393)> Acesso em 18 de dez. de 2017.

FRESTON, P. A erupção protestante na moderna política brasileira. *Jornal da Religião Contemporânea*, v. 11, n. 2, p. 147-168, 1996. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13537909608580765>> Acesso em 20 de nov. 2018.

FLAHERTY J. et al. *Psiquiatria: diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Artes Médicas; 1990.

FISCHER, D. *O Pastor do século 21*. São Paulo: Vida Editora, 1999.

FUREGATO, A. R. F.; et. al. Depressão entre estudantes de enfermagem relacionada à auto-estima, à percepção da sua saúde e interesse por saúde mental. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/16939>> Acesso em 16 de jun. 2018.

GOMES, A. M. A. Um olhar sobre a depressão e religião numa perspectiva compreensiva. *Estudos de Religião*, v. 25, n. 40, p. 81-109, 2011. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=)> Acesso em 10 de jun. de 2018.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

HARDIN, P. Judging leadership potential effectively. *Personnel Journal*. Vol. 74. 1995. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/>> Acesso em 16 de jun. 2018.



HERNANDEZ A. P. Efectividad del tratamiento electroconvulsivo en la depresión. *Psiquiatria Biológica*, 1996. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/350978055/19922-85082-1-PB>> Acesso em 16 de jun. 2018.

HIRSCHFELD R. M., GOODWIN F. K. Transtornos do humor. In: Tabbott J, Hales RdYudofsky S. *Tratado de Psiquiatria*. São Paulo: Artes Médicas; 1992.

HOLANDA, A. F. Gênese e Histórico da Psicopatologia Fenomenológica. Em V. Angerami-Camon (Org.), *Psicoterapia e Brasilidade* São Paulo: Cortez Editora 2011. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/688/1/Marcus%20Antonio%20de%20Souza.pdf>> Acesso em 02 de out. de 2018

ISTILLI, P.T. et al. Antidepressivos: uso e Conhecimento entre Estudantes de Enfermagem. *Revista Latino America de Emfermagem*. São Paulo, v. 18, n..3, jun 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2814/281421933018/>> Acesso em 02 de out. de 2018.

JARDIM, S. Depressão e trabalho: Ruptura de Laço Social. *Revista Brasileira de Saúde Oculpacional*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1005/100518631008/>> Acesso em 02 de out. de 2018.

JORGE, M. R. Concepções populares e estigma relacionados às doenças mentais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 22, n. 46, p. 8-19, 2016. Disponível em: <<http://www.revistanps.com.br/nps/article/view-File/110/87>> Acesso em 18 de nov. de 2018.

JOSÉ, A. B. O MINISTÉRIO ECLESIAÍSTICO E O SOFRIMENTO INTRAPSÍQUICO (RE) VE-



LADO DESSE TRABALHO. UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v. 4, n. 2, p. 2-28, 2016. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%-2C5&q=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%-2C5&q=)> Acesso em 20 de ago. de 2018.

KAPLAN, H.; SADOCK, B. J. Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica. 7. Ed. Porto alegre: Artmed, 2007.

KRAUSE, D. G. A arte da liderança para executivos. Lisboa: Lyon, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&pid=S0104-4036201500030066300019&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0104-4036201500030066300019&lng=en)> Acesso em 20 de out. de 2018.

KUHN, R. Psicofarmacologia e análise existencial. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental, 2005. (Original publicado em 1990). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142005000200221&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142005000200221&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 20 de out. de 2018.

LIMA, B. F. Alguns apontamentos sobre a origem das psicopatologias fenomenológico-existenciais. Revista de Abordagem Gestáltica, Goiânia, v.14, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n1/v14n1a06.pdf>> Acesso em 20 de out. de 2018.

LOPES, H. De pastor a pastor. (4.ed.) São Paulo: Hagnos ,2010.

LOTUFO NETO, F. Psiquiatria e religião. A prevalência de transtornos mentais entre ministros protestantes. Tese (Livre-Docência)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977. Disponível em:<<https://www.passeidireto.com>> Acesso em 20 de out. de 2018.



LOUZÃ-NETO M. R., BETARELLO S. V. Depressão: como diagnosticar e tratar. Revista Brasileira de Medicina. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php/>> Acesso em 20 de out. de 2018.

\_\_\_\_\_, LOUZÃ-Neto M. R., Motta T., Wang Y., Elkis H. Psiquiatria Básica. São Paulo: Artes Médicas; 1995.

MACARTHUR, J. J. R.; MACK, W. A. Introdução ao Aconselhamento Bíblico. São Paulo: Hagnos, 2014.

MACHADO, A. B. DA S.; SANTOS, D. S.; SANTOS, E. C. O ACONSELHAMENTO COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DE PASTORES E LÍDERES. 2017. Disponível em: <[http://177.107.89.34:8080/jspui/bitstream/123\\_456789/478/1/MachadoSantosSantos.pdf](http://177.107.89.34:8080/jspui/bitstream/123_456789/478/1/MachadoSantosSantos.pdf)> Acesso em 10 de jun. 2018.

MARTINS, J. C. Psicoterapia com líderes religiosos, 2008. In: BRUSCAGIN, Claudia et. al. Religiosidade e psicoterapia. São Paulo: Roca, 2008.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS – DSM V. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MANTOVANI, I. F.; CARDOSO, J. M. M. DA PSICOLOGIA INDUSTRIAL À GESTÃO DE PES-



SOAS: A EVOLUÇÃO NA FUNÇÃO DE SER LÍDER. REVISTA UNINGÁ, [S.l.] v. 49 n. 1 (2016) ISSN 2318-0579. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1294>> Acesso em 10 de nov. de 2018.

MAXIMIANO, A. C. A. Introdução à administração. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MENDES, A. M. B.; SILVA, R. R. Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional. PsicoUSF, v. 11, n. 1, p. 103-112, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v11n1/v11n1a12>> Acesso em 10 de nov. de 2018.

MILLER, P. L. Depressão e suicídio: Tanatismo, Psicanálise, Psicossomática. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINKOWSHI, E. Le tempus vecu, Netechel/ Susse dela chaux et Niestle, 1968.

MOREIRA, V. Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. Estudos de Psicologia, Campinas, v.27, n. 4, p. 537-54 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/11.pdf>> Acesso em 03 de out. de 2018.

NASCIMENTO, M. N. F. Religiosidade e Saúde: Etnografia de um grupo da RCC em diálogo com a perspectiva junguiana. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0359.pdf>> Acesso em 10 de jun. de 2016.





OLIVEIRA, R. M. Kühnrich de. Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento do CID 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

\_\_\_\_\_, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depressão é tema de campanha da OMS para o Dia Mundial da Saúde de 2017. 2016. Disponível em: <[https:// www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5321:depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5321:depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839)> Acesso em 01 de nov. de 2018.

\_\_\_\_\_, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório sobre a saúde: saúde mental nova concepção, nova esperança. Geneva: OMS, 2001. Disponível em: <[https://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_djmessage\\_po.pdf](https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf)> Acesso em 01 de nov. de 2018.

PAGANI, C. L. Guia para ministros adventistas do sétimo dia: preparado pela Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. (6. ed.) Tatuí: CPB, 2010.

PEREIRA, W. C. C. Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional. Petrópolis: Vozes, 2012.

PINHEIRO, C. R. Stress Ocupacional e Qualidade de Vida em Clérigos(as). Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/208>> Acesso em 08 de out. de 2018.



RAMOS H. L. Depressão endógena. Programa Nacional de Atualização Médica Fontoura – Wyeth, 01-03, 1984. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br>> Acesso em 13 de out. de 2018.

RAFAELLI, R. Husserl e a psicologia. Estudos de Psicologia, Natal, v. 9, n. 2, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000200002&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 13 de out. de 2018.

ROEHE, M. V. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. Estudos de Psicologia, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v11n2/a04v11n2.pdf>> Acesso em 13 de out. de 2018.

SANTOS, P. R. Cuidando da saúde mental e espiritual do pastor: uma abordagem a respeito da necessidade do aconselhamento pastoral direcionado a pastores da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. 2016. 10f. Dissertação (Pós graduação em Lato Sensu em aconselhamento) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/Marcia/Downloads/84-1-307-1-10-20160629.pdf>> Acesso em 10 de out. de 2018.

SHAFFER, R. H. Demand better results and get them. Harvard Business Review, 2002. Disponível em: <<https://hbr.org/1991/03/demand-better-results-and-get-them>> Acesso em 10 de out. de 2018.

SOLOMON, A. O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_, SOLOMON, Adrew. O demônio do meio-dia, uma anatomia da depressão. Tradução Myriam Campello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 15.



SOUZA, C. P. et. al. A questão da psicopatologia na perspectiva da abordagem centrada na pessoa: diálogos com Arthur Tatossian. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v.19, n. 2, dez 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200006)> Acesso em 03 de out. de 2018.

\_\_\_\_\_, SOUZA, F. G. M. Tratamento da depressão. Revista brasileira de Psiquiatria, v. 21, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em 03 de out. de 2018.

SROUR, R. H. Poder, cultura e ética nas organizações: o desafio das formas de gestão. 13 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

STAHL S. M. Psicofarmacologia – Bases neurocientíficas e aplicações clínicas. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica Ltda; 1998.

TABBOTT; J. H. R.Y. S. Tratado de Psiquiatria. São Paulo: Artes Médicas; 1992.

TAMAYO, P. El concepto de enfermedad: su evolución a través de la historia. México, Guadalajara: Facultad de Medicina, UNAM/Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología/Fondo de Cultura Económica, 1988. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/106/10633215.pdf>> Acesso em 05 de out. de 2018.

TOLFO, S. R. A. A Liderança: teoria dos traços ao coach. In: BITTECOURT, C. (org), Gestão Contermorãnia de pessoas. Porto Alegre: Bookman, 2004, cap 3, cap. 13, p. 271-307



WHITE, J. As máscaras da melancolia: Um psiquiatra cristão aborda a problemática da depressão e do suicídio. São Paulo: editora ABU, 1987.

WILBER, K. The Collected Works of Ken Wilber: Sex. Ecology, Spirituality, 6 ed., 2000.

\_\_\_\_\_, Psicologia Integral, Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia. Tradução Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2009.

YEH, H.-C.; LEMPERS, J. D. Perceived sibling relationships and adolescent development. Journal of Youth and Adolescence, 2 ed. v. 33, n. 2, p. 133-147, 2004.

YUKL, Gary. Managerial leadership: A review of theory and research. Journal of management, v. 15, n. 2, p. 251-289, 1989. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/014920638901500207>> Acesso em 03 de Out. de 2018.



# Capítulo

# 9

## DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DA RÁDIO NO PROCESSO DE ENSINO-APREN- DIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CÂMPUS -TARAUACÁ/ AC

---



# DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DA RÁDIO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CÂMPUS -TARAUACÁ/ AC

## CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF THE USE OF RADIO IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF INTEGRATED HIGH SCHOOL STUDENTS OF THE CAMPUS -TARAUACÁ/AC

Jaime José de Magalhães Lima

Francisco Gilberto Mendes dos Santos

**Resumo:** O artigo apresenta a rádio no ambiente escolar, como um recurso didático de promoção do processo de ensino-aprendizagem, relatando a experiência do Projeto de Extensão “Comunicar e integrar é preciso: Rádio integraIF”. O Projeto foi desenvolvido entre os meses de fevereiro a novembro de 2019 e destinou-se aos alunos do ensino médio integrado. Teve por objetivo atender às necessidades de informação, integração e entretenimento dos alunos do ensino médio integrado do Instituto Federal do Acre, Câmpus Tarauacá-Acre. A proposta centrou-se em cinco etapas: a) Apresentação do projeto e sensibilização dos alunos; b) Oficinas para a capacitação; c) Organização da estrutura física; d) Planejamento e execução das programações; e, e) Avaliação, por meio de uma roda de conversa. Ao final, verificou-se que o projeto contribuiu para melhorar a convivência e o trabalho em grupo, o respeito às diferenças, e aos níveis e ritmos de aprendizagem de cada um dos integrantes da equipe, além de estimular a comunicação oral, o senso de responsabilidade, a autonomia, a capacidade de iniciativa, ainda pode favorecer à interdisciplinaridade, à interação social e o entretenimento.

**Palavras-Chave:** Projeto de extensão. Ensino Médio Integrado. A rádio. Ensino. Interação social.



**Abstract:** The article presents radio in the school environment, as a didactic resource to promote the teaching-learning process, reporting the experience of the Extension Project “Communicating and integrating is necessary: Rádio integraIF”. The Project was developed between February and November 2019 and was aimed at integrated high school students. Its objective was to meet the information, integration and entertainment needs of high school students at the Instituto Federal do Acre, Campus Tarauacá-Acre. The proposal focused on five stages: a) Presentation of the project and raising awareness among students; b) Training workshops; c) Organization of the physical structure; d) Planning and execution of schedules; and, e) Assessment, through a conversation circle. In the end, it was verified that the project contributes to improve coexistence and group work, respect for differences, and the levels and rhythms of learning of each of the team members, in addition to stimulating oral communication, a sense of responsibility, autonomy, the capacity for initiative, can still favor interdisciplinarity, social interaction and entertainment.

**Keywords:** Extension project. Integrated High School. The radio. Teaching. Social interaction.

## **Introdução**

Uma discussão frequente no cenário da educação brasileira, diz respeito à necessidade de cada vez mais, as escolas adotarem práticas pedagógicas que assegurem, por meio do processo de ensino-aprendizagem, uma formação crítica e comprometida em promover a emancipação do indivíduo, de forma a torná-lo capaz de intervir e transformar a própria realidade. Nessa perspectiva, Freire (2017) enfatiza que uma das tarefas mais importantes da prática educativa é criar condições para que o aprendiz, em suas relações com o meio, passe a se enxergar como um ser social pensante.

Ao encontro da fala do autor supracitado, Gadotti (2009) nos aponta que através da prática



educativa, o professor irá prover o indivíduo com conhecimentos e experiências culturais, deixando-o apto a atuar no meio social, em função das necessidades econômicas, socioculturais. Assim, podemos considerar que a educação é o processo que permite a formação de saberes e habilidades, todavia, a aquisição dos mesmos precisam estar fundamentados numa proposta pedagógica. Seguindo por essa seara, Moran (2013), considera que por meio da atividade de educomunicação é possível trabalhar inúmeros aspectos do desenvolvimento do aluno.

A rádio, por ser um meio de comunicação de fácil acesso e por apresentar características que contemplam a oralidade e a objetividade, é um recurso adequado para trabalhar a comunicação no ambiente escolar. Ao encontro do autor supracitado, Mantoan (2003) considera que por ser o meio de comunicação que mais desenvolve a oralidade e que possui maior semelhança com a linguagem cotidiana, tais aspectos facilitam a sua implantação dentro do ambiente escolar. Para Pimenta (1996), a escola competente é aquela que consegue promover o conhecimento, que permeia a era da comunicação e da informação, que forma sujeitos capazes de operacionalizar os sistemas de informação.

Sendo o rádio um instrumento presente no dia a dia dos sujeitos, como um meio de comunicação e entretenimento, esse deve ter ligações estreitas com a educação e a informação, devido a constantes mudanças mediadas pelo grande e rápido desenvolvimento da tecnologia. Desta forma, Mantoan (2003) afirma que o rádio tem a vantagem de ser uma mídia flexível, que permite o acesso a informações de forma rápida e com custos técnicos reduzidos.

Quanto à utilização do rádio na escola, Moran (2013) considera que consiste em um recurso didático de interação entre o meio social e o meio sistêmico de aprendizagem. Acrescenta ainda que deve propiciar conhecimentos básicos, essenciais para qualquer cidadão resolver problemas no contexto histórico e sociocultural. Nesse sentido, Piletti (2004) enfatizam a necessidade de uma escola que responda às expectativas dos alunos de forma que eles possam se sentir acolhidos e participem ativamente das atividades escolares.

Nessa mesma seara, Verdum (2013), aponta que, o ato de ensinar não pode se limitar apenas





ao domínio dos conhecimentos específicos das disciplinas, mas também, ao domínio das novas tecnologias e de práticas pedagógicas inovadoras capazes de promover o desenvolvimento cognitivo do aluno, além dos aspectos relacionados às atitudes e comportamentos.

Quando se pensa em educação, pensa-se em espaços físicos nos quais o conhecimento é construído, visando à formação de indivíduos críticos, ativos e que sejam capazes de transformar a realidade que os rodeia. Nesse sentido, conforme Gadotti (2009), o ambiente escolar será determinante na formação desse indivíduo, uma vez que nele se fortalecem as relações e acontece o processo de ensino-aprendizagem. Nesse mesmo sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) considera que o trabalho com as mídias deve acontecer ao longo de toda vida acadêmica, dentro de contextos diversificados com objetivos diferenciados que podem ser influenciados pelos variados meios culturais e pelas diversas situações educativas.

Fazer uso dos meios de comunicação, principalmente da rádio, no espaço escolar, torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e exercitar nos alunos a necessidade deles estarem atentos às questões do mundo, desta forma, torna-se impossível afastar da sala de aula os meios de informações e as tecnologias de informações. A esse respeito, Mantoan (2003) acrescenta ainda que, sendo o processo comunicativo dinâmico, no qual o diálogo acontece naturalmente, a rádio poderá ajudar na construção de uma prática, na qual os alunos tornar-se-ão protagonistas da própria aprendizagem.

Nessa perspectiva, Verdum (2013) destacam que a rádio é uma ferramenta pedagógica capaz de colaborar para transformar a escola num ambiente de trocas de saberes, de partilha, de interação e principalmente, num local que preza pela informação de qualidade. Destarte, Freire (2017), aponta que o trabalho escolar torna-se significativo quando se consegue promover conhecimentos que permeiam a era da comunicação e informação, que forma sujeitos capazes de operacionalizar os sistemas de comunicação e informação, levando-os a se sentirem preparados para atuarem de forma ativa e construtiva na sociedade.



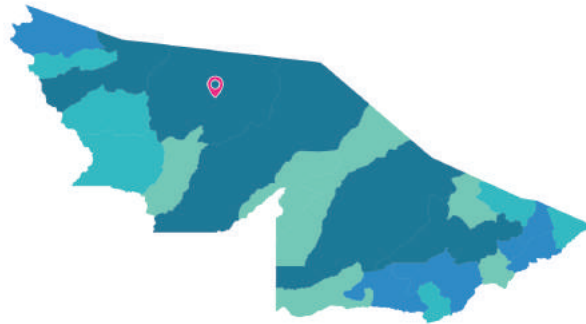
Nessa mesma linha de pensamento, Gadotti (2009) nos explica que a escola precisa criar mecanismos que viabilizem a formação de alunos críticos, capazes de interpretar as diversidades de enunciados e adeptos à interação social. Na busca por desenvolver dentro da escola, metodologias que dinamizam o processo de ensino-aprendizagem, o presente trabalho teve por objetivo apresentar o rádio no ambiente escolar como um recurso metodológico capaz de atender às necessidades de informação, integração e entretenimento dos alunos do ensino médio integrado do Instituto Federal do Acre, Câmpus Tarauacá-Acre.

### **Metodologia**

O projeto de extensão intitulado “Comunicar e integrar é preciso: Rádio IntegraIF” ocorreu entre os meses de fevereiro a novembro de 2019, durante os quinze minutos de intervalo dos turnos da manhã e da tarde, no Instituto Federal de Educação do Acre, no Campus da cidade de Tarauacá/AC, com uma programação acompanhada o calendário acadêmico do Campus. Cada semana, os coordenadores e alunos voluntários se reuniram e programavam a pauta da semana seguinte, com temáticas de interesse dos adolescentes: juventude, sexualidade, horóscopo, novas tecnologias, além de música, literatura, entrevistas e dicas para o Exame Nacional do Ensino Médio.

A cidade de Tarauacá/ Acre pertence a regional Tarauacá/Envira distante 408 km da capital Rio Branco, possui cerca de 45.567 habitantes (IBGE, 2019) e é banhada por um rio de mesmo nome. Atualmente, o município possui um total de 12.645 alunos no ensino básico, sendo que 10.847 estão matriculados no ensino fundamental e 1.838 no ensino médio, distribuídos em 17 escolas.





**Figura 1** - Mapa do estado do Acre indicando o município de Tarauacá.

**Fonte:** IBGE (2019)

O Instituto Federal do Acre, Campus Tarauacá (regional Tarauacá/Envira) foi criado pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, mas seu espaço físico só passou a atender a comunidade local em 2014. Atualmente com um quadro de 35 docentes efetivos, o Campus Tarauacá atende pouco mais de 550 alunos nas modalidades: Ensino Técnico Integrado ao Médio, com os cursos na área de Floresta, Agricultura, Finanças e Administração; Ensino Técnico Subsequente, com um curso na área de Administração e Serviços Públicos e Bacharelado em Tecnologia em Gestão do Agronegócio.

O Projeto de Extensão contou com a participação de 22 alunos e foi coordenado pelos professores de Língua Portuguesa e Sociologia. A metodologia da implantação compreendeu quatro momentos distintos: a) Apresentação do projeto e sensibilização dos alunos; b) Capacitação dos participantes por meio de uma oficina; c) Organização da estrutura física; d) Planejamento e execução das programações; e, e) Avaliação, por meio de uma roda de conversa.

## **Resultados e discussão**

O projeto da rádio “Comunicar e integrar é preciso: rádio IntegralIF no ambiente escolar”, funcionou como um recurso pedagógico, de promoção da aprendizagem, a interação social e enriquecendo o processo comunicativo. Foi possível verificar a preocupação dos participantes em se



expressar bem para os ouvintes, fato que levou muitos alunos a se policiar e procurarem melhorar a oralidade. ao tratar de temática, Silva (2013) consideram que o rádio é um veículo de grande atuação social e de combate à exclusão, pois por meio dele, é possível a democratização da informação, independente da classe social, religião ou do nível cultural dos indivíduos.

A implantação do projeto da rádio no ambiente escolar ocorreu em cinco etapas apresentadas abaixo:

### **Apresentação e sensibilização**

Foi organizada uma palestra de apresentação e sensibilização, pelos coordenadores do projeto, destinada a todos os alunos do Campus. Na oportunidade, o docente de Sociologia e coordenador do projeto, proferiu uma palestra abordando a importância dos meios de comunicação nos dias atuais e como funciona uma Web rádio escolar. Ao final, os alunos que manifestaram interesse puderam se inscrever como voluntários. Conforme Siva (2013), as mediações entre escola, educação e a comunicação precisam ser feitas de maneira prática, focadas na elaboração do pensamento do jovem e de suas relações sociais.

### **Capacitação dos participantes**

Os alunos tiveram oportunidade de participar de duas oficinas com uma carga horária de 08 horas, nas quais foram trabalhados aspectos relevantes para instalação e funcionamento de uma rádio no espaço escolar:

- a) Linguagem e técnica radiofônica, como um entrevistador deve se comportar diante do entrevistado, orientações para melhorar a dicção e a oratória;
- b) Como elaborar reportagens, trilhas para programas e técnicas de edição de áu-



dios;

c) Como montar pequenos programas-piloto, vinhetas para a programação, roteiros de entrevistas.

Durante as oficinas, também foram escolhidos o nome e slogan da rádio, a partir das sugestões apresentadas pela equipe. Conforme Mantoan (2003), a rádio escolar pode ser um importante instrumento pedagógico, auxiliando no processo da aprendizagem, independente da idade ou escolaridade dos sujeitos, além de contribuir para a formação de receptores mais críticos, ao buscar uma interação com as mídias.

### **Organização da estrutura física e equipamentos**

A terceira etapa consistiu na organização do espaço físico e da aquisição dos equipamentos necessários à execução do projeto. Assim, a Rádio IntegraIf foi montada num espaço dentro do auditório do Campus. Alguns equipamentos foram colocados à disposição pela direção e outros precisaram ser comprados. A princípio, a rádio iria funcionar com um computador, dois microfones, caixas de som, amplificador, mesa de som estéreo, softwares de edição de áudio e programação.

Gadotti (2009) enfatiza que é preciso romper definitivamente as resistências que ainda persistem na área educacional por meio da apropriação e usabilidades de ferramentas midiáticas como práticas pedagógicas. Desta forma, o rádio pode ajudar na construção de uma prática onde os alunos sejam os protagonistas da aprendizagem, propiciando uma comunicação mediadora entre todos os componentes da comunidade escolar.

### **Planejamento e execução**



Uma vez montado o espaço físico e equipado adequadamente, coordenadores e alunos começaram a organizar a programação. Semanalmente, os participantes e coordenadores se reuniam e discutiam a pauta de programação da semana seguinte. Os temas eram voltados principalmente para o público jovem, mas sempre de cunho pedagógico. A pauta de programação acompanhou o calendário acadêmico do Campus, de acordo com o quadro 1 abaixo:

**Quadro 1:** Projetos contemplados pela Rádio IntegraiF no ano de 2019

Meses	Projetos
Março	Dia internacional da mulher
Abril	Brasil indígena / Semana santa
Maiο	Dia das mães / Libertação dos escravos
Junho	Festa Juninas
Julho	Semana do meio ambiente
Agosto	Dia dos pais / Dia dos estudantes
Setembro	Semana da Pátria
Outubro	Dia dos professores
Novembro	Consciência negra

**Fonte:** autores

Depois da implantação do projeto, aconteceu a fase mais delicada, que foi o acompanhamento do mesmo e, nesse momento, ficou evidenciado a necessidade de construir de fato, um projeto interdisciplinar, uma vez que era visível a resistência de um número considerável de professores que não perceberam o potencial da rádio como possibilidade educacional. A esse respeito, Freire (2017) ressalta que é preciso considerar que professor e aluno são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem e que, por meio de uma relação dialógica, ambos aprendem juntos.

Por meio de uma página no Facebook, a Rádio IntegraiF no ambiente escolar, fez a divulgação ao vivo de eventos como, A primeira mostra científico cultural, Dia da Consciência Negra, além



de formaturas e práticas educacionais desenvolvidas no Campus Tarauacá.

### **Avaliação do projeto**

A quinta e última etapa consistiu na avaliação do projeto. Para isso, além da observação in loco, ao final do segundo semestre de 2019, foi organizado uma roda de conversa na qual os 22 alunos participantes discutiram três pontos:

- a) A importância de ter uma rádio dentro do ambiente escolar;
- b) As dificuldades encontradas durante a execução do projeto;
- c) Em que aspecto o projeto pode ser melhorado.

Com relação ao primeiro questionamento, alguns alunos relataram que graças à participação no projeto, aprenderam a se portar diante das pessoas, a dialogar e perderam a vergonha de falar em público. Outros responderam que aprenderam a manusear os equipamentos, a organizar programações da rádio e a trabalhar em grupo. Ao encontro das falas dos alunos, Vygotsky (2010) enfatiza que o desenvolvimento humano é compreendido como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre o indivíduo e o meio.

Outros ainda destacaram que por meio do projeto, aprenderam a importância de pesquisar um assunto antes de falar a respeito dele e passaram a ter responsabilidade no manuseio dos equipamentos de som para não estragá-lo. Conforme Freire (2017) por meio de experiências desse tipo, a escola introduz no cotidiano das crianças e jovens, valores essenciais à sobrevivência em comunidade, como a cooperação, justiça e respeito ao próximo.

Com relação ao segundo ponto, os alunos destacaram como dificuldades a vergonha de falar em público. Outros enfatizaram o pouco tempo disponível para planejamento e elaboração da programação e a falta de participação dos professores. Também citaram como dificuldades o fato



de ter que fazer programas ao vivo, ouvir a própria voz, conciliar os horários de reunião e conseguir equipamentos de melhor qualidade.

Outros apontaram ainda, que as maiores dificuldades centraram-se no fato de ter que expor as ideias, o pouco recurso financeiro para aquisição e manutenção da parte técnica, e ainda, planejar programas interessantes ao público jovem. Nesse sentido Freire (2017) aponta que uma ensino que não põe o aprendiz diante de desafios a serem enfrentados por ele, não é ensino.

Quanto ao terceiro questionamento, sugestões para melhoria do projeto, os alunos destacaram a importância da presença de mais professores na equipe, uma vez que o funcionamento da rádio não é somente do interesse dos alunos, mas de toda comunidade. Nesse sentido, Freire (2017) considera que o professor é um dos principais atores sociais visto que exerce a função de mediação da cultura e dos saberes escolares. Destarte, o trabalho com o rádio no ambiente escolar amplia as relações sociais, fortalece a expressão oral, verbal, criativa e cultural.

Outro aspecto considerado pelos alunos foi a possibilidade da rádio funcionar durante o intervalo do almoço, tendo em vista que muitos alunos permanecem no Campus durante esse período. Destacaram também a necessidade de um espaço maior e ainda, foi sugerido que fosse acrescentado no projeto da rádio uma programação voltada para os aspectos culturais da localidade, como curiosidades locais, entrevistas e artistas anônimos. Nessa seara, Freire (1989) destaca que quando o aprendiz encontra no processo de ensino-aprendizagem, personagens, lugares e tempos do meio ao qual ele pertence, aquilo que é ensinado passa a fazer sentido para ele.

A partir das respostas dos alunos e com base em observações, podemos verificar que o projeto despertou o interesse pela manuseio de equipamentos tecnológicos, proporcionou vivências que foram além da sala de aula, trouxe novidades, notícias, entretenimento, informação, diversão, melhorou o ambiente escolar, propiciando que os alunos uma aprendizagem para além das salas de aula. De acordo com Zabala (1998), a escola não pode apenas transferir conhecimento, mas promover um espaço em que o conhecimento seja produzido, para isso, precisa ter como ponto





de partida o contexto do aprendiz

Ao compreenderem a dinâmica do funcionamento da rádio, alguns alunos acabaram se afastando, comportamento compreensivo, uma vez que falar ao microfone para um público é um grande desafio. Outros, porém, enfrentaram esse desafio e rapidamente constataram que a prática da leitura é indispensável para quem quer se comunicar com objetividade. Ao abordar a temática a rádio no ambiente escolar, Silva (2011) aponta que no momento em que o aluno pesquisa, prepara uma matéria, e apresenta num programa da rádio, o conhecimento ali produzido, o acompanhará por toda a vida.

Aos poucos, os alunos foram enfrentando as barreiras da timidez e da insegurança e passaram a se sentir bem à vontade para falar em público. Perceberam que a melhor forma de enfrentar essa insegurança era se preparando com antecedência, lendo, escrevendo os roteiros, fazendo questionamentos. A esse respeito, Moran (2013) defende que as ferramentas tecnológicas aliadas à escola poderão proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades pessoais e sociais, o rádio é uma dessas ferramentas.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que a rádio favoreceu à interdisciplinaridade, uma vez que as temáticas abordadas nas programações perpassam por diversas áreas do conhecimento, contribuindo com o processo de ensino-aprendizagem. A esse respeito, Silva (2013) ressalta que o fato do currículo escolar ser organizado por disciplinas que não dialogam entre si, acaba criando um ensino fragmentado que prejudica o processo ensino-aprendizagem.

A rádio, no Campus Tarauacá/AC, também funcionou como veículo para conscientizar o público, com relação à higiene corporal, à necessidade de se conservar os espaços de vivência sempre limpos, e ainda, na divulgação de informações de cunho pedagógico ou administrativo. Assim Almeida (2015) explica que a inserção da comunicação, por meio da mídia no espaço escolar, pode vir a acrescentar uma nova forma crítica de pensar à sociedade e entender como essa pode receber influências e influenciar nos meios de comunicação, principalmente os que estabelecem um maior vínculo com sua comunidade.



Por fim, os alunos aprenderam a trabalhar em equipe, uma vez que a cada semana, uma equipe ficava responsável pela pauta da programação, desta forma, organizando reuniões, selecionando músicas, pesquisando temáticas de interesse dos alunos, anotando pedidos. Freire (1989), considera que o conhecimento e a aprendizagem precisam caminhar juntos para o bem do convívio social, por meio da transmissão de saberes numa ação coletiva em um ambiente interativo.

### **Considerações finais**

As atividades com a desenvolvidas durante a execução do projeto “Comunicar e integrar é preciso: Rádio integraIF”, possibilitam ao aluno perceber a importância de seu papel como sujeito em um contexto social e ao mesmo tempo, desenvolve aprendizagens como a expressão oral, aprimorar a capacidade de falar em público, além de favorecer a aspectos como a questão ética, o senso de responsabilidade, o olhar imparcial diante de um fato, a crítica construtiva, além da interação social.

Diante da necessidade de se desenvolver no espaço escolar, práticas motivadoras e capazes de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, o trabalho aqui apresentado, teve por objetivo apresentar o rádio no ambiente escolar como um instrumento metodológico que além de informar e entreter, auxilia o processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, esse recurso didático promove a participação de toda a comunidade escolar, estimulando a troca de experiências, a pesquisa, o debate e a busca por soluções dos problemas no ambiente em que a escola está inserida. Ao mesmo tempo aproxima pais, alunos e professores e envolve a todos no processo pedagógico de construção do saber.

No processo do fazer radiofônico dentro da escola, o aluno o passou de mero receptor para o de emissor e isso lhes deu a real dimensão de como podemos interpretar as mensagens veiculadas pela mídia. A partir das atividades desenvolvidas diariamente pela rádio no meio escolar, fica evidenciado a importância da leitura em sua vida, o quanto é necessário o trabalho em equipe, o respeito às diferenças e ao espaço do outro, ao mesmo tempo em que favorece a interdisciplinaridade, a interati-



vidade e a sensibilização para uma participação mais atuante na sociedade.

Ela torna o processo de ensino e aprendizagem mais democrático, no momento em que faz com que o aluno desista do papel de coadjuvante e assuma o papel de protagonista na construção do saber. A rádio promove a participação de toda a comunidade escolar, estimulando a troca de experiências, a pesquisa, o debate e a busca por soluções dos problemas enfrentados no espaço escolar e no ambiente em que a escola está inserida. Ao mesmo tempo aproxima pais, alunos e professores, estreita relações e amplia horizontes, envolve a todos no processo pedagógico de construção do saber, aumenta a capacidade de comunicação, promovendo o exercício pleno de cidadania.

## **Referências**

ALMEIDA, Vasconcelos de. O potencial da rádio na escola: formação crítica na voz de estudantes de escola pública. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Comunicação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 9 jul. 2020.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.



GADOTTI, M. O Pensamento pedagógico brasileiro. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por que? Como fazer. São Paulo. Moderna, 2003.

MORAN, J. M. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

PILETTI, C. Didática Geral. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. Revista Faculdade de Educação, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, dez. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SILVA, Neiva Salete. A função da leitura no processo de aprendizagem. Revista os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor, Paraná, v.1, n. 1. Jul. 2013.

ZABALA, A. A prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VERDUM, P. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? Revista Educação por Escrito, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 1, p. 91-105, jul. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br>. Acesso em: 10 jun. 2021.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



Capítulo

10

PEDRA DO FRADE: NARRATIVAS LITERÁRIAS E IDENTIDADE REGIONAL DE ITAPAJÉ-CE

JÉ-CE

---



# **PEDRA DO FRADE: NARRATIVAS LITERÁRIAS E IDENTIDADE REGIONAL DE ITAPAJÉ-CE**

## **FRIAR'S STONE: LITERARY NARRATIVES AND REGIONAL IDENTITY OF ITAPAJÉ-CE**

Maria Marly Cruz Gomes Pinto

**Resumo:** O presente projeto deseja estruturar uma pesquisa analítica acerca dos aspectos geográficos da formação rochosa conhecida por “Pedra do Frade” e de que modo as narrativas literárias míticas de escritores locais ressaltam a importância deste para a construção identitária da cidade, como a bandeira, o hino da cidade e o nome do município de Itapajé no estado do Ceará. A partir disso, a pesquisa irá traçar a influência da Pedra do Frade na identidade histórico-cultural itapajeense e investigar as criações literárias a partir de diferentes versões da lenda do frade petrificado que se estabeleceu no imaginário local, considerando histórico-descritivas sobre o povoamento da cidade por freis capuchinos e das tentativas de catequização da tribo Anacés e explorando as reconstruções da lenda da Pedra do Frade em crônicas e livros de cordel escritos por autores locais com a finalidade de fortalecer a formação cultural da cidade. Utilizando de BASTOS (2006) e BRANCO (2020), o trabalho busca sintetizar a presença da Pedra do Frade em elementos simbólicos do município.

**Palavras chaves:** Pedra do Frade; Narrativa Literária; Identidade Regional;

**Abstract:** The present project wants to structure an analytical research about the geographical aspects of the rock formation known as “Pedra do Frade” and how the mythical literary narratives of local writers emphasize its importance for the identity construction of the city, such as the flag, the city’s



anthem and the name of the municipality of Itapajé in the state of Ceará. From this, the research will trace the influence of Pedra do Frade in the historical-cultural identity of Itapaje and investigate the literary creations from different versions of the legend of the petrified friar that was established in the local imagination, considering historical-descriptive about the settlement of the city by capuchino friars and the attempts to catechize the Anacés tribe and exploring the reconstructions of the legend of Pedra do Frade in chronicles and cordel books written by local authors with the aim of strengthening the cultural formation of the city. Using BASTOS (2006) and BRANCO (2020), the work seeks to synthesize the presence of Pedra do Frade in symbolic elements of the municipality.

**Keywords:** Friar's Stone; Literary Narrative; Regional Identity;

### **Introdução:**

Durante nosso período escolar, estudamos muitas coisas acerca do “descobrimento” do Brasil, do comércio de especiarias, do genocídio indígena e de como a construção de nosso país começou dando errado.

Entretanto, todos esses fatos são discutidos de forma muito distante da nossa própria realidade, somos lembrados de nomes que não conhecemos e locais que nunca visitamos, o que faz com que nossa própria história se torne algo distante, confuso e tedioso.

Um dos objetivos principais deste trabalho é fazer com que a História e a Geografia do Brasil se conectem com a Literatura de forma particular, demonstrando que a cultura nacional pode ser explorada partindo de um microcosmo como Itapajé para o macro que é a cultura nacional e sua relação de origem com outro país, Portugal. Saindo da simples ideia maniqueísta de bem e mal ou da perspectiva de esquecimento da nossa cultura e buscando expressar que ainda podemos ressignificá-la.

Essa ideia surgiu da necessidade de conseguir levar para o contexto escolar e de opinião



pública, o resgate cultural da Pedra do Frade, e como citado anteriormente, o valor cultural através de sua história. Além de um simples bloco de granito, que possuía um valor individual pela ótica dos missionários e que hoje em dia conseguiu manter sua importância como símbolo municipal.

A Literatura que iremos utilizar como instrumento de pesquisa não irá ser utilizada como comparativo para outros livros, na verdade, as produções serão vistas como documentos que possuem o poder intercultural de assegurar nossa hipótese principal, a de que a Pedra do Frade tem uma relevância histórica para a cidade de Itapajé, no interior do Ceará, e de que este bloco de granito influencia a cultura da cidade.

Sugestões acerca deste tema surgiram durante o estudo do livro “Os Sertões”, clássico da literatura brasileira que faz parte do cânone nacional, não somente pela escrita detalhada, mas também como um trabalho historiográfico sobre a Guerra de Canudos e demográfico em relação ao povo da região Nordeste, o autor Euclides da Cunha, destaca em algumas passagens, a presença de uma religiosidade peculiar ao sertanejo com características de sincretismo e um fanatismo diferente do resto do país.

A partir disso, o tema é delimitado na área de religiosidade nordestina e durante um debate no Laboratório de Humanidades e Tecnologias da Educação (LABHUTE) de como seria possível trazer uma pesquisa desta natureza para a iniciação científica de Geografia e Letras, sugeriu-se que a pesquisa se inicie em nossa região, na cidade de Itapajé, se tornou possível encontrar a partir desta primeira impressão, os artifícios necessários para a definição de um roteiro de pesquisa.

Esta pesquisa se desenvolve como metodologia bibliográfica de cunho qualitativo, utilizando inicialmente o livro “História do Ceará: dos índios à geração cambeba” de Airton de Farias para construir o Capítulo 1, “A colonização do Brasil: origem e resultados” e seu subtópico: Brasil e Portugal: irmãos de fé ou inimigos de Guerra?” onde será contextualizada a colonização cearense e a influência dos portugueses na definição de nossa religião, bem como o Capítulo 2. A catequese no Ceará e seu subtópico Aldeamento versus Santas Missões. Os dois primeiros capítulos irão tratar da presença





histórica dos aldeamentos e das Santas Missões como formas de aproximação do indígena cearense.

Posteriormente, será analisado o livro “Histórias da minha terra” escrito pela Prof. Zelândia Bastos e o livro “A lenda do Frade de Pedra” do autor Sérgio Magalhães para a escrita do Capítulo 3. Narrativas literárias da Pedra do Frade e suas especificações: Antônio Martins e a Pedra do Frade, A lenda do Frade de Pedra, que oferecerá material para que seja possível analisar a história da aproximação europeia em Itapajé, a construção das igrejas, a influência da religião na origem da cidade, considerações acerca do nome da pedra e a importância para a cultura do município. Será tratado no Capítulo 4 acerca dos símbolos municipais; a bandeira e o hino e de que estes ainda carregam a Pedra do Frade em sua retratação, bem como a origem do termo e ao fim, estará presente as considerações finais.

Espera-se que este trabalho sirva como uma forma de atuação para o estudo e o ensino de História e Geografia, tanto do Ceará quanto de Itapajé através da Literatura e de como podemos refletir acerca da sobrevivência de nossa civilização intercultural.

### **A origem da colonização no Brasil e suas consequências**

Quando consideramos falar sobre o período da história nacional denominado Brasil Colônia, sempre somos levados a visualizar o primeiro contato entre aborígenes e colonizadores em uma praia trocando especiarias raras por espelhos. Entretanto, quase sempre é deixado de lado a origem daqueles que conquistaram nosso território, sendo tratado como irrelevante o contexto social em Portugal durante os anos que antecederam as navegações até a América do Sul e conseqüentemente, ao Brasil, estabelecendo aqui a extensão do Império Português.

Neste capítulo, iremos tratar sobre a situação sociopolítica de Portugal antes e durante o “descobrimento” e bem como suas principais motivações e necessidades em procurar constatar se realmente existia vida além do continente europeu. Além disso, iremos traçar questionamentos acerca



da rivalização existente entre Brasil e Portugal e se podemos considerá-los nossos inimigos ou se são, na verdade, complementares à construção da cultura brasileira.

### **Quem é Portugal: considerações sobre o mito fundador e o contexto social português antes da Ilha de Vera Cruz**

O que pouco é comentado acerca de nossos colonizadores, é a origem do próprio país, história esta que devíamos ter o direito de conhecer, posto que interfere diretamente em nosso desenvolvimento enquanto sociedade civil. Considerando que aqui chegou somente uma parcela da população portuguesa, uma amostra da sociedade lusa, seria desonesto não discutir como surgiu e como se encontrava o resto do país antes e durante as navegações.

Iniciemos considerando o mito fundador da sociedade portuguesa que se inicia durante a ocupação da Península Ibérica pelos mouros, povo africano originário de um local entre a Argélia e o Marrocos que ocupou a Europa durante oito séculos, entre os anos de 711 e 1492. Apesar de levarem consigo seus conhecimentos musicais, científicos e cultura gastronômica, a presença dos mouros nesta região deu origem à conflitos que mudaram para sempre a história do mundo, como destaca NAVARRO (2018):

“ No início do século VIII d.C., os mouros se converteram ao islamismo após o contato com árabes vindos do Oriente Médio para espalhar os mandamentos do profeta Maomé. A religião que os mouros levaram consigo ao invadir a península Ibérica contribuiria, porém, para sua expulsão da Europa. Foi o sentimento antimuçulmano que fez crescer, nos territórios cristãos ocupados, a resistência aos invasores a partir do século XI. (pág 1)”

Durante oitocentos anos, a região hoje conhecida como Portugal, sofreu grande influência



dos mouros, que conquistaram determinada parte do território português e espanhol, comandando os povoados, costumes e a religião do povo ibérico. Entretanto, como cita NAVARRO, os europeus começaram a organizar formas de retrucar os domínios deste povo, motivados principalmente pelas diferenças religiosas,

“A Batalha de Covadonga, em 720, trouxe a primeira grande derrota moura. Seu principal personagem foi o espanhol Pelayo, fundador do reino cristão de Astúrias, que conseguiu resistir a fortes ataques dos exércitos muçulmanos, muito superiores numericamente.” (pág. 1)

A partir deste acontecimento, os europeus iniciaram de forma sistematizada as tomadas de territórios dos muçulmanos, dando origem ao episódio conhecido como Guerra da Reconquista. Neste processo, a vitória mais significativa para nossa pesquisa foi a da Batalha de Ouriques, onde o conde Afonso Henriques conseguiu liderar o movimento de autonomia e delimitar o território português.

Além disto, esta batalha, foi responsável por nutrir e cultivar na gênese da sociedade portuguesa, um sentimento de superioridade, pois, reza a lenda que Henriques se recolheu para um local específico e ao olhar o céu, avistou Jesus Cristo crucificado com vários anjos ao redor, este lhe falou que ele venceria a batalha e seria responsável por disseminar os dogmas de fé cristã para o resto do mundo. Segundo o conde, Jesus disse-lhe: “ Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos impérios, e quero em ti, e nos teus descendentes, fundar um império para mim, pelo qual o meu nome seja levado às nações estrangeiras.”

Muitos historiadores encaram esse mito como uma mera fantasia, inventada para dar sentido e embasamento ao português de delimitar seu próprio território e justificar por meios piedosos, como frisa MALVEIRO (2017):

“ As vitórias de D. Afonso Henriques contra os sarracenos e as suas ambições políticas em formar um reino independente, carecia de fundamento e do



respectivo reconhecimento, nesse sentido haveria de mistificar a fundação do reino na criação divina. As vitórias nos campos da batalha e as conquistas territoriais, tomaram assim uma dimensão fenoménica. Haveria de glorificar e engrandecer as escaramuças, contra o infiel, pela conquista territorial e a expansão da fé, para justificar a pretensão de D. Afonso Henriques a ser rei dum reino soberano e independente.” (pág. 1)

Pesquisadores da Batalha de Ourique também contam que no dia da batalha, 25 de Julho de 1139, era aniversário de Dom Afonso Henriques e dia de Santiago de Compostela, conhecido como “mata mouros”, o que torna tudo ainda mais enigmático e cheio de detalhes.

A história oficial portuguesa considera até então, o significado dos símbolos desenvolvidos na bandeira como fatores que eternizam esta batalha, um escudo com cinco quinas que representam os cinco reis mouros derrotados e os cinco pontos dentro das quinas, simbolizam as chagas de Jesus Cristo. Entretanto, alguns pesquisadores subvertem esta interpretação e acreditam que Dom Afonso havia pensado em todos esses detalhes antes mesmo de anunciar a bandeira, de modo a justificar seu reinado.

Nota-se desde a gênese memorial portuguesa, a presença da religião católica como um fundamento para legitimar as ações da coroa, que buscava cada vez mais se sobrepôr aos outros territórios europeus, como França e Holanda.

Nos séculos seguintes, iniciou-se as navegações para os continentes ainda não explorados conhecidos como “Novo Mundo” com o objetivo de garantir o funcionamento de novas rotas de comércio e expandir de forma significativa a conversão ao cristianismo - consideremos aqui o fato de que grande parte da população portuguesa era recém convertida e possuía uma grande influência mulçumana e judaica em sua formação humana -. Até mesmo Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, afirmou que a causa maior em povoar o nosso país era a propagação da “santa fé



católica”.

Uma das principais obras que relatam este processo é o clássico lusitano, “Os Lusíadas” de Luís Vaz de Camões, onde o povo português é descrito como bravo e heróicos, encarando o perigo dos mares e os imprevisíveis acontecimentos ao se estabelecer no desconhecido sempre protegidos pelo “Criador” que observava tudo e assegurava que tivessem êxito.

### **Brasil e Portugal: irmãos de fé ou inimigos de guerra?**

O fato de sermos uma mistura de vários povos, termos fortes influências africanas e indígenas, é inegável. Por vezes, brasileiros e portugueses se estranham na internet e pessoalmente, como no caso dos universitários que foram recebidos em Portugal com cartazes de “Não alimentem os pombos” em referência ao fato do grande número de aprovações brasileiras em faculdades lusitanas que fariam com que eles se sentissem “roubados” e ainda as piadas brasileiras em que o português sempre é descrito como sem muita inteligência e incapaz de fazer negócios apesar de muito ambicioso.

Entretanto, temos em nossa composição a presença do português de uma forma muito forte e ao mesmo tempo sutil, tomando como exemplo o livro “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, onde somos apresentados constantemente a letras de fados, um estilo de música portuguesa muito dramática e triste, que parece muito com as letras de músicas de um proto gênero atual conhecido como “sorrência”. Devemos enxergar os vários aspectos advindos de nossa origem, não ignorando também a participação significativa da Espanha e da Igreja Católica no que viria a ser a origem do quinto maior país do mundo e um sexto país mais populoso.

Em Junho de 1494, os reinos de Portugal e Espanha dividiram o local conhecido como “novo continente” que acabara de ser descoberto por Cristóvão Colombo em dois, por meio de uma linha imaginária era possível visualizar de que modo os reinos delimitavam de quem seria a propriedade dos locais explorados por eles no documento conhecido como Tratado de Tordesilhas. Assinado pelo



rei de Portugal, na época Dom João II, em uma ilha castelhana e aceito pelo Papa Julio II, este foi um dos primeiros acordos internacionais conhecidos, chegando a ser considerado como a origem da União Europeia da atualidade. Sobre a reação das outras monarquias acerca do tratado, escreveu SOUSA (2020):

“ Pouco tempo depois, as determinações desse tratado seriam questionadas pelas outras nações europeias que iniciavam seu processo de expansão marítima. Diversos monarcas não aceitavam o fato de a divisão ter se restringido aos países ibéricos. Os franceses, por exemplo, passaram a organizar expedições marítimas para o Brasil em sinal do não reconhecimento do tratado. As nações que protestaram contra, na verdade, reivindicavam o princípio de posse útil da terra para legitimar a exploração colonial. (pág. 1)”

O primeiro contato dos portugueses com o solo brasileiro se deu em 22 de Abril de 1500 no litoral da Bahia, sendo liderados pelo capitão-mor Pedro Álvares de Cabral, avistaram o que viria a ser chamado de Monte Pascoal e no dia 26, o Frei Henrique de Coimbra celebrou a Missa antes de partirem para as Índias, este momento é considerado o “batismo” do Brasil e ficou eternizado no quadro “A primeira Missa” de Victor Meirelles.

Esta obra foi pintada no século XIX e é uma das maiores expressões históricas acerca do descobrimento do Brasil. A análise cromática e das posições desta pintura, nos permite interpretar que desde o início da colonização, antes mesmo da chegada dos jesuítas e início do processo de catequização, o indígena é encarado como alguém cuja religião não importava e que não possuía capacidade de distinguir o certo do errado. Sobre a análise semiótica deste quadro, MARRONI (2018) infere:

“ Os índios, os portugueses, a presença de vegetação, os tons marrons e verdes evidenciaram a constatação da categoria terrestre. Já, na segunda zona, a presença dos tons azuis, em quase toda a sua extensão, e a cruz, que aparece



por inteira no lado esquerdo da tela – como se estivesse servindo de elemento de ligação entre o céu e a terra – possibilitaram-nos caracterizá-la como sagrada. (pág.38)”

A fonte primária que possibilitou a pintura do quadro séculos depois do acontecimento, é a carta de Pero Vaz de Caminha para El Rei de Portugal, onde era descrito as primeiras impressões dos silvícolas. Esta carta é responsável por descrever o físico “pardo avermelhado” dos indígenas e seus comportamentos de inocência - como andar nu- e estranhamento - quando comeram comidas europeias -. Entretanto, a passagem mais importante para nosso estudo é:

“ Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.”

De forma pacífica, os portugueses iniciaram trocas com os indígenas. Entretanto, eles não imaginavam que existissem outras tribos que fariam alianças com outros países e que também houvesse frentes de resistência à colonização.

Estes acontecimentos resultaram em diversas guerras pouco comentadas entre os indígenas e europeus, principalmente nos estados que faziam parte do semiárido nordestino, como Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte ocupados grande parte por um grupo conhecido como Tapuias que contavam com cerca de cem línguas diferentes, destaca PIRES (2015):

“ Estudos atuais demonstram que esses povos pertenciam aos seguintes grupos culturais: os Jê, os Tarairiu, os Cariri e os grupos isolados e sem classificação. Entre eles podem ser citados os Sucurú, os Bultrim, os Ariu, os Pega, os Panati, os Corema, os Paiacu, os Janduí, os Tremembé, os Icó, os Carateú, os Carati, os Pajok, os Aponorijon, os Gurgueia, que lutaram ora contra ora



a favor dos colonizadores de acordo com as estratégias que visavam à sua sobrevivência.” (pág. 1)

Estes conflitos podem ser nomeados de formas diferentes, como Confederação do Cariri e Guerra do Açu, mas todas se referem ao mesmo acontecimento. Quanto a legalidade e impressão da época por parte dos portugueses, PIRES também tece considerações:

“Essa imagem reforçou os argumentos do conquistador de impetrar uma “guerra justa” para extirpar os “maus” costumes nativos, satisfazendo tanto as necessidades de utilização de mão de obra pelos colonos quanto à garantia aos missionários do sucesso na imposição da catequese. O resultado foi a criação de dispositivos legais que legitimavam uma guerra de extermínio. “ (pág. 1)

A partir do momento que os gentios demonstraram resistência a cumprir protocolos portugueses, bem como permitir que estes tomassem seu território, as batalhas, que mais uma vez foram justificadas pelos portugueses, se iniciaram. Este contraste entre o bom colono que enxerga a inocência do colonizado, chegando a compará-lo a Adão aos sangrentos embates de dois grupos por seus próprios interesses, nos deixam o questionamento: Brasil e Portugal: irmãos de fé ou inimigos de guerra?

### **A catequização do Ceará**

Nascido em 1491 em uma região ao norte da Espanha, nasceu um rapaz que viria ser conhecido como Inácio de Loyola que depois de dar uma guinada em sua vida, de cavaleiro para monge, se tornaria o fundador da Companhia de Jesus.





Este grupo ficou conhecido por estruturar um método de estudos e de ensino muito utilizado nos primeiros anos de colonização da América e foram importantes para o desenvolvimento da moral e do imaginário dos gentios, como destaca FERNANDES:

“A Companhia de Jesus pautava-se pela Ratio Studiorum, isto é, a “Regra de Estudos”, ou “Ordem de Estudos”, que levava em conta o conhecimento do latim, das sagradas escrituras e de textos da tradição ocidental. Esse método foi de essencial importância na atmosfera do combate religioso travado contra os protestantes. Em primeiro lugar porque a rigidez do método preservava os membros da Companhia de se interessarem pelas “novidades” das teses protestantes e, em segundo lugar, servia-lhes em seus destinos como missionários, principalmente no chamado “Novo Mundo””.

Entretanto, tanto os colonizadores quanto os jesuítas demoraram mais que o normal para chegar ao nosso estado Ceará, posto que ainda fazíamos parte da capitania de Salvador e não existia uma finalidade específica para o desenvolvimento de nossa região, sendo explorada com mais de cem anos de “atraso”.

Os primeiros registros das visitas dos jesuítas em nossas dependências se deu com Luís Figueira - que posteriormente virá a visitar a região de Itapajé - e Francisco Pinto na serra da Ibiapaba, como destaca XAVIER (2010):

“Em 1607, no começo do mês de fevereiro, fizeram-se notados os primeiros jesuítas no Ceará. Francisco Pinto e Luiz Figueira, segundo este último, chegaram “cõ intenção de pregar o evangelho aaquella desemperada gentilidade” e fazer “cõ q se lançassem da parte dos portugueses”. Vindos de Pernambuco, intuíam atingir o Maranhão e lá fixar uma Missão para assistir na fé cristã índios deste lugar. No itinerário realizado para tal fim, dos nativos com os quais



se depararam os de linhagem Tupinambá foram os mais cordiais. Os “costumes destes da Ibiapaba”, os Tabajara, muito interessou aos inacianos por obterem melhor receptividade entre eles “em 4 ou 5 mezes q’ cõ elles” ficaram, período em que vivenciaram um processo complexo de relações, marcado por estranhamentos, confrontos de leituras e olhares de ambos os lados.. O ponto final dessa primeira empreitada jesuítica culminou com a morte de Francisco Pinto, no início de 1608, trucidado pelos “caririjus” (ou tocarijus) quando ia com seu companheiro Figueira da Ibiapaba para o Maranhão, sendo que este último conseguiu escapar. Após este episódio, de acordo com as palavras do padre Antonio Vieira, os Tabajara vingaram “a morte de seu pastor, na qual se mostraram tão cavaleiros que, fazendo guerra em toda a parte aos Tucarijus, apenas deixaram desta nação quem lhes conservasse o nome e a memória” (pág 43 - 44)

Apesar desse trágico primeiro contato, foi possível para a Companhia de Jesus, fundar o aldeamento de Nossa Senhora da Assunção em 1695 em Ibiapaba, atual Viçosa do Ceará.

### **Aldeamento versus Santas Missões**

O aldeamento consistia em uma espécie de “tribo” fechada em que os índios podiam plantar, caçar e pescar enquanto recebiam doutrinação católica, ouviam sermões e rezavam o rosário. Esta metodologia catequética era exclusividade dos jesuítas, que acreditavam estar construindo um imaginário europeu - considerado superior e valioso - nos aborígenes, que na verdade, criavam cada vez mais aversão por esse estilo de vida.

“ Nos aldeamentos jesuíticos, os índios eram educados para viver como cris-



tãos. (...) Os jesuítas valiam-se de aspectos da cultura nativa, especialmente a língua, para se fazerem compreender e se aproximarem mais dos indígenas. Essa ação (...) violentava aspectos fundamentais da vida e da mentalidade dos nativos, como o trabalho na lavoura, atividade que consideravam exclusivamente feminina. (...) Os religiosos argumentavam que as aldeias não só protegiam os nativos da escravidão e facilitavam sua conversão, mas também forneciam uma força militar auxiliar para ser usada contra tribos. (...) Os efeitos dessa política eram tão agressivos e aniquiladores da identidade nativa que, não raro, os índios preferiam trabalhar com os colonos, apesar de serem atividades mais rigorosas, pois estes pouco se envolviam com seus valores, deixando-os mais livres.”

Muitas cidades cearenses, além de Viçosa do Ceará, surgiram de aldeamentos, como por exemplo, Parangaba, Caucaia, Pacajus, Messejana e Crato e resistiram até hoje como centros urbanos. Entretanto, no ano de 1759, após uma suspeita de conspiração dos jesuítas contra o Estado, Marquês de Pombal exige a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil.

Neste mesmo século, destacou-se a presença de outra ordem no Ceará que buscava a consagração destas terras, os franciscanos ou frades capuchinhos que eram em sua grande maioria italianos e franceses e contavam com um novo método de evangelização: as Santas Missões ou Missões Populares.

As Santas Missões dos capuchinos eram móveis, eles passavam cerca de dez a doze dias em um local por convite da própria população. Esse novo método foi muito proveitoso, posto que até hoje ainda é usado pela Igreja Católica .

Durante as Santas Missões, os freis buscavam o máximo de cavaleiros possível para os acompanhar, estavam sempre em ritmo de festa e a missão terminava com uma procissão de vaquei-



ros - atualmente tradição conhecida como “cavalgada franciscana” - que por serem sempre tão solitários, ficavam empolgados e se envolviam completamente.

### **História da formação de Itapajé**

Em uma carta escrita por Luís Filgueiras no dia 26 de Agosto de 1609 dirigida a Roma e divulgada em 1903 por Barão de Studart pode ser considerada como o primeiro registro da Serra de Uruburetama que viria a ser, posteriormente, o município de Itapajé, no interior do Ceará:

“Gastamos 12 ou 13 dias, sem saber bem quando era manhã nem noite, com os espessos altíssimos matos, por baixo dos quais íamos rompendo a força de braço e ferro, subindo e descendo rochedos que excedam toda a exageração. (...) Nesta triste serra dos corvos parece que se juntaram todas as pragas do Brasil, inumeráveis cobras e aranhas a quem chamam de caranguejeiras, peçonhentíssimas, de cuja mordedura se diz que morrem os homens; carrapatos sem conta, mosquitos e moscas que magoam estranhamente e ferem como lancetas, fazendo saltar o sangue fora e, assim, pareciam os índios leprosos das mordeduras; nem eu fizera caso de escrever essas cousas se não fossem extraordinárias.” (pág. 17)

Segundo SILVA (2000), ainda nesta mesma visita a serra de Uruburetama - que significa em tupi ‘morada dos urubus’ - os padres teriam avistado uma “ama agulha de granito”, cuja a aparência com um frade teria resultado no batismo da região como Vale do São Francisco, local que atualmente conhecemos como a Pedra do Frade.

Apesar de não ter esse relato na carta de Luís Filgueiras, a tradição histórica considera aquele momento como a determinação do município de Itapajé. Não temos registros também do encontro



desses frades com nossa tribo aborígene, os Guanacés, mas é possível considerar que este mesmo local fosse utilizado anteriormente para cultos pagãos, visto que muitas das nossas práticas religiosas advém do sincretismo entre a religião cristã e crenças indígenas.

### **A tribo Guanacés e o esquecimento de nossa origem indígena**

A nossa tribo era vasta por toda a região do Ceará e sofreu diversas tentativas de aldeamento, como na Missão de São Francisco de Xavier, que acabou levando ao confronto com os Tabajaras e foram devolvidos para a Serra de Uruburetama, pouco tempo depois em 1667, suas mulheres e filhos foram entregues à guarda dos Jaguaribara, o que fez com que em 1671, recorram ao Capitão Mor propondo a submissão em troca de suas famílias.

Durante o ano de 1713, com pouco mais de duzentos indivíduos, eles abandonaram a aldeia e se juntaram aos remanescentes das tribos Paiacu e Tremembé e planejando vingança contra os colonizadores atacando a povoação de Aquiraz, uma grande chacina que resultou novamente na prisão aldeamento de Ibiapaba, chegando lá, novos conflitos, destaca um documento enviado aos superiores da Missão do Maranhão:

“Os tapuias da Nação Anacé, a quem chamam de corso, fizeram grandes estragos no Arraial da Parnaíba, da parte do Maranhão, matando o mestre de campo, Antônio Souto Maior e a muitos brancos, além de haverem praticado furtos na Ribeira do Coreaú, agregando sob o seu comando muitos índios aldeados. Achando-se estes índios envolvidos em delictos de tamanha gravidade, mesmo depois de aldeados, mandou o chefe do governo fazer-lhes guerra com tanto sucesso, que apenas quarenta deles puderam escapar das armas.”  
(pág. 23)



Finalmente, os sobreviventes da tribo Guanacés foram introduzidos à Missão do Bom Jesus da Parangaba, dando conclusão a uma história de lutas e resistências e que são vagamente lembradas como nos nomes da rádio e do clube Guanacés, mas nunca aprofundadas, o que faz com que a lembrança dos nossos povos originários fossem deixados de lado e as pessoas continuassem sem conhecer a história de seus ancestrais.

### **As Santas Missões em Itapajé**

Entre as missões compreendidas nos rincões do Ceará, estava a de Santa Cruz de Uruburetama feita por Frei Vidal Fascarolo da Penha, uma figura conhecida como “o profeta do sertão” e protagonista de diversos cordéis, onde fincou o cruzeiro na construção da primeira Igreja, a Capela de Nossa Senhora da Penha, que teria sido um encomenda de Francisco Barroso Curú em cumprimento de uma promessa, segundo BASTOS (2006):

“Segundo as primeiras famílias da região, foi Frei Vidal da Penha que marcou o lugar onde deveria ser construída a Igreja, em direção ao poente. Por razões desconhecidas não foi cumprida a recomendação do virtuoso frei o que a levou a demolição daquela primeira capela que ficava ao sul da atual, como se pode verificar, quando ali foram feitas escavações, e encontradas sepulturas com ossadas humanas (sepultava-se na Igreja).“ ( pág. 44)

Somente em 1825, a Capela foi reconstruída em direção ao poente, que 25 anos, em 3 de Dezembro de 1849, seria elevada a Matriz da paróquia, mesmo ano em que o pequeno arraial de São Francisco foi instituído como município.

### **Narrativas Literárias da Pedra do Frade**



Como já vimos anteriormente, a Pedra do Frade foi um fator importante para a definição e localização da cidade desde as primeiras visitas dos europeus. A sua semelhança com São Francisco fez com que no ano de 1837, Francisco da Cunha Linhares e sua mulher, Dominga Pereira Pinto doaram, para a construção de uma capela dedicada a São Francisco, um terreno na região, posteriormente no ano de 1864 seria transformada em Matriz, passando por intensas reformas de seu pároco Monsenhor Catão Porfírio Sampaio.

Nesse ínterim, o nome da cidade foi modificado de Vale do São Francisco para Itapajé que em língua tupi significa “pedra do feiticeiro”, o que aumenta ainda mais as chances de antes da invasão europeia, aquele local ter sido considerado sagrado para os aborígenes e até hoje para a população itapajeense em geral.

Segundo o último censo do IBGE (2021), a população da cidade de Itapajé era de aproximadamente 53.448 pessoas distribuídas em 439.501 km<sup>2</sup>. A cidade possui a topografia acidentada e é cortada pela rodovia Fortaleza - Teresina na BR 222, uma das mais movimentadas do Ceará. Está localizada em uma das doze regiões que se divide o Estado: a do Sertão Norte. Tem limites com os municípios de Irauçuba, Umirim, Uruburetama e Tejuçuoca.

A temperatura oscila entre 32 e 26 graus. Possui riquezas de origem vegetal, como maniçoba, cajueiral, carnaubeiral e oiticicas. Foi uma das pioneiras no movimento abolicionista, libertando seus escravos no dia 2 de fevereiro de 1883. Tem um expoente de artistas e escritores, bem como visitantes que escreveram sobre a cidade.

Neste capítulo, serão traçadas e analisadas algumas narrativas literárias sobre a Pedra do Frade e conseqüentemente, sobre a cidade de Itapajé.

## **A Pedra do Frade**



A 900m de altitude, a formação rochosa que se tornou símbolo da cidade tem que ser observada de um determinado ângulo para que a imagem do frade se apresente a olho nu. De perto, é possível observar um corte de cabelo característico dos freis capuchinhos, além da veste com capuz, a posição de joelhos e detalhes característicos de um rosto humano. Apesar de o nome do local ser genérico, todas essas características foram relacionadas a um frade específico.

Giovanni di Pietro di Bernadone, frei católico nascido em Assis na Itália durante a Idade Média que recebeu notória atenção por se desligar de sua família aristocrata e conviver com os pobres, fundado a Ordem dos Frades Menores e ficando mundialmente conhecido como São Francisco.

A devoção brasileira por este santo é muito forte, principalmente no nordeste, sendo possível observar as romarias em cidades como Canindé, onde os pagadores de promessas vão de marrom, às vezes se dirigem ao local de pés descalços e alimentam um enorme comércio de turismo religioso. Não é atoa que o santo conhecido por ajudar a banhar os leprosos, se desfazendo completamente de sua herança, se tornou tão popular em um país com tanta miséria e desigualdade social.

O imaginário do brasileiro, principalmente do nordestino cearense, se constrói a partir das necessidades, dentre elas, a de sobrevivência. Sobreviver e resistir é um ato de rebeldia contra quem espera nosso perecimento. A crença de que existe uma força protetora que nos leva a persistir se reforça quando vemos de forma material, como uma pedra gigantesca no horizonte que nutre em si muitos mistérios e simbolismos.

Tantas lendas já rodearam este bloco de granito, como a de que um grupo de alpinistas americanos tentou escalá-lo e não conseguia, quanto mais insistia, mais longe do topo, ficavam. Conta-se que o frade petrificou-se por ter ficado apaixonado por uma indígena, também há quem acredite que o próprio pajé da tribo que fez o feitiço, daí viria o “feiticeiro”.

É necessário que consideremos diversas formas de enxergar esse fenômeno, é disso que se trata este trabalho. Posto que além desta, a cidade possui outros pontos turísticos também de material rochoso, de grande porte e com formações peculiares, como a Pedra da Caveira, que tem esse nome





pela semelhança com um crânio humano, situada na Serra do Camará e a também conhecida Pedra dos Ossos, caverna utilizada como devoção religiosa que guarda um histórico de milagres, local que faz parte do distrito de Baixa Grande. Enquanto a Pedra do Frade fica mais próxima da sede.

É importante salientar que nenhuma dessas pedras foi tombada como monumento histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como outras importantes estruturas que resistem - ou que se perderam - na cidade, como a casa do escritor Quintino Cunha e o Chalé Colonial utilizado por Dom Pedro II.

Todas estas maravilhosas oportunidades de explorar nosso passado por meio do patrimônio material não são possíveis, pois todos estes monumentos, incluindo a Pedra do Frade, são propriedades particulares ou de matriz pública negligenciada.

### **Antônio Martins e o sentinela do mundo**

Este tópico trará a primeira análise de fragmento literário relacionado a Pedra do Frade, é um poema do jornalista fortalezense Antônio Martins Filho, que com o pseudônimo de Deliste, publicou diversas poesias em folhetins, como “Brisa”, “Mocidade” e “Lira”.

Além disso, foi um importante personagem na luta abolicionista do Ceará, sendo um dos criadores da Associação do Porvir, que ao viajar para o pé-da-serra itapajeense escreveu:

Como ele é majestoso,  
Viu passarem com os séculos gerações  
a se abismarem na tumba das idades.  
Sentinela do mundo no seu posto.  
Tem das procelas, rugas, pelo rosto,  
Suco das tempestades.



Fez-se um monge...preferiu a cela escura.  
O ambiente sagrado da natureza,  
entre os muros azuis das cordilheiras.  
E aí, num paraíso ao céu aberto,  
constitui-se um marco no deserto.  
Âncora da fé na crença derradeira.

Analisando o poema de um modo geral, tem somente duas estrofes com pausas não muito curtas entre os sons, o que causa um ritmo mais fluido e calmo, como se ouvíssemos pessoalmente o autor descrever o que está vendo.

Na primeira estrofe, sem falar claramente ao que se refere, o autor inicia com um adjetivo substantivado: majestoso. Posteriormente, diz que o monumento viu passarem gerações que já se foram, ou seja, grande quantidade de pessoas que já residiram na região desde a época que começou a ser povoada e como um “sentinela do mundo” ainda se mantém estático a observar tudo o que ocorre nas localidades.

As tempestades lhe causaram “sucos pelo rosto”, o que no caso está relacionado às mudanças fisiográficas da região, chuvas fortes ou secas intensas que poderiam por um acaso ter destruído a pedra, desgastá-la a ponto de deformá-la, mas segundo a visão do autor, somente lhe causou sucos no rosto, como um senhor idoso que tomou muito sol e possui cicatrizes na pele.

Na segunda estrofe, agora definindo que o referido optou por se fazer monge e com as reticências deixa um rastro de incerteza quanto à sua escolha pela “cela escura” que pode simbolizar os altos arbustos existentes na região, e também a solidão em ter que ficar distante de toda a civilização, um custo a ter que ser pago por viver em um “ambiente sagrada da natureza” com cordilheiras azuis, que provavelmente é a vista do alto do Camará, onde é possível enxergar o céu do litoral da cidade de Itapipoca. Fundem-se o clima nublado da serra e a paisagem praiana.



Ele segue afirmando que o monge resolveu permanecer em um “paraíso ao céu aberto” e se distinguir como “marco no deserto”, ou seja, apesar de viver solitário e isolado, permanece próximo a Deus e em um local privilegiado por ser próximo a natureza, o que faz com que o autor termine o definindo como “âncora da fé na crença derradeira”, ou seja, um fator deliberativo para a permanência da religiosidade na região, mantendo-se imóvel por uma causa significativa.

### **Sérgio Magalhães e a lenda do frade de pedra**

Se para Antônio Martins, o monge se mostra imponente e solitário, para o cordelista itapajense Sérgio Magalhães, conhecido como Pinto de Ouro, ele já se mostra suplicante e penitente, e foi através dessa percepção que ele escreveu sua última obra, “A lenda do frade de pedra”, onde reúne algumas generalizações da lenda e constrói um cordel.

O livro foi lançado pela editora Jardim Literário, com ilustrações em xilogravura de Maércio Siqueira e escrito em conjunto com a escritora e pintora Kátia Castelo Branco. Este projeto foi homenageado por artesãos da cidade que produziram alguns quadros com a fibra da bananeira inspirados nas passagens do livro.

Será posto aqui algumas dessas passagens com comentários acerca das lendas. Inicia-se com a descrição de um frade em um povoado de interior, seguindo os três pilares das ordens franciscanas: pobreza, obediência e castidade:

“Um frade temente a Deus  
Por votos de obediência  
Proclama zelo ao seu próximo  
E ofertando assistência  
Acolhendo seus fiéis  
Com amor e paciência” (pág. 6)



O desenrolar da história acontece com o despertar da paixão de uma moça pelo humilde frade, que por negar-se a tal erro, sofre com a insistência dela:

“A jovem se desdobrava  
Em vultoso devotamento  
O frade rogava ao Pai  
Que lhe desse o livramento  
E que a sua missão  
Fosse de Deus instrumento” (pág 9)

Decerto, o frade desta lenda se assustava com a falta de modéstia por parte da moça, que apesar de ser rejeitada e constantemente repreendida, não se deixava abalar em suas insistentes tentativas de aproximação ao padre. Na derradeira vez, vestiu-se de noiva com buquê e o perseguiu até uma montanha:

“Sem rumo e muito confuso  
Rogava a Deus por clemência,  
E o frade em denso pranto  
Comprova sua obediência  
‘-Antes eu virasse pedra,  
Que cometer tamanha imprudência!’” (Pág. 15)

Os autores explicam que a moça se sentia extremamente culpada ao ver o padre transformar-se em pedra, pediu também a Deus que a petrificasse e assim pudesse pedir sempre perdão a Deus por sua falta de caridade com o frade.

Também escrevem que o padre havia recebido um dote em alto valor para as obras da paró-



quia da cidade, este saco de moedas de ouro se perdeu durante a fuga e que um dia há de ser encontrado por algum aventureiro. A presença desse elemento conhecido pela cultura popular como “botija” é muito comum em livros de cordel, bem como a recompensa para quem consiga resolver o mistério, prendendo desta forma, o ouvinte a história.

O livro finaliza com o seguinte verso:

“Uma névoa esbranquiçada  
Veste a robusta colina  
Mistificando uma senda  
Que a intercessão Divina  
Esculpiu como perpétua:  
“O casto amor à batina!” (pág. 22)

Podemos concluir com a análise breve dos fragmentos deste livro de cordel, a presença factual e ficcional até os dias atuais das Santas Missões e dos freis capuchinhos no imaginário popular da cidade, deixando que um tema se sobressaia a outros: a Pedra do Frade. As diferentes explicações para sua formação particular são de um valor essencial para a construção da memória de nossa cidade. Portanto, estas duas obras merecem ampla divulgação e investimento público que os tornem conhecidos pelas gerações que irão de vir.

### **A Pedra do Frade em símbolos municipais**

Todas as cidades têm constituídas em lei, seus símbolos municipais, sendo estes: o brasão, a bandeira e o hino. Normalmente, são colocados elementos que representem o desenvolvimento econômico com palavras que signifiquem historicamente para aquele povo ou região.

A Pedra do Frade está presente em todos os símbolos itapajeenses, sendo acompanhada de



dois outros ítems importantes para nossa história: a banana e o algodão, posto que as serras de Itapajé são grandes produtores de banana sem agrotóxico e que em tempos antigos, fomos um dos principais exportadores de algodão, conhecido até hoje como “ouro branco” pelo valor que agregou à província do Ceará.

### **O hino de Itapajé**

Durante o centenário de Itapajé, em 1959, Eida Leite Lousada e Paulo Vieira de Mesquita escreveram o hino de Itapajé, que possui em seu estribilho as seguintes passagens:

Sob as vistas do monge lendário.  
Hoje, em festa, de luz se engalana. (...)  
Recostada na serra bendita  
Qual vigia zeloso e valente  
Reza um frade de pedra e medita  
Nos destinos da mais brava gente.

Podemos perceber que assim como o poeta Antônio Martins, os escritores do hino também consideram o frade de pedra um “vigia” que em sua “serra bendita” reflete sobre os destinos da população. Sempre em uma posição de autoridade transcendental, o monge torna-se como um símbolo de proteção e segurança para todos os que estão abaixo dele.

### **A bandeira**

Durante o ano de 1972, o prefeito de Itapajé, Francisco Chaves Bastos, conhecido como Dr. Ary, concretizou em lei a criação da bandeira de Itapajé que fora primeiramente organizada durante



o governo de Roque Silva Mota. Ocorreu um concurso, que através do qual, o vencedor deveria idealizar a bandeira do município e a escolhida seria determinada como a oficial.

A ganhadora foi Icléa Macedo Coutinho que desenhou um campo retangular azul, projetando em cima, uma cruz branca. Localiza-se um brasão de forma oval no eixo dessa cruz, orlado por um torçal amarelo como um contorno de ouro. Ao lado direito do escudo, está um festão de ramo de algodoeiro, e ao lado esquerdo, outro ramalhete, formando um cacho de banana. Abaixo, uma faixa branca escrito “Município de Itapajé”. Ao centro do brasão, como o perfil da cidade, está a gravura da Pedra do Frade, demonstrando sua distinção em meio aos outros símbolos.

### **Considerações finais**

Tanto na letra do hino, quanto nas representações na bandeira do município, é reconhecido que o desenvolvimento social da cidade e os princípios que regem os cidadãos se iniciou no período das grandes incursões de Portugal, país este que detém desde seu imaginário de formação a religião cristã católica como um ponto de valor determinante durante o desbravamento do Brasil, que pode ser notado na pintura “A Primeira Missa” de Victor Meirelles, onde o autor destaca as diferenças entre europeus e aborígenes.

Após estes primeiros contatos, iniciou-se o período de aldeamento no Brasil Colônia, o Ceará demorou mais de cem anos para ser verdadeiramente colonizado, posto que os indígenas tinham uma forte resistência aos aldeamentos, criando revoltas e guerras contra os padres, como aconteceu na tribo Guanacés da Serra de Uruburetama, tendo que ser fuzilada por falta de obediência aos jesuítas.

Como uma tentativa de resgate da memória e do patrimônio municipal, este trabalho buscou definir a Pedra do Frade é protagonista na fundação da cidade de Itapajé e em seu desenvolvimento moral e cultural, pois, faz-se necessário discorrer tudo o que há por trás dos significados no nome da cidade, das lendas em relação à pedra e aos símbolos oficiais do município.



Baseando-se nisso, podemos perceber que as narrativas literárias, tanto as escritas e publicadas quanto às orais, têm o poder cristalizado e formador. Por meio da análise do profundo poema do abolicionista Antônio Martins e do cordel de Sérgio Magalhães, foi possível sintetizar as diferenças nas representações da Pedra do Frade para a cultura da cidade e para o subjetivo de quem a admira. Ora, como um imponente vigia da população e ora um solitário frade suplicando perdão.

## **REFERÊNCIAS**

A batalha de Ourique. Disponível em: <<https://www.mitologia.pt/a-lenda-da-batalha-de-ourique-274825>>. Acesso em 30/08/2021.

ALTOÉ, Larissa. Resistência Indígena na História do Brasil. Rio de Janeiro: Mult Rio, 2017.

BASTOS, Maria Zelândia Sales Bastos. Histórias da minha terra. Itapajé: Editora Realce, 2006.

BRANCO, Kátia Castelo Branco e Sérgio Magalhães. A lenda do Frade de Pedra. Fortaleza, Editora Jardim Literário, 2020.

BRASIL. Ministério da Cultura. Departamento Nacional do Livro. A carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: .

Companhia de Jesus no Brasil. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/companhia-jesus.htm>>. Acesso em 30/08/2021.

FARIAS, Airton de. Histórias do Ceará: dos índios à geração cambeba. Fortaleza: Editora Tropical,





1997.

FILHO, João César Abreu de Oliveira. Da Igreja da Opressão à Igreja da Libertação: A produção do espaço e da luta pela moradia na cidade do Crato - Ceará. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2016.

Hino da cidade de Itapajé. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/hinos/itapaje/>> Acesso em 29/03/2021.

MARRONI, Fabiane Villela. Um estudo a partir da semiótica visual da pintura A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles. 29 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 29-41, jan./abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.81013>

NAVARRO, Roberto. Como foi a ocupação moura na Península Ibérica? Revista Superinteressante. São Paulo, SP: 2018.

SILVA, Francisco Carlos Bezerra. Sob as vistas do monge lendário. Fortaleza: Editora Mauro Morais, 2000.

SOUSA, Rainer Gonçalves. “Tratado de Tordesilhas”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/tratado-de-tordesilhas.htm>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

PIRES, Maria Idalina. Guerra dos Bárbaros – O terrível genocídio que a História oficial não conseguiu esconder . Blog da Editora Contexto. São Paulo: 2019.



XAVIER, Maico Oliveira. Índio e jesuítas na aldeia da Ibiapaba (1700 - 1759). *Revista Historiar*, ano II, n I. Sobral: 2010.



## *Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva*



A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).



O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# Índice Remissivo



## A

### Alunos

*página 112*

*página 115*

*página 178*

*página 182*

*página 183*

### Aprendizagem

*página 100*

*página 180*

## E

### Ensino

*página 112*

*página 121*

*página 173*

*página 186*

## L

### Literatura

*página 189*



*página 201*

*página 208*

*página 212*

**T**

Transtorno

*página 78*

*página 86*

*página 130*

*página 133*

*página 152*





Desse modo, em tempos que a produção científica requer cada vez mais qualidade e amplitude de abertura para diversos leitores se apropriarem dos estudos acadêmicos, criamos essa seção com o objetivo de metodologicamente democratizar o estudo, pesquisa e ensino na área da ciências humanas. Esse novo volume reúne diversos artigos rigorosamente avaliados e de extrema credibilidade científica e acadêmica para a sociedade. Desejamos que todos os leitores que façam um excelente proveito para aprofundamento teórico e crescimento pessoal por meio dos estudos publicados.



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA